

montanha a ter o parto não d'um rato mas de muitos » dizia o tenente Miranda quando preparava a metralhadora. « Se vierem esperae-os nas pontas das bayonetas, espetar-se-hão como croquetes em garfos », exclamava sereno o capitão Couceiro.

Depois de muitas irresoluções do lado do inimigo, em que os nossos ainda tiveram que representar o papel de provocadores, pronunciou-se um movimento offensivo. — Esperae que avancem, attenção aos toques, pontarias baixas ! gritaram os officiaes; e só quando as mangas chegaram a 150 metros do quadrado se ouviu a voz — fogo ! — Espessa nuvem de fumo envolve as quatro faces, as balas rapidas e sibilantes passam por cima das cabeças dos soldados, outras abrem um caminho sangrento, alguns homens caem, o chão tinge-se de vermelho, os cafres avançam sempre, as metralhadoras em gargalhadas estridulas marcam um caminho de cadaveres, as descargas succedem-se rapidamente, o fogo rapido tem por vezes vertigens de desespero. Duas vezes toca a — cessar fogo — era necessario limpar o horisonte cheio d'uma densa fumaceira, duas vezes os negros se aproveitam d'essa tregua momentanea para se aproximarem da força e pretenderem envolvel-a, duas vezes são repellidos, deixando o chão juncado de corpos, fugindo precipitadamente em differentes direcções, perseguidos durante alguns kilometros pelos auxiliares que acompanhavam a columna.

Dias depois uma nova investida das mangas accentuava-se entre o Magudo e o posto do Chinavane, tendo atravessado o lago Chuale, tentando forçar a passagem sobre o Incomati, acodem, porém, as guarnições dos fortes mais proximos, os mangas são atacadas com furia, os negros hesitam, recuam, desordenam-se e lançam-se na fuga n'uma carreira desordenada, sendo acossados de perto pela cavallaria, que os acutila até 6 horas do Limpopo.

A columna do norte, a de Inhambane, retardada na marcha por defficiencia de communicações e falta de transportes de toda a especie, seguiu d'aquella villa para Machiche, d'ali para o commando militar de Cumbana, avançou até ao lago

Poelella onde estua o rio Inharrime, proseguiu no caminho para oeste, levantou um posto fortificado em Mocumbi, outro em Guambá, acompanhou o percurso d'uma parte do regato Chicomo, aproveitando as boas aguas do seu affluente Danta, e ali estacionou durante alguns dias preparando-se para ir atacar Manjacaze.

Em 4 do corrente mez (novembro) iniciou-se o movimento n'esse sentido; a 5 encontrou na lagôa Coolera, que talvez seja a de Massecuâne ou Chlâchâne, uma força vátua, commandada por Godide, filho e successor do Gungunhana; travou-se combate, que durou 40 minutos, morrendo n'elle cinco dos nossos, ficando feridos 23 soldados e cabos, 9 auxiliares e 3 officiaes que são: o major Machado de caçadores 2, capitão Eduardo Costa de estado maior, o alferes Costa e Silva e um sargento.

O filho do regulo Binguana, outr'ora expulso das suas terras e assassinado pelas hordas do rei vátua, Spadhanhana, com cinco mil homens dos seus antigos subditos, precedeu e acompanhou a columna do coronel Galhardo.

As mangas do Gungunhana fugiram aterrorisadas diante do valor dos soldados portuguezes, a expedição, limpa a sua frente de inimigos, continuou a marcha para a frente entrando a 11 em Manjacaze, destruindo e queimando o kraal do até então poderoso potentado. Este, banido, proscripto, errante, homisiou-se n'uma floresta a tres dias de viagem da sua antiga povoação, esperando o menor signal de perigo para levantar arraiaes, e ir arrastar uma vida nomada pelo sertão onde ha pouco era soberano, até que seja feito prisioneiro, ou que uma bala ou azagaia escreva um epilogo sinistro na historia pouco épica do ultimo despota vátua.

N'esta segunda phase da campanha, como na primeira, tem conservado a marinha o seu papel proeminente. As canhoneiras *Sabre* e *Carabinda*, do commando dos tenentes Trajano da Rocha e J. Martins, vieram do rio Zambeze, onde estacionavam, até ao rio Incomati, onde estão actualmente, prestando o mais assignalado concurso ás forças de terra. Quem conhece os perigos da navegação do canal de Moçambique, pode bem admirar que fria coragem é necessario pos-

suir para arrostar n'uma lucta tão desigual e ingloria com aquelle mar e aquellas correntes tão traiçoeiras e poderosas.

Em Lourenço Marques foram armadas as duas canhoneiras construidas nas casas Yarron e postas logo em seguida a navegar.

A *Lacerda* está commandada pelo tenente F. Camillo Junior e a *Capello* por Alvaro de Soares Andréa. O vapor *Neves Ferreira*, hoje sob o commando do 1.º tenente Diogo de Sá, tem coadjuvado da mais proveitosa maneira toda a acção que tem sido necessario exercer contra as tribus revoltadas.

Está presente na memoria de todos como o *Neves Ferreira*, rebocando a *Capello* e outras lanchas, entrou a barra do Limpopo, barra difficilima pelos bancos que lhe obstruem o ingresso, pela ressaca da costa, pela furia impetuosa com que as ondas se quebram de encontro ás linguas de areia. Uma vez dentro do rio a flotilha seguiu pelas curvas sinuosas, bombardeando as margens, avassallando os regulos, dispersando as mangas armadas que appareciam d'um e de outro lado das vertentes, levando o terror, a morte, o incendio, ás povoações que ficavam ao alcance da artilheria de bordo.

A rainha do Chai-Chai, parente ainda do Gungunhana e que governava sobre uma extensa zona de terreno, veiu pressurosa pedir a paz, offerecendo-se para pagar tributo, accetando todas as condições de submissão que os briosos officaes Andréa e Sá lhe impunham....

Em Inhambane duas pequenas lanchas, a *Lisboa* e *Coimbra*, foram armadas, uma para navegar no rio da Mutanda, outra com destino ao lago Poelella, rio Inharrime e ribeira Danta, percorrendo em 9 horas a distancia que vae desde o commando militar do Inharrime até ao acampamento portuguez, na collina sobranceira áquella ribeira.

Eis a traços muito largos, porque nos escaceia o espaço, o que o exercito e a armada tem feito no sul da provincia de Moçambique, vinculando as tradições gloriosas de que nunca se affastaram, quer na Europa quer nas regiões mais longiquas do nosso imperio colonial.

Nós, os portuguezes, continuamos a ser o que fomos — velhos e bravos. — Velhos porque vimos affirmando, ha seculos, n'este canto de terra debruçado sobre o mar, a individualidade da raça, a autonomia da evolução politica, o amor da liberdade, a riqueza classica da litteratura nacional; — bravos — porque com a ponta das espadas escrevemos com o sangue dos inimigos subjugados uma epopeia em cada paiz, um canto em cada batalha, um poema em cada mar; poema, cujas estrophes principiam com Viriato nas regiões alcantiladas e agrestes de Vizeu, são continuadas por Gama e Albuquerque nos climas enervantes do Oriente, vão-se perpetuando em Africa nos sertões pantanosos e selvaticos.

A missão civilisadora do povo portuguez não está cumprida. Quem pretende que este velho leão agonisa moribundo, mente á historia, atraição os designios do futuro, insulta os homens de hontem, esbofeteia a geração de amanhã.

A marinha e o exercito continuam a sua tarefa. Herança immensa de que a responsabilidade lhes não peza, legado colossal que transforma cada camponez n'um soldado, cada soldado n'um heroe.

EDUARDO DE NORONHA.



## CARTAS DOS EXPEDICIONARIOS



Para melhor conhecimento da campanha da Africa publicamos em seguida diversas cartas de officiaes expedicionarios. A primeira, escripta pelo valente official Paiva Couceiro e dirigida a seus paes, dá noticia do combate de Magul. Eil-a :

« Porto de Xinavane, 9 de setembro. Cá estou bom de saude. — Tivemos hontem combate : chama-se o combate de Magul, pois que se deu perto d'este logar. Os pretos hontem bateram-se com lealdade : atacaram-nos em planicie rasa e a sol descoberto ; tal era a confiança na sua força que elles tinham. — Nós eramos poucos; uns 160 d'este posto e uns 130 que eu trouxera de Magude, quer dizer, pouco mais ou menos 290 brancos, com 4 metralhadoras e mais 31 angolas. Commandava o Andrade. — Fomos atacados por 13 mangas, que, calculadas a 350 homens, dão para ahí 4:500 homens. — Do nosso lado houve 5 mortos (1 sargento e 4 soldados de infantaria 2) e uns 30 feridos. Do lado d'elles não os contei todos, mas estendidos no campo ficaram semeiados em bastante numero. Eu recebi uma leve arranhadella. debaixo do olho esquerdo, (foi uma bala de raspão) que felizmente me fez apenas um pequeno córte : depois inchou e enegreceu em roda, mas não tem a minima importancia. Este combate teve uma especialidade, e é que foi um pouco á antiga, com desafio e tudo. Como dissera na carta anterior vim de Magude aqui no principio do mez e no dia seguinte a esse (foi o 3 de setembro), passámos aqui a ponte do Incomati, com a guarnição d'este posto e mais 1:041 auxiliares. Passámos

tambem o Coluana (rio que d'aqui dista em obliquo uns 5 kilometros). Depois a columna, que funcionava de guarda costas dos auxiliares, ficou, e eu avancei com os 1:041 ditos auxiliares. Avançamos até para alem de Magul (2 horas de marcha), e chegados ahi defrontámo-nos com muitos pretos, esperando-nos sobre a pequena linha de alturas que se seguia á planicie sobre a qual havíamos marchado. Eu ia a cavallo, com um sargento e quatro lanceiros, e os auxiliares iam divididos em quatro mangas de 250 homens cada uma. As minhas mangas á vista do numeroso inimigo estacaram e por mais que eu berrei, correndo com o cavallo para diante, não avançavam. — Ora dá-se o caso que o chefe rebelde Zichacha, a quem nós atacavamos, está, por ordem do Gungunhana, proximo de Magul, em terras que pertencem á Cossine, paiz aonde existe o posto de Magude. Ora nós temos estado em relações amigaveis (pelo menos apparentemente) com o regulo e gente das circumvisinhanças do referido posto, e acontece que Pasman, irmão do regulo, tem ido lá varias vezes e eu tenho o tratado bem, por sympathisar com elle. Esse Pasman é chefe nas terras orientaes de Cossine, junto ao lago Chwale, onde está alojado o rebelde Zichacha. — Chegado ao momento critico a que atraz me refiro, e não avançando a minha gente, avancei eu chamando muito de rijo: « Pasman! Pasman! » por saber que estavamos perto da povoação d'elle e ser natural que elle estivesse com a sua gente defendendo o Zichacha. — Effectivamente fui feliz, pois Pasman estava e sahiu das fileiras com bandeira branca para me fallar a mim, que estava distanciado já da minha gente e só com os cinco lanceiros e o Silva que é o nosso interprete. — Pasman é um rapaz novo e de muito bonita apparencia. Vi-nha todo emplumado em guerra e só com quatro homens. — Chegámos á falla e eu disse: « Pasman eu sou teu amigo, pois tu já bebeste vinho no mesmo copo que eu (isto era verdade); <sup>1)</sup> eu não quero fazer-te guerra, quero simplesmente

<sup>1)</sup> Isto parece talvez «historia» mas eu conto as cousas exactamente como aconteceram, supprimindo só alguns pormenores dispensaveis.

(Nota do auctor da carta).

agarrar Zichacha, porque Rei mandou que o agarrasse. Estou aqui com esta guerra que tu vês e lá atraz está meu irmão (é o Freire de Andrade) com os brancos: Se se entregar o Zichacha, vão-se embora as guerras e tudô acaba; se não m'ô entregas já vou lá atraz chamar meu irmão e juntos atacamos. — Depois de uma troca de palavras, Pasman disse: «Eu, só, não tenho poder para entregal-o, mas vou já mandar recado a Mojole (é um outro regalo adjacente e que pertence ao Gungunhana) e se elle concordar faz-se a entrega.» «Bem» disse eu «dou-te 3 dias: se ao fim de 3 dias o Zichacha não estiver entregue no posto de *Xinavane*, ao 4.º dia os brancos passarão o rio Coluana e atacarão esta terra. Agora vou mandar retirar esta gente que veiu commigo e pedir a meu irmão que saia tambem com os brancos.» E assim foi. — Voltámos portanto aqui ao posto, tendo-se salvado a situação. Depois fui ao posto de *Magude* e trouxe para aqui o reforço de 130 homens. No dia 6 completaram os 3 dias. No dia 7 partimos, passando o Coluana e acampámos; esperavamos ser atacados de noite, mas não o fomos. No dia 8 (hontem) avançámos direito a Magul. — Eu fui com as cavallarias; chegados proximamente ao mesmo sitio vimos o mesmo *espectaculo*, quer dizer, a linha de alturas cheia de gente, mas mais do que na vez anterior. Avisei para traz, e o nosso quadrado veiu avançando; — chegado onde eu estava, avançou mais um pouco, e fez alto. — O quadrado era de 2 fileiras; diminuiu-se e passou a ser de 3 fileiras, com a 1.ª ajoelhada; as metralhadoras aos cantos. — O inimigo não se mechia; os angolas e uns 150 auxiliares (n'este dio só traziamos esse numero d'elles) avançaram uns 400<sup>m</sup> e deram umas descargas de desafio, com o fim de fugirem em seguida, e o ataque ter lugar sobre nós. Em seguida ás descargas, a que elles não responderam, começaram a desfilar as mangas pelo nosso flanco esquerdo, descendo portanto para a planicie para nos envolver... Desfilaram assim 13 mangas. — Realizada essa operação mandaram atiradores para a frente e vieram-se approximando. — Approximados a uns 150 metros rompemos nós o fogo e começou o combate, o qual

pouco mais de meio hora durou, mas com fogo muito vivo. N'essas alturas já tínhamos duas metralhadoras encravadas e as armas escaldavam — mas felizmente o ataque, pelas baixas havidas, e por ter cahido o secretario grande do Zichacha, que era quem conduzia a gente da frente, fraquejou, e os homens retiraram-se rapidamente. Eis aqui, pouco mais ou menos, como foi o combate nas suas linhas geraes. — Em seguida a elle queimaram-se as povoações adjacentes, e voltámos para o posto, pois não tínhamos levado rancho, por não ter onde. — Tínhamos um só carro onde vieram alguns feridos sobre os corpos dos mortos. — Mataram-nos tambem 2 cavallos. — Fizeram fogo com armas boas (Martini e Sneider). — Chegámos aqui ao posto á 1 hora da noite um tanto cançados. — Os soldados soffreram bastante com a sêde, pois a agua do Chwale não presta, nem a dos charcos adjacentes; — bebeu-se, porque não havia outra e o sol era quente, mas era mesmo cinzenta. — Hoje vão os feridos para baixo n'um lanchão, a reboque da «Magaia» e enterram-se os mortos. — Aqui está tudo bem disposto, por se ter aguentado bem hontem. — Adeus por hoje, com um apertado abraço d'este filho muito amigo. — *Henrique.* »

O sr. alferes Mergulhão dirigiu á *Gazeta de Bragança* as seguintes noticias :

« Posto fortificado de Chicomo, 26-8-95. — Meu caro Perdigão. — Prometti dar-te noticias da expedição e tenho cumprido, não como desejava, mas como me tem sido possível. Na minha ultima, escripta a bordo do *Ambaca*, dizia-te que todos vinhamos bons sem novidade; hoje, infelizmente, já não digo o mesmo, porque, como deves saber, falleceram-nos 2 soldados de caçadores 3, devido certamente á grande accumulção de gente a bordo. Apesar de ter organizado um diário, começado em Lisboa no dia do nosso embarque, ser-me-hia impossivel contar-te agora tudo quanto se tem passado: gastava muito tempo e papel, coisa que por ahi abun-

da, mas que por cá não nos sobra. Limito-me á narração do que me ocorrer de mais importante. Quando chegámos a Lourenço Marques, como caçadores 3 fazia parte da columna de operações de Inhambane, tivemos logo ordem de seguir para alli, junctamente com a quarta companhia de infantaria 2, duas secções de canhões revolvers, quatro secções de peças de campanha, calibre 7, uma secção de peças Grouson, duas metralhadoras, o pessoal de engenharia correspondente, um esquadrão de lanceiros 1, serviços auxiliares de administração militar, etc., etc. Desembarcámos novamente em Inambane dia 4 de junho, sendo logo mimoseados com uns impertinentes aguaceiros, que não tardaram em produzir algumas febres. Passado um mez embarcamos, em lanchões, para Maxixa, fronteira ao norte de Cumbane, seguindo, pouco depois, para Inhambane, novo acampamento, onde chegámos no dia 21 de junho. De Maxixa a Cumbana são bons 40 kilometros, sempre por areia, tão solta, que custa a vencer, por os pés escorregarem para traz ao marchar! Apesar do que, temos feito marchas diárias de 30 e tantos kilometros, tendo ainda de cosinhar o rancho para esse dia e ração fria para o dia immediato! Em Cumbana juntou-se a columna de operações do Norte, e passado pouco mais de um mez, a 11 de julho, começou o desfilar da columna pela 4.<sup>a</sup> companhia de infantaria 2, um pelotão de cavallaria 1 e uma secção de artilheria de campanha. D'aqui por deante, apesar de caminharmos em terras amigas, contámos sempre com algum alarme, nada se dando felizmente, porque os soldados adoeciam-nos de uma forma assustadora, sendo difficil transportal-os nas maxilas que tinhamos, por insufficientes. Emfim, no dia 27 de julho, marchava a 2.<sup>a</sup> columna, denominada de Chicômo, em direcção a Ribeira d'Amba, onde se devia construir um posto fortificado. Esta columna compunha-se: da 2.<sup>a</sup> companhia de caçadores 3, de que eu actualmente faço parte, por ter adoecido, á ultima hora, um official d'ella; um pelotão de lanceiros 1, uma secção de peças Grousson e os serviços auxiliares da administração e transportes que, diga-se de passagem, são difficilimos por serem feitos em carros *boers*,

já de si pesadissimos, puxados a dez juntas de bois, ordinariamente magros e sem força alguma! Mas tornando á marcha, porque do resto não me compete fallar, sahimos de Cum-bana no dia 27 e fomos pernoitar em terras de Janne n'uns barracões feitos de caniços e cobertos de capim; em 28 marchámos, depois de na vespera termos comido a unica refeição do dia em tampas de cantinas, em direcção ao segundo etape, Chiosane, distante approximadamente 35 kilometros de terras de Janne; dia 29 descanso; dia 30, seguimos para cabo Machambo, terras de Mabequene, onde acampámos; dia 31, ficámos em Cogune; e no dia 1 de agosto, descansámos. O curioso da marcha foi o encontrarmos todas as povoações desertas! A pretalhada fugia á nossa approximação, sendo difficil obter-se uma gallinha para comer. Em geral o preto tem medo á tropa e desapparece por arte, o que nada nos desgosta, porque já estamos fartos de vel-os!... No dia 2 partimos para Ribeira d'Amba, a 30 kilometros de Coguno, sempre debaixo de um sol ardentissimo, chegando lá apenas com 7 horas de marcha! Quando julgavamos terminada a marcha, recebemos ordem de partir para o Chicômo, ponto que se estava começando a fortificar nas margens do rio d'aquelle nome e a uns 30 kilometros d'Amba. Partimos no outro dia, 3 de agosto, para o Chicômo, onde chegámos depois de bastante trabalho, pois que todos iamos cançadissimos: é que oito dias de viagem sobre a areia não se passam de balde. N'esse dia bivacámos como podemos e assim passámos a noite. Soubemos então que tinha havido um grande incendio, onde se perdeu muito material de guerra e grande quantidade de generos alimenticios, o que atrapalhou sériamente os nossos superiores dirigentes, pela difficuldade de remediar de prompto a falta de viveres pelo afastamento dos depositos; afinal, telegrammas, carregadores em acção e um comboio de viveres, que já vinha a caminho de Chicômo, tudo remediou melhor do que se esperava, sendo as poucas faltas que se notaram devidas ao estado de guerra em que nos encontramos e em que as difficuldades se multiplicam. No incendio o mais que houve a lamentar foi a perda que

muitas praças e officiaes soffreram de quasi toda a sua roupa e dinheiro ; de resto, nunca a desgraça seja maior. O posto fortificado de Chicômo, d'onde te escrevo, compõe-se de um reducto quadrado tendo 60<sup>m</sup>,0 por face. Aqui os reductos são construidos differentemente d'ahi por causa das terras serem muito soltas e esboroarem muito: circumscreve-se o campo por uma estacaria, tendo 1<sup>m</sup>,30 de altura que marca o relevo da crista anterior do parapeito; a 1<sup>m</sup>,0 de distancia colloca-se outra estacaria com 1<sup>m</sup>,20 de altura que marca o relevo da crista exterior do parapeito; as terras tiradas d'um fosso são lançadas para dentro d'essas estacarias, revestidas, e assim fica o parapeito em toda a volta. Este reducto tem em dois angulos, na mesma diagonal, dois baluartes redondos guarnecidos com duas peças. Tem uma abertura do lado norte e outra do lado sul, sendo esta face a que fica voltada para as terras de Gaza, onde reside o Gungunhana, cuja residencia habitual, que fica a nove horas de marcha, se chama Manjacaze. O serviço de segurança é feito, de dia, collocando vedetas de cavallaria em volta do reducto a 100 metros; e de noite, ficando quatro officiaes de quarto, rendidos de duas em duas horas, e em armas uma esquadra por face, com respectiva artilheria nos salientes e armas carregadas para tiro de repetição. Todas as manhãs, pelas cinco horas se dá um tiro de peça, ao qual todos se levantam e pegam em armas até ao aclarar do dia. Até agora não se sabe se avançamos mais; o que para nós já não é pequena gloria, é termos chegado até aqui sem um tiro a valer! Com respeito ás negociações ultimamente entabuladas com o tal Gungunhana, nada te posso dizer de positivo por ser tudo boatos desencontrados; o que te posso garantir, apesar das suas fanfarronadas, é que já lhe não falta medo e talvez não seja difficil terminar tudo em paz. Oxalá, para bem de todos. Finalmente, soldados já lá vão 15 e estão bastantes muito mal. Dos officiaes de caçadores 3 só eu e o alferes Andrade e o major de batalhão é que ainda não tivemos febres; mas, felizmente, os que as tiveram, foi tão benigno o ataque, que nem vale a pena dar-lhe importancia. De que todos estamos mortos é de abra-

çarmos as nossas queridas familias, porque é grande a morosidade com que, por acaso, recebemos noticias do continente. Termino enviando-te um abraço e aos meus camaradas de caçadores 3 e uma saudade ao povo brigantino de quem temos tão indeleveis recordações. Adeus, dispõe sempre do teu dedicado amigo — *Mergulhão.*»

Registaremos ainda as cartas que seguem, também interessantes :

« Chicomo, setembro. — Um mez depois de voltarem de Manjacaze os que tinham sido enviados ao Gungunhana, ainda o sr. Ennes tratava de o chamar á obediencia. O Gungunhana mandava no entretanto atacar as nossas forças de Cosine, no dia 8 d'este mez. Conseguimos dar-lhe uma boa lição, mas ainda assim perdemos 5 homens e tivemos 23 feridos, entre elles o Couceiro. Em vista d'isto o sr. Ennes mandou aqui romper as negociações e entrar no territorio vattua, arrazando-se e destruindo-se o que se podesse. Apesar de estarem aqui as tropas desde 28 de julho, é-nos impossivel emprender uma marcha sobre a Manjacaze, por falta de meios de transporte. Por isso só nos foi possivel ir no dia 15 a umas tres horas de caminho de Chicomo queimar umas 200 palhotas, matar uns 25 pretos e agarrar 40 bois e 63 cabras. Os pretos não offereceram resistencia, segundo é seu costume. O dia estava muito fresco e o ceu encoberto, de modo que as tropas nada soffreram: iam na melhor disposição, como sempre. O Costa foi chamado a Inhambane pelo sr. Ennes, segundo parece para tratar de occupação da foz do Chengane. Partirá d'aqui a 14 de madrugada. Ficou fazendo as vezes de chefe de estado maior o tenente Ornellas. O Almeida sahio d'aqui hontem. Temos ainda um mez de bom tempo. A 15 de outubro muda a monção e começam as chuvas. — Chega a haver 27° a 30° de differença diaria de temperatura entre, o toque de alvorada e a fresca do meio dia ás 3 horas. Ha tres dias para cá o ceo está mais enco-

berto, sendo a temperatura mais supportavel. — O acampamento consiste n'um reducto quadrado de 66 metros de lado, com parapeito, fosso de 3 metros de largo e rede de arame n'uma zona de 10 metros com 2 boccas de fogo em cada angulo. Estamos inexpugnaveis. Ao centro de cada face ha uma grande lanterna que projecta um facho luminoso a 150 metros. Comprou-as o tenente Ornellas no Natal. Custou cada uma 14 libras; foi favor especial da direcção dos caminhos de ferro, que as manda vir da America e que só tinha 6 em de deposito. — Estão-se armando umas barracas para hospital, vindo cá o Braga com os recursos da Cruz Vermelha. »

« Chicomo, setembro. — Está-se preparando tudo para seguir para a frente na proxima lua cheia que é a 3 de outubro e creio bem que até Manjacaze sempre iremos ao som de guerra. Não poderemos talvez ir mais adiante, mas como devemos ter no caminho pelo menos um combate com a melhor gente dos vatuas, alcançando nós victoria, com a ajuda de Deus, como recentemente, na Cossine, o poderio militar d'elles soffrerá bastante para perder a supremacia que só a nossa fraqueza tem consentido. É verdade que ainda a 20 aqui estiveram dois enviados do Gungunhana que vinham saber se ainda poderiam evitar a guerra com a entrega dos regulos ou dos refens pedidos. Respondeu-se-lhes que sim, de modo que ainda é possivel que tudo se componha. O Gungunhana anda ainda vacillante entre a humilhação que para elle é a entrega de quem lhe foi pedir auxilio e protecção e o medo de ser vencido e perder de uma vez o seu poder. A acção do dia 8 deve-o ter feito pensar muito, pois foi bem gloriosa para nós que vencemos combatendo 1 contra 30. O que é a disciplina e o armamento! O Couceiro deve estar satisfeitissimo, pois um dos seus ideaes era ser ferido em combate — tanto mais que a ferida é muito leve e tem assim a flor sem espinhos. O tempo desde 15 até hoje tem estado de um calor suffocante. É o tempo da queima das palhas n'esta região e as numerosas fogueiras que dia e noite illumi-

nam o horisonte não contribuem pouco por certo para o aquecimento da atmospherá. É a primavera africana, secca, quente, fertilisada por torrentes de agua. »

« Chicomo, outubro. Chega-nos a noticia de que a Cossine se avassallou. É a consequencia do glorioso combate de 8. Nós aqui, apesar de não termos tido combate nenhum, tambem já tirámos resultado das razzias de 15 e 20. Os dois regulos Mhatumto e Banguja, vassallos do Gungunhana, e que governam as terras da margem do Inharrime até ao mar, já pediram aqui vassallagem. A falta de meios de transporté é que nos tem impedido de ir a Manjacaze. Á tarde chegou a gente de guerra do Speranhana, antigo chefe das terras, que vão desde o Chicomo até ao Bilene, e que o Gungunhana expulsou e bateu em 1889. Vieram reunir-se a nós e foi mais um espectáculo curioso o desfilár d'essa gente, bellos typos de landins, com seus cantos e dansas. — Não sei se já contei que estive uma vez na palhota do Gungunhana e nas das mulheres, fallando com a mulher grande, Sony, preta intelligente, que tomava muito a peito os interesses do paiz e desejava evitar a guerra. Apesar da sua grande influencia no espirito do Gungunhana, não conseguiu que elle entregasse os rebeldes, quando lhé foram pedidos. Ainda ha dias constou em Lourenço Marques que elle os mandára prender. Mas não o creio muito, apesar de ter mandado dizer tambem aqui, a 19, que os prendera já. Aqui tudo se póde esperar e nada prever. É ainda possivel que, vendo a sua gente fugir-lhe e pedir vassallagem, se resolva por fim, para não ficar sem cousa nenhuma. Os pretos não teem noção verdadeira do tempo e para elles tanto faz um dia como vinte. »

« Chicomo, 4 de outubro. — Nós estavamos aqui á espera de uns bois que teem tardado em vir e sem os quaes não podemos emprehender uma campanha que em 8 ou 10 dias decidiria de tudo e acabaria de vez com esse poder mais lendario do que real do Gungunhana. Já começa a desmornar-se. A Cossine avassallou-se depois do combate de 8

e os regulos Mhatumto e Banguga, os dois maiores d'aqui ao Chaichai, já fizeram tambem. Uma unica acção, creio bem, dididira os restantes, pelo menos d'aqui ao Save, a fazerem o mesmo. Força, temos á larga, pois só a superioridade que nos dá a posse de uma das melhores espingardas da Europa é incalculavel para quem não a viu ainda em acção. Tudo isto torna ainda mais aborrecida a nossa demora n'um acampamento onde qualquer conforto é um mytho e que já dura ha dois mezes e meio. »



## As origens dos Estados Pontificios

---

Depois que a revolução triumphante, a instigações do chefe da maçonaria, celebrou o XXV anniversario da espoliação do dominio de S. Pedro, julgámos opportuno expôr aos nossos leitores, resumindo em poucas paginas os trabalhos recentes, publicados principalmente na Allemanha, a verdadeira origem dos Estados Pontificios. Esperamos contribuir assim para se pôr em evidencia o papel sublime que o Papado desempenhou nos dias nefastos das invasões dos barbaros, papel que se perpetuou atravez dos seculos, e demonstraremos a legitimidade das reivindicações do mundo catholico.

Desde o seculo IV que o rico patrimonio da Egreja Romana assegurava aos Soberanos Pontifices uma consideravel influencia politica na Italia. O Estado reconhecêra á Egreja o direito de possuir; o primeiro imperador christão encarregára-se de construir e dotar varias basilicas da cidade eterna.

As incessantes invasões das hordas barbaras, cuja onda assoladora passava e repassava pela peninsula, favoreciam as doações da aristocracia, da qual numerosos membros abraçavam a vida ecclesiastica ou procuravam a paz á sombra dos claustros, entregando as suas fortunas aos estabelecimentos religiosos. Os rendimentos eram applicados á sustentação das egrejas ou ao alivio dos pobres, das viuvras e dos orphãos <sup>1)</sup>.

<sup>1)</sup> Cf. Nos *Reg. Pontif. Rom.* (ed. Jaffé-Kaltenbrunner) as numerosas cartas de Gelasio, e principalmente de S. Gregorio Magno, relativas a este assumpto.

Seria um erro grosseiro que, d'esses numerosos dominios que a Igreja possuia não só na Italia e nas ilhas visinhas, mas na Dalmacia, na Africa e até no Oriente, concluíssemos para a soberania e para a independencia do Pontifice romano: este ficava sempre sujeito aos differentes senhores do paiz, assim como ao imperador de Constantinopla. Mas o character augusto do Papa e a sua situação politica asseguravam-lhe um poder moral, uma influencia preponderante que as suas riquezas lhe não davam. Qualquer outra auctoridade era offuscada pela do successor de Pedro, e não estava longe o tempo em que só o Pontifice exerceria um verdadeiro poder na cidade eterna. Manifesta se aqui de uma forma evidente a acção da Providencia. Diocleciano preparára o caminho fixando a sua residencia no Oriente, exemplo que foi seguido principalmente por occasião da divisão do imperio. « Parecia, diz um eminente escriptor, que abandonando a cidade eterna, a partir do seculo IV, para escolherem outras residencias, os imperadores queriam deixal-a como capital á Igreja » <sup>1)</sup>. Depois que elles partiram, ao lado do Senado, em que ainda figuravam nomes illustres, o Papa foi a maior auctoridade reconhecida na cidade imperial, e só elle pareceu digno de reinar sobre o povo soberano. De resto, quem mais que elle era digno de desempenhar tal missão? Certamente não o era o exarcha a quem o governo imperial confiava a direcção da Italia; para os povos esse funcionario era um estrangeiro, agente de um poder muitas vezes tyrannico para com os fracos, impotente e fraco em presença dos barbaros que invadiam a Italia. E que podia elle fazer quando, separado do resto da peninsula, se deixava encerrar em Ravenna? Durante esse tempo o Soberano Pontifice, presente em toda a parte, alliviava as miserias do povo italiano, ia, como S. Leão Magno, ao encontro dos invasores e forçava-os a respeitar a cidade eterna. Por um consentimento tacito, os imperadores, os exarchas, os povos, toda a gente concordou em consideral-o como protector e arbitro da Italia. Por isso não devemos

<sup>1)</sup> Kurth, *Les origines de la civil. mod.*, t. II.

admirar-nos de ver Cassiodoro, prefeito do pretorio, propôr a João II que partilhasse com elle o cuidado dos negocios civis <sup>1)</sup>).

Os Papas, comprehendendo a responsabilidade de semelhante poder, não o procuraram nem o desejaram; tanto quanto puderam, — e a historia assim o confirma, — conservaram o titulo e a attitude de vassallos de Bysancio, quando aliás eram ha muito os soberanos de Roma. Esta situação explica o odio dos ostrogodos, que, para mais facilmente se tornarem senhores da cidade de Roma, atacaram directamente o Papado.

Os proprios bispos se tornaram valiosos auxiliares do poder civil. A pragmatica sancção do imperador Justiniano (554) associava-os ao conde no governo da provincia, entregava-lhes exclusivamente a policia dos costumes, a vigilancia das obras publicas e das prisões; dava-lhes até o direito de verificação na administração dos funcionarios publicos e uma influencia consideravel na eleição d'estes.

É ahí que deve procurar-se o germen do poder temporal dos bispos em geral, e especialmente do bispo de Roma. Aquelle imperador comprehendera toda a importancia da união dos dois poderes, para assegurar a felicidade dos povos; nem elle nem os seus successores tiveram occasião de lamentar essa ingerencia da auctoridade ecclesiastica, tão temida hoje pelos nossos governos.

Desde o seculo VI revela-se esse magnifico futuro do papado no grande vulto de um pobre frade, arrancado da sua cellula do monte Celio para ser levado á cadeira de Pedro, e reveste um brilho extraordinario na pessoa de S. Gregorio Magno. Os seus fastos mostram que nada escapa á sua sollicitude; até nos negocios militares intervem com os seus conselhos, estabelece um chefe do exercito em Napoles e um governador em Nepi; elle proprio diz que não sabe se é pastor das almas ou senhor temporal <sup>2)</sup>. De facto, é uma

<sup>1)</sup> Cassiodor., *Var.*, xi, 2 (ed. Mommsen) *Mon. Ger. Auct. ant.*, xii, 331.

<sup>2)</sup> *Monum. Germ. Epp.* i, p. i, ed. Ewald, p. 35, i, 28 n. (Jaffé-Ewald, 1091).

e outra cousa. Sem duvida, as dignidades de que fôra revestido antes da sua entrada no claustro, não contribuíram pouco para dar ao papado tão notavel prestígio, quando tudo em volta desmoronava sob os golpes dos barbaros e as exacções dos officiaes bysantinos.

Cousa inaudita, e que não é raro encontrar na historia dos povos perseguidores, principalmente nos tempos modernos: Bysancio, que não tinha soldados para enviar a Roma, tinha a triste coragem de para lá enviar algozes. Quando os officiaes imperiaes appareciam junto dos muros de Roma, era para se apoderarem da pessoa do Soberano Pontifice e conduzirem-n'o ao exilio. Silverio e Vigilio, arrastados pelas provincias como vís malfeitores, tinham succumbido longe do seu rebanho; Martinho fôra morrer em Cherson, por ter a coragem de defender a fé contra um imperador hereje. Cansados de semelhantes horrores, os romanos levantaram-se e expulsaram os esbirros que vinham prender Sergio e João IV.

D'esta vez não foram mais longe. Entretanto deve notar-se que já n'esta época nenhuma auctoridade era tão respeitada como a do Papa, pelos povos directamente submettidos ao Pontifice romano; ora, mesmo n'esse momento, quando lhe era tão facil arrancar a Italia á dominação bysantina, o Papa considerava-se como vassallo do imperador. Era a affirmação do respeito ao poder legitimamente constituido, qualquer que seja a sua forma, a distincção entre o principio da auctoridade necessario a toda a sociedade, e os decretos iniquos e tyrannos de imperadores hereticos.

Não contentes de tyrannisar o povo, os imperadores tinham a mania de se ingerir nos negocios religiosos; pretendiam convocar os concilios e confirmar as suas decisões, prescreviam formulas de fé, taes como as leis de religião de Basilio, o Henotekon de Zenão, os tres capitulos de Justiniano, a ecktesis de Heraclio. Os decretos iconoclastas de Leão Isaurõ excederam todos os limites. O povo, exasperado e ferido nos seus mais caros sentimentos, perde a paciencia e o Tuscium levanta-se tendo á sua frente um tal Tiberio Petasio. Gregorio II dá então o exemplo de uma magnani-

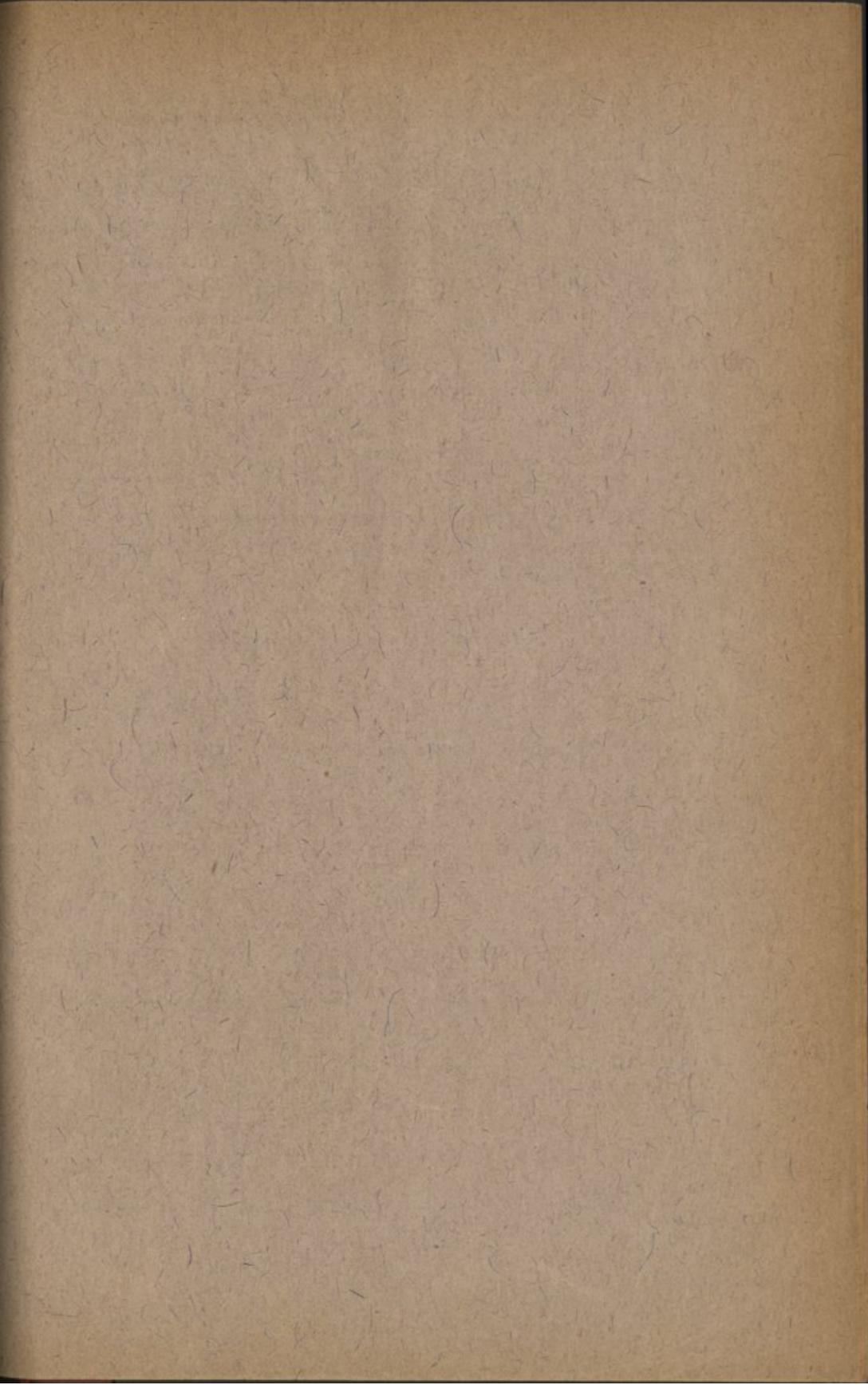
midade quasi sobrehumana. Victima tambem d'essa politica insensata, corre todavia em auxilio do exarcha Eutychio, e pelos seus conselhos pacifica a multidão irritada. E, note-se, os italianos só se apasiguaram por amor ao Papa, mostrando assim que era elle o seu verdadeiro senhor.

Sem duvida, não seria temerario afirmar que a manutenção do poder imperial secundava os interesses do papado. Desde que desaparecesse o imperio bysantino, os lombardos, já senhores do norte da Italia, facilmente conquistariam o centro, e então ficaria o poder pontificio á mercê d'esses invasores. O Papa já previra tudo, e, para interesse dos povos italianos, devia ficar sendo o centro da politica, livre e independente de qualquer novo senhor. Estes principios são os mesmos que Leão XIII expoz na sua carta encyclica de 15 de outubro de 1890 ao povo italiano.

Não havia na Italia nem fóra d'ella uma unica força em que podesse apoiar-se confiadamente, e que fosse capaz de offerecer uma protecção efficaz contra os lombardos, e por isso nenhum sacrificio devia parecer demasiado para salvar o imperio. Por outro lado os povos da Italia central, desejando escapar aos perigos que de toda a parte os ameaçavam, mostravam-se dispostos a obedecer á direcção do Soberano Pontifice. O futuro devia justificar a sabedoria de semelhante procedimento.

*(Conclue).*





## Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Aparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 1\$600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

## Aos editores

Na *Revista Contemporanea* serão apreciadas com desenvolvimento as obras litterarias e scientificas de que recebermos um exemplar.

FORTUNATO DE ALMEIDA

## A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 reis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

## O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada*

*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,  
por occasião do quinto centenario  
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 reis

A venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 419 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

# REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,  
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANNISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

José Marques Rilo e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA



## SUMMARIO

- I — João de Deus.
- II — Versos de João de Deus (Psalmo — Celi . . .).
- III — As origens dos Estados Pontificios (conclusão).
- IV — O perigo do alcoolismo e os remedios, G. B.
- V — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa, (continua) por P. G., advogado.
- VI — Bibliographia.



## JOÃO DE DEUS

---

Morreu o maior poeta portuguez desde Camões !

Mal diríamos nós, quando ha menos de um anno aqui lhe prestavamos a nossa homenagem, collaborando modestamente na vibrante apotheose que lhe consagrou a mocidade academica, — mal diríamos nós então que bem cedo teríamos de render-lhe um preito de dôr; que tão breve se extinguiria aquelle lucidissimo talento e aquelle nobilissimo character; que seria tão depressa roubado á mocidade o seu mestre mais dedicado e á patria uma das suas glorias mais fulgentes !

Ha muito que a existencia de João de Deus era minada por uma doença implacavel; mas era tão intenso o affecto que todos lhe consagravam, tão levantado o apreço em que o tinham, que ninguem queria convencer-se de um desenlace tão rapido. Não se illudia o poeta, embora procurasse occultar a gravidade da doença para não affligir os que o cercavam de affectos: presentia a morte e encarava-a com a serenidade do justo que vôa para Deus, com essa candida serenidade que nunca lhe abandonou o espirito e constituia uma das mais encantadoras qualidades da sua bella alma. Por isso, dando vãos ao seu estro inexaurivel, dizia elle aos estudantes que o acclamavam em 8 de março de 1895 :

Que vindes cá fazer, oh ! Mocidade ?  
Despedir-vos de mim ? Quanto vos devo !  
Tambem levo de vós muita saudade  
E em lá chegando á outra vida... escrevo.

Nunca ninguém recebeu uma apothese tão brilhante, revestindo o character da glorificação e do affecto ao mesmo tempo. Tambem é raro que um homem reuna todos os predicados da bella alma de João de Deus e chegue a conquistar tantos e tão nobres titulos da admiração e do affecto dos seus contemporaneos.

Em João de Deus admirava-se ao mesmo tempo o grande poeta, inexcedivel de graça e originalidade, o incansavel propagador da instrucção popular, o crente fervoroso que chegou a ser um apostolo, o genio do bem que se revelava em todas as circumstancias da sua vida.

Não morreu, voou para o seio de Deus, para a mansão dos justos que a sua alma entrevia em extasis de fé christã e de inspiração poetica :

Quando o trovão me aterra,  
 Recordo-me de Deus ;  
 Abalo cá da terra  
 E vou para esses céos ;

E lá n'essas alturas,  
 Por onde só a fé  
 Em regiões tão puras  
 Nos deixa tomar pé...

.....

Deus deixa as creaturas  
 Cá baixo a sua cruz,  
 E fecha as almas puras  
 N'um circulo de luz :

As chagas, as miserias  
 Cá d'este lamaçal,  
 Nas regiões ethereas,  
 Lá não se avista tal.

.....

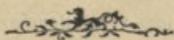
Mas eu estimo o raio  
E gosto do trovão,  
Por ver que quando caio  
É que me eleva então.

Por ver que em tendo medo  
Mais se me aviva a fé;  
E a fé, não ha rochedo  
Firme como ella é!

.....

Não cabe hoje nestas paginas mais que uma lagrima de dor e de saudade pela morte do grande poeta, que teve para nós, como para todos, provas de inolvidavel affecto e cortezia até poucos dias antes do seu passamento.

Alma de luz e de virtude, repousa no seio de Deus.



## Versos de João de Deus

---

### PSALMO

Pois não credes em Deus, vendo-o nas flores,  
Na voz, nos labios de mulher que adora  
Quando um beijo libou dos seus amores !

Eu vejo a Deus na rosa quando chora  
Lagrimas ternas, lagrimas de encanto  
Ao ver mais uma vez romper a aurora.

Eu vejo a Deus n'um filho que amo tanto !  
Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido,  
Eu oiço a Deus cantar se oiço o seu canto !

Tenho-o mais de uma vez, adormecido,  
Achado a suspirar meu proprio nome  
No leito do meu anjo tão querido !

Sempre que a dor ás palpebras me assome,  
Que apalpe o coração que a dor me rala,  
O sinto junto á dor que me consome.

Elle soffre comnosco ! Elle nos fala  
Pelos humidos labios do menino  
Que do collo da mãe no chão resvala.

Elle é que a luz nos dá, pharol divino,  
Centro dos soes, dos mundos, do universo,  
Que ao halito da flor marca o destino !

Elle a face nos lambe! Elle do berço  
Das aguas se se ergueu, tambem valente,  
Cedro e lirio cahiu, vooou disperso!

Como é grande Jehovah, como é clemente!

---

### COELI - - -

Quem na abobada immensa  
Poz a lampada suspensa  
Do sol que o dia nos dá?  
E ha quem se atreva ou se affoite  
A contar os soes que á noite  
Nos alumiam de lá?

Quem é que, se um braço estende,  
A lua em pino suspende  
E aos homens diz : Descançae!  
Filhos de quem vos adora,  
Meus filhos, dormi agora;  
Vela agora o vosso pae!



## As origens dos Estados Pontificios

(Conclusão de pag. 128)

Em 717, o duque lombardo Romualdo de Benevento invadira o ducado de Napoles e apoderára-se de Cumes, que cobria a estrada de Roma a Napoles. Supplicas, ameaças, promessas, tudo foi inutil para o fazer retirar. Sob a inspiração de Gregorio II, os napolitanos pegam em armas e infligem uma sanguinolenta derrota aos lombardos, que batem em retirada. Entretanto o rei Luitprando invadira o ducado de Perusa e surprehendera a cidade de Sutri. Mais accessivel ás supplicas do Soberano Pontifice, esse rei consentiu em restituir aquella cidade, que doou « aos bemaventurados apóstolos Pedro e Paulo ». Muito se tem errado sobre o sentido d'estas palavras do *Liber Pontificalis*, nas quaes se quiz encontrar um germen de independencia a respeito da dominação grega. Basta para as explicar o sentimento christão e catholico de Luitprando, que tinha em alta veneração o caracter augusto do Pontifice. De resto, as relações entre os officiaes bysantinos e o Papa não diminuiram; principalmente o exarcha de Revenna estava certo de encontrar n'elle a sua melhor protecção; a simples intervenção do Pontifice basta para lhe fazer recuperar a sua capital, que cahira em poder de Luitprando.

Entretanto aggravava-se a situação dia a dia, e o Papa estava reduzido a defender-se em Roma com os seus proprios

recursos, sem esperar de futuro soccorros de Constantinopla. Todos os exercitos lombardos da península, tendo á sua frente Luitprando, Godescale duque de Benevento e Trasimundo de Spoleto, precipitaram-se sobre as possessões gregas da Italia e ameaçavam o ducado de Roma, assim como os outros dominios da Igreja. Era preciso impedir a todo o custo que se unissem e oppor os duques de Benevento e de Spoleto a Luitprando, naturalmente adversario da independencia dos outros duques. Esta politica não foi feliz. Trasimundo, expulso de Spoleto, refugiara-se em Roma, e, recusando-se o Papa a entregal-o, veio Luitprando acampar em frente dos muros da cidade eterna. Retirou-se breve, é certo, sem poder entrar em Roma, mas não sem ter commettido horribéis depredações e sem se apoderar das principaes praças sobre o Tibre.

Quando o imperio grego se desmoronava na Italia, a Providencia ministrava ao papado a protecção poderosa dos francos. Já a fama das suas façanhas, principalmente da victoria de Poitiers, atravessára os Alpes e penetrára em Roma. Foi ao seu chefe, Carlos Martel, que Gregorio III se dirigiu para obter soccorro contra os lombardos.

Apesar das suas repetidas sollicitações, o prefeito do palacio não pôde resolver-se a pegar em armas contra o seu amigo e alliado Luitprando. Ainda uma vez tenta o Papa curvar o rei e leval-o a restituir as conquistas que fizera no ducado de Roma, e para esse fim ordena aos bispos do Tuscium que favoreçam os seus enviados quanto lhes for possível. Mas a traição de Trazimundo, que, com o concurso do exercito romano, reconquistára o seu ducado de Spoleto, complicou a situação já tão difficil e deixou ao successor de Gregorio, que descera ao tumulo, um futuro mal seguro.

A politica de Zacharias foi mais feliz: mediante a promessa de o auxiliar a submeter Trazimundo, Luitprando consentiu na paz e na restituição das fortalezas sobre o Tibre. Para se indemnisar, o chefe lombardo lançara-se sobre o exarchado de Ravenna e opprimia a cidade com todos os rigores de um assedio. Não podendo resistir por muito tempo,

o exarcha recorreu á mediação do papa. Este, depois de tentar debalde a conciliação, resolveu dirigir-se ao campo dos lombardos. A este respeito menciona o *Liber Pontificalis* um pormenor interessante e digno de notar-se: « O papa, diz, deixou a cidade de Roma, cujo governo confiou ao patricio e duque Estevam. » Antes de romper com a denominação bysantina, o Pontifice era o verdadeiro soberano da cidade, embora não usasse o titulo. A intervenção de Zacharias teve um exito completo, e conseguiu salvar, ao menos por algum tempo, a cidade de Ravenna.

Emquanto a Italia era assolada pela guerra, produzia-se na Gallia um acontecimento da mais alta importancia. Carlomano, filho mais velho de Carlos Martel, trocára a corôa pelo habito beneditino no Monte Cassino. Radchis, um dos successores de Luitprando imitou-lhe logo o exemplo. Pepino o Breve, um dos principes mais notaveis da idade media, governava então os francos. Havia muito tempo que n'esse povo se dava a estranha anomalia de serem os verdadeiros soberanos designados por um nome differente d'aquelle que lhes pertencia, e de faltar a corôa na cabeça do heroe cujas mãos empunhavam o sceptro em virtude de um direito hereditario. A justiça exigia que as cousas fossem collocadas no seu verdadeiro logar. Entretanto, era tal entre os francos o respeito da tradição, que se hesitava em fazer uma declaração publica que arrastaria a queda formal do ultimo rei merovingio. Para tranquillisar as consciencias, foi a questão confiada á suprema auctoridade religiosa da christandade. O papa, consultado por Pepino respondeu de uma forma muito digna, nos termos seguintes: « Aquelle que se encontra investido n'um poder legitimo deve tambem usar o titulo respectivo, para que a ordem não seja perturbada ». Acabava de realisar-se uma revolução pacifica. A Igreja não se limitou a proclamar a legitimidade da nova dynastia: sagrou o novo rei pela mão dos seus pontifices, e deu-lhe assim o prestigio que nenhum dos seus predecessores tivera <sup>1)</sup>.

<sup>1)</sup> Deve notar-se que a monarchia entre os francos revestia essencialmente o caracter hereditario, e que o parecer de Zacharias foi confirmado por uma assem-

Não se faz esperar o reconhecimento da raça Karolingia, Como o papa lhe consolidára o throno com as suas benções, ia receber o auxilio das suas armas. Desde que os lombardos cortaram as communicações entre o exarcha de Ravenna e o ducado de Roma, a cidade eterna só podia contar com a dedicação infatigavel dos seus pontifices. O imperador abdicára n'elles todos os seus deveres, continuando a reivindicar os direitos de soberania sobre Roma. Esta onerosa partilha das attribuições reaes, que os papas não queriam entre os francos, acceitaram-n'a para si proprios com uma abnegação superior a todo o elogio.

Os lombardos continuam sendo os mais perigosos inimigos do papado. Esses barbaros, senhores de todo o exarchado e finalmente de Ravenna, preparavam-se para invadir o ducado de Roma e cahir sobre a cidade eterna. Pela ultima vez, o papa dirigiu a Bysancio um grito de soccorro, mas esse appello supremo não encontrou echo nos cobardes tyrannos do mundo oriental. Estevam II, que succedera a Zacharias, tentára debalde fazer curvar Astolpho: nem os seus embaixadores, nem elle proprio dirigindo-se á côrte de Pavia, puderam conseguir cousa alguma dos lombardos. Dirigiu-se então resolutamente a Pepino o Breve, e, para apoiar o seu pedido, atravessou os Alpes e dirigiu-se a côrte do monarcha franco, com quem se encontrou em Ponthion, em janeiro de 754. Consummou-se a queda do imperador no dia em que o mais fiel dos seus vassallos, abandonado por Constantinopla, ia pedir auxilio e protecção aos principes da Gallia; era o triumpho do occidente sobre o oriente. Pretenderam alguns auctores que esta viagem fôra emprehendida a instancias da côrte imperial; mas não o diz assim o biographo do papa, tão exacto em pormenorisar os seus actos.

A recepção de Estevam foi digna da majestade pontificia; Pepino prometteu um generoso concurso para a defeza da Santa Sé. Quiz, antes de atravessar os Alpes, persuadir a Astolpho que restituisse as cidades usurpadas por elle ou

blêa nacional. E' falso, pois, dizer-se que este facto representa uma usurpação auctorizada e confirmada pelo papa. — (N. da R. da *Revista Contemporanea*).

pelos seus predecessores á Egreja e á *Republica romana*. Tendo entretanto reunido uma assembleia geral dos senhores do seu reino em Kiersy-sur-Oise, obrigou-se o principe franco a fazer restituir á Santa Sé o exarchado de Ravenna com as outras cidades usurpadas pelos lombardos. Alem d'isso fez lavrar um auto de doação, que foi assignado por elle e pelos principes seus filhos. Deve notar-se que esse auto reveste o character de uma promessa, porque Pepino não possuia ainda taes territorios. O papa, por seu lado, para ser grato á generosidade do rei, conferia-lhe, a elle e a seus filhos, Carlos e Carlomano, o titulo de *Patricios romanos*, que continuou a dar-lhes nas suas cartas, até ao momento em que Carlos Magno o trocou pelo de imperador.

Mas Astolpho recusára toda a conciliação. Pepino entra então na Italia (754), á frente de um numeroso exercito, derrota os lombardos e persegue o seu rei até Pavia, onde o conserva n'um apertado cêrco. Esgottados todos os recursos, o principe lombardo promete sob juramento restituir de prompto á *Egreja e á republica romana a cidade de Ravenna com varias outras*. Ninguem se illuda com as palavras — *republica romana* — empregadas pelos escriptores do tempo. Essas palavras nos historiographos apenas significam muitas vezes estado, reino; é a sua accepção geral: e vê-se pela sequencia da historia que fallam dos habitantes d'aquella republica como vassallos do papa, que portanto era o seu verdadeiro soberano. Logo nos referiremos de novo a este ponto.

Pepino confiára demasiadamente na palavra de Astolpho; apenas elle deixou a Italia, o rei dos lombardos, longe de cumprir as suas promessas, recomeçou as suas hostilidades contra os romanos, assolou por todos os lados os arredores de Roma, sem mesmo poupar as egrejas. N'este novo apuro, o papa roga novamente ao chefe franco que ponha termo ás calamidades que pesam sobre a Egreja e os povos da Italia. D'esta vez é em nome de S. Pedro que pede soccorro com instancia. Este costume de fazer fallar os mortos, tão familiar aos oradores antigos, nunca fôra talvez empregado n'uma occasião mais importante, porque se tratava da libertação do

chefe da Igreja. Em 755 novamente corre Pepino em seu soccorro. A noticia da sua approximação Astolpho levanta o cêrco de Roma e encerra-se em Pavia. Obrigado a capitular, tem de soffrer condições mais duras que as do anno precedente. Para garantir a execução do tratado, Pepino deixou na Italia Furaldo, abbadê de S. Diniz, que pessoalmente se dirigiu a todas as cidades cedidas á Igreja romana, recebeu-lhes as chaves e foi depôl-as na confissão de S. Pedro, com o auto de doação que d'ellas fazia para sempre o rei dos lombardos á Santa Sé.

Todavia não quer isto dizer que o imperador de Constantinopla não tivesse intenção de conservar os seus direitos sobre as provincias usurpadas pelos lombardos. Um embaixador grego, contrariado por aquelle desfecho, julgou dever queixar-se a Pepino, que respondeu: « Não foi a um homem que eu soccorri; se peguei em armas e soffri tantas fadigas, foi por amor a S. Pedro, para expiar os meus peccados e salvar a minha alma. » Resposta digna do pae de Carlos Magno! De resto, se aquellas cidades e aquellas terras tivessem ficado nas mãos dos lombardos, nunca o imperador grego as teria recobrado. Estevam II não tardou a exprimir o seu reconhecimento a Pepino em uma carta, em que o papa justamente se regosija de ver finalmente a Igreja livre das exações dos seus inimigos. É necessario, accrescenta, que o papa seja senhor temporal, para que, livre e independente de todo o poder humano, possa exercer as suas altas e sublimes funcções. Como se vê, as reivindicações do papado não datam de 20 de setembro de 1870.

Astolpho morreu pouco depois (756), em consequencia de um accidente de caça. Graças ao concurso do papa e dos grandes, Didier, duque da Toscana, cingiu a corôa de ferro. Apesar da fé jurada, não tardou a conspirar contra os francos, para os desapossar das conquistas que haviam feito ao norte da Italia; n'esse intuito até se dirigiu a Roma afim de pedir ao papa que entrasse n'uma alliança com os gregos. Paulo I, successor de Estevam II, recusou-se a isso e informou Pepino do projecto do rei lombardo. Este principe conse-

guira formar, entre o clero e os grandes de Roma, um partido que suscitou perturbações por ocasião da eleição de Estevam III. Á frente do partido lombardo encontrava-se Paulo Asiarta, que mandou matar Christophoro e Sergio, chefes do partido amigo dos francos.

Em 768 fallecêra Pepino, deixando para successores Carlos e Carlomano, que reinou poucos annos, e morreu no mesmo que Estevam III (772). O rei lombardo parecia então senhor da situação; Pepino era temido, mas não se sabia se os filhos teriam a mesma energia e vigor do pae. Carlos não tardou a mostrar que era seu digno successor.

Adriano I acabava de subir á cadeira de S. Pedro. Logo que o soube, o rei lombardo enviou embaixadores ao novo papa, a fim de lhe certificar a sua amisade e prometter-lhe uma paz inviolavel. Mas soube-se pouco depois que este príncipe embusteiro, depois de se apoderar de varias cidades do exarchado, sustentava um estreito cêrco contra Ravenna. Os habitantes enviaram uma deputação ao papa, que se queixou amargamente a Didier. Este respondeu «que não restituiria aquellas praças, a não ser que o papa fosse conferenciar com elle». O seu projecto era attrahir Adriano, obrigal-o a sagrar os dois filhos de Carlomano, que se haviam refugiado na sua côrte com a mãe, e oppôl-os a Carlos Magno. O papa não se deixou cahir n'um laço tão habil como desleal. Irritado, o lombardo avança sobre Roma. Carlos Magno, prevenido a tempo, envjára-lhe uma embaixada para lhe offerecer a paz, se elle quizesse satisfazer o papa. Didier, vendo Carlos occupado n'uma guerra contra os saxões, recusou com altivez propostas tão vantajosas. D'esta vez resolveu Carlos Magno acabar com o poder dos lombardos. Em 773 descia á Italia e cercava Pavia. Após de seis mezes de sitio, Didier foi obrigado a render-se, e depois enviado para a França, onde terminou seus dias encerrado no mosteiro de Corbie. Assim acabou o reino dos lombardos, que durára duzentos annos.

Durante o cêrco de Pavia, o rei franco dirigira-se a Roma, onde dera ao papa as mais commoventes provas de respeito

e affecto. Não contente de confirmar a doação de Pepino, fez lavrar pelo seu capellão Eutherio o auto de uma doação muito mais extensa, pela qual assegurava á Igreja romana o exarchado de Ravenna, a Corsega, as provincias de Mantua, Parma, Veneza, Istria, com os ducados de Spoleto e Benevento. O rei assignou o auto por seu proprio punho, e com elle assignaram todos os bispos, abbades, duques, condes, que formavam o seu sequito; em seguida collocou-o sobre o altar de S. Pedro e jurou, com todos os senhores francos, conservar á Santa Sé todos os Estados que lhe doára.

É de notar que Carlos Magno não menciona o ducado de Roma, assim como já o não mencionára Pepino. Com effeito, havia muito tempo que o papa fôra reconhecido seu soberano, sem ferir os direitos dos imperadores de Constantinopla: evidentemente é permittido a um povo abandonado de seus antigos senhores, injustamente opprimido por elles e pelos seus visinhos, escolher um chefe capaz de o proteger e de o defender; porque o direito natural, que em tal caso auctorisa um simples particular a reclamar a protecção dos seus semelhantes, não menos auctorisa a isso um povo inteiro. «Toda a gente, diz Puffendorf, concorda em que os vassallos de um monarcha, vendo-se em risco de perecer, podem submeter-se a outro principe <sup>1)</sup>.» Com certeza a rapida vista que lançámos sobre a origem dos Estados Pontifícios mostra manifestamente que era esse o caso do povo romano.

Não era differente a situação no exarchado e na Pentapole, que de facto já não pertenciam aos imperadores gregos, mas aos lombardos. Os francos, tendo conquistado essas provincias, podiam dispôr d'ellas livremente; Pepino legou-as ao papa, a quem de futuro pertenceram legitimamente. De resto, e já o dissemos varias vezes, ahi como no ducado de Roma, desde Gregorio II, o papa, sem ter o titulo e as insignias da soberania, exercia todos os direitos a ella respe-

<sup>1)</sup> *De jure nat. et gent.*, l. VII, cap. VII.

ctivos. Vê-se portanto que a doação de Pepino em nada alterou a situação do papa para tornar a sua auctoridade definitivamente independente do imperador de Bysancio. Com certeza Pepino poud e quiz tirar ao imperador a soberania d'essas provincias e cedê-las ao Soberano Pontifice, sem todavia reservar para si algum direito sobre ellas. O seu poder era a consequencia natural da conquista de um paiz ha muitos annos abandonados pelo poder imperial, que parecia pensar na Italia só para a opprimir e dar-lhe ordens. Formalmente exprimiu a sua vontade recusando-se a reconhecer as pretensões do imperador a tal respeito. Convem accentuar que ao direito do senhor corresponde o dever de defender e proteger os seus vassallos. Desprezado este dever não ha motivo para respeitar semelhante direito. Portanto não se pode accusar o papa de traição, quando accitou dominios que outr'ora haviam pertencido ao imperio de Constantino-pla: a historia mostrára sufficientemente que sobre elle cahia o pezo esmagador de uma administração cheia de difficuldades e de uma lucta cada vez mais intensa contra os conquistadores barbaros. «Aquelle estado patriarchal, governado de baculo em punho, apparecia no meio da Europa barbara e fumegante de sangue como o reino do principio da paz, e Roma, a cidade da força, era agora a capital da caridade»<sup>1)</sup>.

Escusamos de expôr á vista dos leitores a indigna espoliação de 20 de setembro de 1870: a historia ha de flagellar os nomes de Cavour, Mazzini, Garibaldi, Cialdini, Napoleão III, Victor Manuel e seus satellites. A guerra contra a Austria em 1859 foi apenas um pretexto para que os revolucionarios, sob o commando do ignobil general Cialdini, podessem fazer uma brecha nos Estados Pontificios.

O «Fazei, mas depressa,» de Napoleão III, fôra executado em Castelfiardo e arrastára a tomada de Ancona. Mas Deus devia punir o traidor, e sabe-se como a batalha de Sadowa, consequencia de Solferino e de Castelfiardo, foi a precursora da catastrophe de Sedan. Napoleão pela sua

<sup>1)</sup> Kurth, *Les origines de la civilis. mod.*, tom. II.

politica de não-intervenção, a Inglaterra com a sua esquadra, a Prussia com o seu ouro, favoreciam a annexação dos diversos reinos da península, e abriram assim o caminho á espoliação de 20 de setembro de 1870, cujas «*nozze d'argento dell'Intangibile*» acabam de ser celebradas pela «*Italia Unita*». E entretanto a população dos campos soffre as torturas da fome e da miseria.

O immortal Pio IX, cujo vulto glorioso irradia no meio de tantas baixeiras e ignominias, lamentava amargamente os erros da casa de Saboia, de todo entregue, então como hoje, nas mãos da franc-maçonaria. Em 10 de setembro de 1870 dizia elle a Ponza di San Martino: «Eis até onde a revolução fez descer um principe da casa de Saboia! Não basta á revolução expulsar ou degolar os reis: todas as vezes que pode, occupa-se agora em deshonoral-os.» Ha já vinte e cinco annos que occupa bem tristemente um palacio pontificio; a cruz de Saboia sanciona a espoliação dos conventos, das egrejas, do patrimonio dos pobres, que, como outr'ora, só encontram protecção na Igreja e nos seus pontifices. Parece que se esqueceram das celebres palavras do deputado Ferrari: «Roma é fatal para os reis; o seu ultimo rei (o filho de Napoleão I) não poudé lá entrar; deveis evitar que ella seja tão fatal para a familia reinante» (20 de março de 1860). Oxalá que, no meio dos seus apparentes triumphos, ella se lembre de que o Capitolio está proximo da rocha Tarpeia e das Gemonias, e não junte o seu nome aos dos perseguidores do papado, fielmente registados pela historia.



## O PERIGO DO ALCOOLISMO E OS REMEDIOS

---

Ha muito que todos notam o perigo do alcoolismo, tratando-se a questão nos jornaes, em livros e em folhetos, nas reuniões das sociedades sabias, medicas, juridicas ou moraes, nos congressos, nos parlamentos. De diversos lados apparecem esforços tendentes a crear e manter na opinião publica uma agitação benefica, necessaria, em presença de uma situação cada vez mais ameaçadora. Chega a gente a espantar-se que o mal se desenvolvesse e propagasse tão livremente, quando parecia que todos deviam procurar impedil-o e remedial-o. A verdade é que o interesse de uns, a fraqueza ou timidez de outros, escrupulos respeitaveis de um grande numero, e finalmente a apathia ou inclinação secreta da multidão forneceram pretextos ou motivos mais ou menos plausiveis para se usar de complacencia ou tolerancia.

Infelizmente vae-se propagando entre nós esse vicio detestavel, como se propagou em França nos ultimos annos, e torna-se portanto necessario combatê-lo por todos os modos. Entre nós, exactamente como succedeu em França, ainda as attenções se não voltaram decididamente para esta questão, ou porque o mal ainda não esteja muito desenvolvido, ou porque as suas funestas consequencias ainda se não tenham revelado sufficientemente assustadoras, e portanto seja necessaria uma analyse perspicaz para o seguir nas variadas formas que reveste. Na verdade, o alcoolismo não é a embriaguez considerada como facto passageiro e muitas vezes acci-

dental, nem mesmo considerada como serie de factos successivos, como habito mais ou menos arraigado. Tanto a embriaguez accidental como a habitual revelam-se exteriormente, percebem-se com facilidade. A opinião condemna uma e outra ao ridiculo, e é isso que ainda hoje constitue o freio mais efficaz. Mesmo quando a equidade humana encontra, na miseria ou no soffrimento, desculpas para este lamentavel processo de consolação, a commiseração não é inteiramente exempta de repugnancia, de desdem e de escarneo. O alcoolismo é outra cousa. A embriaguez é, de certo modo, a divulgação e confissão do alcoolismo. Mas pode alguém ser um alcoolico ou alcoolisado sem ser um bebedor. Para isso basta, com uma natureza vigorosa ou por uma longa perseverança, ter levado o organismo a ponto de supportar e exigir dozes alcoolicas progressivamente crescentes. Quantas pessoas se habituaem insensivelmente a tomar aperitivos antes da refeição e licores depois! Chegam a gloriar-se d'isso, e encontram quem os admire e lhes tenha inveja. Não são bebedores, e revoltar-se-iam com a menor allusão a tal qualificativo. Mas são alcoolisados <sup>1)</sup>. Nem sequer o suspeitam <sup>2)</sup>. Não se lembram do perigo a que se expõem com toda a alegria do seu coração.

Embora faltem entre nós os dados estatisticos, não é difficil verificar que o consumo do alcool augmenta progressivamente. Para esse facto contribue a diminuição da produção vinicola pelos estragos da phyloxera, do oidium, do mildio e de outras doenças da videira. Diminuindo o vinho, que é a bebida mais vulgar, desenvolve-se por outro lado o fabrico industrial dos alcools, pela distillação da betarraba, dos melaços e das substancias farinaceas.

<sup>1)</sup> Um medico de Londres, em uma conferencia realisada no anno passado, exprimiu a mesma idéa acerca do abuso dos licores fortes. Afirmou que vira no seu hospital muitos doentes que soffriam do alcoolismo e que não eram bebedores: eram pessoas que tinham bebido mais que a sua capacidade physiologica lhes permittia.

<sup>2)</sup> Pode uma pessoa alcoolisar-se sem o saber, como disse o Dr. Legrain no congresso da Liga franceza da moralidade publica, celebrado em Lyon em setembro de 1894.

Deve notar-se que o perigo actual não provém simplesmente do consumo de quantidades quasi regularmente crescentes, mas tambem da qualidade cada vez mais nociva das bebidas absorvidas. Ha, pois, um duplo aggravamento do mal: o augmento do fabrico dos alcools industriaes, outr'ora quasi desconhecido e que se desenvolveu bastante em consequencia da destruição das vinhas; e o augmento, mais terrivel ainda, do consumo das bebidas com essencias geralmente conhecidas pelo nome de amargos, aperitivos, principalmente do absintho.

Ora, admitte-se geralmente a seguinte hierarchia das propriedades nocivas dos alcools: 1.º alcool ou aguardente de vinho, o menos prejudicial; 2.º aguardente de pera; 3.º aguardente de bagaço e de maçãs; 4.º alcool e aguardente de cereaes; 5.º alcool e aguardente de betarraba e de melaço; 6.º alcool e aguardente de batata. É verdade que esta classificação tem sido muito contestada nos ultimos tempos, havendo quem affirme a innocuidade dos alcools industriaes relativamente aos alcools naturaes. Os alcools naturaes, rhum, cognac, kirsch, etc., devem o seu aroma a impurezas toxicas, que são tanto mais perigosas quanto o producto é mais caro e mais authentico. O Dr. Daremberg fez, a este respeito, algumas experiencias interessantes, e corroborou a analyse chimica por experimentações physiologicas, injectando soluções alcoolicas, em animaes, pela via venosa. Verificou-se por essas experiencias que as aguardentes de fructas ou de uvas matam os coelhos em dose mais pequena que as aguardentes provenientes do alcool industrial. Seja como fôr, subsiste uma demonstração certa, e é que as aguardentes naturaes estão longe de ser puras, que é mesmo impossivel rectifical-as, porque, segundo a phrase de Guillemet, *rectific-al-as é destruil-as*. De forma que, na perplexidade em que tudo isto nos deixa, o mais seguro é recommendar a moderação a respeito de umas e das outras.

O Dr. Lancereaux, em uma communicação feita á Academia de Medicina de Paris, na sessão de 5 de março de 1895, ácerca dos « efeitos comparados das bebidas alcoolicas

no homem e da sua influencia no desenvolvimento da tuberculose <sup>1)</sup> », apresenta dados muito interessantes.

Vê-se ahí que augmenta progressivamente e de um modo assustador o consumo do absintho em França. Em Portugal tambem começa a propagar-se o uso d'essa bebida, e é possível que, assim como em França, comece a ser usada pelas mulheres, o que é mais grave.

Parece fóra de duvida que o absintho e os seus analogos, em razão das essencias que entram na sua composição, ainda são mais funestos que as aguardentes e alcools ordinarios. O Dr. Lancereaux encontrou no seu serviço hospitalar, em 20 doentes, 10 intoxicações, das quaes 5 pelo vinho e alcool ordinario e 5 pelo absintho e seus similares. « O bebedor de vinho e alcool está exposto ao delirio agudo; o bebedor de bebidas com essencias chega ordinariamente á demencia e ao embrutecimento ». A intelligencia é affectada; a sensibilidade tambem e ás vezes dolorosamente. Emfim, o abuso das bebidas alcoholicas favorece e pode até produzir a tuberculose.

Seria banal, fastidioso, para assim dizer impossivel, e, em todo o caso, demasiadamente longo, expôr as consequencias, a todos os respeitos fataes, do abuso do alcool <sup>2)</sup>.

Todavia não será inutil uma exposição breve. O alcoolismo fere o individuo, a familia, a raça, a collectividade inteira. Produz, com uma regularidade quasi certa, a degradação das faculdades physicas, intellectuaes e moraes. Gladstone dizia em 1880: « O alcool faz, em nossos dias, mais estragos que esses tres flagellos historicos, a fome, a peste e a guerra. Dizima bem mais que a fome e a peste; mata mais que a guerra. Alem de matar, deshonra. »

<sup>1)</sup> *Bulletin de l'Académie de Médecine*, 1895, pag. 219 e seg., especialmente pag. 225.

<sup>2)</sup> Vid. Dujardin-Beaumetz, *Puissance toxique des alcools*, pag. 33 e seg.; Rabuteau, *Nocuité graduée des diverses sortes d'alcools*, pag. 72 e seg.; Lancereaux, *L'alcoolisme et ses conséquences au point de vue de l'état physique, intellectuel et moral des populations*, pag. 102 e seg.; Baer (de Berlim), *Influence qu'exerce l'ivrognerie sur la fréquence et la propagation de l'aliénation mentale et de la criminalité*, pag. 169 e seg.; Légrain, *Dégénérescence sociale et alcoolisme*; Lafont, *Les dangers de l'alcoolisme*, etc.

Sob o ponto de vista physico, o alcoolismo sobreexcita a sensibilidade até á dôr lancinante, ataca e desorganisa o systema nervoso, diminue a força e a resistencia, a tal ponto que o dr. Legrain poude caracterisal-o dizendo: «O alcoolismo é uma velhice antecipada». E que velhice! Não é a velhice ordinaria, normal, mas uma velhice composta de degenerescencia. N'um discurso pronunciado no parlamento francez a 6 de junho de 1895, o dr. Lannelongue insistia muito sobre este aniquilamento da resistencia :

« O que caracteriza mais o bebedor é a sua falta de resistencia. . . Em presença de todos os flagellos que assaltam o homem, em presença do grande numero de doenças contagiosas, epidemicas ou não, a verdadeira característica do homem de saude é a sua resistencia organica, que lhe permite triumphar de todos os assaltos que a cada instante lhe dão os infinitamente pequenos, que são os seus inimigos mais terribes. Ora o bebedor perdeu toda a resistencia : está mal ferido, mal doente. Aos 40 annos tem os tecidos de um homem de 60 annos, pelo menos. O velho e o bebedor parecem-se; ou, melhor, o primeiro leva vantagem ao segundo. . . Na verdade, o velho possui uma resistencia tal que resiste ás feridas mais graves, ás fracturas de toda a especie. . . O velho resiste melhor que o alcoolico, porque os seus tecidos estão normaes, não se acham alterados. Ao contrario, por effeito do alcoolismo, os tecidos do bebedo alteram-se, degeneram, e collocam-n'o em um estado de real inferioridade em relação ao velho. »

O dr. Lancereaux, alludindo á tuberculose, declarava que a inspecção das carnes e dos alimentos, a necessidade de ferver o leite, « todos esses meios prophylacticos são muito pouco em comparação com os effeitos que produziria uma séria inspecção das bebidas alcoolicas e um esforço constante para diminuir o seu consumo ». <sup>1)</sup> O alcool produz alterações e desordens locaes, lesões materiaes, cuja origem debalde se procuraria n'outra causa. Actúa «no organismo humano como

<sup>1)</sup> Bulletin de l'Académie de médecine, 1895, pag. 223.

um veneno, que não alimenta, mas queima, suja, endurece ou atrophia os órgãos: estomago, figado, intestinos, coração, pulmões, arterias, musculos, nervos, cerebro ». Não é exaggerada a comparação com o veneno. Girard, chefe do laboratorio municipal de Paris, explicava, em 14 de abril de 1886, á commissão de inquerito do senado, que o aroma de cognac, accrescentado pelas fabricas de destillação de Paris aos alcools industriaes, tinha uma força toxica tal, que bastava uma injeccão hypodermica de um centigramma d'esse liquido, para matar em onze minutos um cão da Terra Nova. Em 6 de junho de 1895 expunha o Dr. Lannelongue á camara dos deputados, que muitos vinhos brancos do consumo parisiense são fabricados com o auxilio de um oleo, que ministrado em dose de quatro centimetros cubicos basta para matar um cão de 10 kilogrammas, provocando accidentes de asphyxia.

Por outro lado o Dr. Daremberg, conforme se vê no *Journal des Débats* de 4, 11 e 18 de setembro de 1895, fez experiencias verdadeiramente surprehendentes, não só com os aromas accrescentados aos alcool industriaes, mas ainda com esses mesmos alcools, com os alcools naturaes e ainda com os vinhos. Os resultados d'essas experiencias demonstram eloquentemente a violencia com que o alcool ataca toda a economia do organismo.

Mas vejamos agora qual é a sua acção deleteria na vida intellectual e moral do homem e como os seus estragos se transmittem atravez das gerações.

G. B.



## A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

### II

(Continuação de pag. 82)

Que necessidade tinham os povos da Italia de obedecer todos a Victor Manuel e aos seus descendentes, em vez de obedecerem ao duque da Toscana ou ao rei de Napoles, ou conservarem a sua autonomia ou formarem uma federação? É uma questão cujo exame nos levaria muito longe. Não investigaremos o papel que em todos estes acontecimentos poude representar a ambição de um rei corajoso nos campos de batalha, mas arrastado pelas paixões dos sentidos e dominado absolutamente por astuciosos ministros que, verdadeiramente fallando, o *obrigaram* a entrar em Roma sob pena de ver proclamada a republica, como seu filho e successor lá continúa constringido e forçado pela mesma ameaça; assim o devemos acreditar para honra de ambos elles, apesar das palavras que de proposito lhes attribuem; apesar das phrases — *Andremo al fondo...* — e — *Roma intangibile...*

Nada diremos tambem das famosas proclamações de Cialdini aos seus officiaes nos Estados Napolitanos: « Fazei espalhar que eu fusilo todos os camponezes armados que encontrar; já comecei... »; nem da guerra de exterminio annunciada, nem dos dezoito mil fusilados que não tinham commettido outros crimes senão o de defenderem a sua nacionalidade <sup>1)</sup>. Tudo isso não deixa de suppor uma viva de-

<sup>1)</sup> Relatorio official do marquez de Ulloa.

voção em se submeterem ao governo piemontez e formarem essa unidade, que aliás podia formar-se por outra forma que não a conquista.

Não temos a examinar essas questões porque só nos occupamos de Roma; queremos conceder que os piemontezes se impozeram ao resto da Italia só pelos meios *moraes* (sem antiphrase), pela brandura, pelo ascendente da sua superioridade. Mas em Roma? Foram os meios *moraes* que em Roma fizeram a brecha da *Porta Pia*? Que cousas interessantes se podem recordar a este respeito! Por exemplo, a famosa comedia do voto. É sabido como se faziam as eleições na Italia; um antigo agente de Cavour contou o processo, já conhecido mas com menos pormenores:

« Tinhamos requisitado os registos parochiaes para formar as listas dos eleitores. Preparámos todas as listas para as eleições dos parlamentos locais, como depois para o voto de annexação. Apresentou-se um pequeno numero de eleitores; mas na occasião do encerramento das urnas lançavamos lá as listas, naturalmente no sentido piemontez, d'aquelles que se tinham absterido; mas não de todos, é claro: deixavamos um certo numero d'elles, segundo a população respectiva do collegio. Era preciso salvar as apparencias, ao menos para o estrangeiro. »

É isto o que se chama consultar os povos! Ouçamos mais:

« Não custa, pois, explicar a facilidade com que se conseguiu levar a cabo taes manobras em paizes ainda novos no exercicio do suffragio universal, e cuja indifferença e abstenção coadjuvavam admiravelmente a fraude fazendo desaparecer toda a verificação. De resto nós procediamos de forma a tornar perfeitamente illusorias as garantias de publicidade e os meios de vigilancia. *A sala da urna e as suas immedições eram occupadas por carabineiros* ainda antes do acto eleitoral. Era entre elles que se escolhiam sempre o presidente da meza e os escrutinadores. Por esse lado estavamos nós bem. Em certos collegios, essa introduccção em massa, na urna, das listas dos ausentes, ao que nós chamavamos

completar o voto, fez-se com tão pouca atenção, que o escrutinio accusava mais votantes que o numero dos eleitores inscriptos... Pelo que respeita á cidade de Modena, assim fallo com conhecimento de causa, porque tudo isso se passou á minha vista e sob a minha direcção»<sup>1)</sup>.

Assim se fizeram as eleições n'aquelle bemaventurado paiz, liberto dos seus tyrannos. Quanto a Roma, usou-se ainda de menos cerimonias, e nem sequer se salvaram as apparencias. Depois de tomada a cidade á força de artilheria, para fingir que se legitimava o facto consummado, propuseram que se votasse a annexação ao Piemonte, e apenas se encontraram, no apuro final, quarenta e seis votos negativos! Quarenta e seis! O que prova demais não prova nada, diz um velho proverbio. Dias depois, mais de dez mil homens, todos romanos, de maior idade, chefes de familia, não hesitaram em ir perante notarios dar o seu nome e a sua morada para protestarem contra a abominavel comedia que acabava de se representar. Os piemontezes comprehenderam bem que, lançando na urna 46 votos negativos, não tinham lançado bastantes. Mas a cartada estava jogada, e trataram de esquecer e fazer esquecer essa questão. Os estrangeiros que presenciaram o facto nunca o esqueceram, e asseguram que a burla seria extraordinariamente comica se não fosse excessivamente odiosa. Hoje seria superfluo entrar em pormenores a tal respeito.

Actualmente, depois de vinte e cinco annos de um trabalho de seducção e de corrupção, a Italia official, apesar dos seus sessenta ou oitenta mil *romanos de alluvião*, como alguém lhes chamou, não está ainda bem segura ácerca dos resultados eleitoraes, mesmo fazendo votar essa turba, que a mudança da capital levou para a cidade eterna. Essa população foi antecipadamente retratada pelo jornal revolucionario a *Nação*:

« Vamos a Roma fazer uma grande experiencia, escrevia

<sup>1)</sup> Revelações de um agente do conde de Cavour (Carletti). Vid. *Les Sociétés secrètes et la Société*, por Deschamps e Claudio Jannet, 4.ª edição.

o seu correspondente, e tão grande que julgamos que não tem igual na historia, etc... Não deveis crer, meus amigos, que Roma com a vossa capital receba uma vantagem positiva. Dispõe-se a cidade a recebê-la como indemnisação pelo damno immenso que lhe causamos. Tirando-a da sua situação de cidade *mondiale* para a reduzir a cidade italiana, mudamos de tal forma a sua condição moral e material, que não é possível medir-lhe os efeitos. Qualquer compensação que receba o poder da Italia não é proporcional a este sacrificio. Era necessario que os italianos estivessem dispostos, como os antigos *Socii*, a conquistar para a cidade Rainha a Macedonia, a Asia, a Africa e a Iberia. Ora saiba-se que os modernos italianos não têm semelhantes intenções, e que por tal preço pareceriam muito caros ao proprio Sella, o mais romano dos piemontezes, — os direitos de *civis romanus*. O unico premio de consolação que poderemos dar a essa grande cidade, que de *mondiale* vae ser reduzida a italiana, é ao menos enviar-lhe os nossos ministros, os nossos senadores, os nossos deputados, e mais quarenta ou cincoenta mil pessoas, empregados, parasitas, ociosos, gatunos, intrujões, ladrões e cortezãs, que constituem o cortejo natural e necessario de uma capital moderna...

«... Saberão acaso o que é a capital de Italia? Não haverá perigo de tomar uma cousa por outra? Pode haver quem julgue que nós, pobres diabos, ministros, senadores, deputados, empregados, jornalistas, do reino da Italia, verdadeiros representantes da miseria sobre a terra, nos paremos alguma cousa com os imperadores e os reis que costumam visitar o tumulo dos apóstolos, ou com os cardeaes, arcebispos, bispos, patriarchas e abbades que iam ao concilio. Com certeza que, se assim pensassem, soffreriam uma decepção amarga. Em geral, quem governa, quem faz a politica e administra as cousas publicas na Italia (bem ou mal, isso não se discute), são as classes medias, e, entre estas, as menos abastadas. Portanto, se Roma espera que uma sessão parlamentar leve para a cidade tanto ouro como, por exemplo, o centenario de S. Pedro, engana-se. Ainda n'este ponto

Roma tem de descer: das libras sterlinas tem de passar ás *liras italianas*.»

Ahi está um jornalista italiano que pouco se illudia ácerca das vantagens que os romanos iam tirar do novo regimen.

### III

Quanto ao segundo motivo invocado para justificar a destruição do poder temporal, a saber, o mau governo do Estado Pontificio, temos a perguntar, primeiramente, não só sob o ponto de vista dos legisladores e moralistas, para os quaes a questão seria facil de resolver, mas simplesmente sob o ponto de vista dos politicos, se, suppondo mesmo que um povo tenha legitimas queixas do seu governo, pode sempre destruil-o, tem sempre a liberdade de se annexar a uma nação visinha que mais lhe agrade; se, fora da questão juridica e philosophica, não ha interesses superiores geraes ou internacionaes, que muito superiormente dominam os gostos, as vontades ou os interesses particulares? A Europa não permittiu á Belgica a sua annexação á França em 1831; e a Inglaterra de certo não reconhecera á ilha de Gersey o direito de se entregar á França, ou a Gibraltar o de se unir á Hespanha, se quizessem; nem attendeu as reclamações das ilhas Jonicas, quando queriam fazer parte da Grecia, e não nos parece que esteja disposta a satisfazer os desejos dos povos, se a Irlanda quizesse a sua autonomia ou annexação a uma nação mais sympathica.

Porque ha de sustentar-se uma these inteiramente opposta relativamente a Roma? É porque Roma é a cidade dos Papas, porque pertence ao universo catholico e não exclusivamente á Italia? porque, n'uma palavra, é a capital do mundo christão, e, como tal, foi vinte vezes defendida, salva, restaurada, enriquecida, de tal modo que, se restituisse tudo o que deve ás outras nações, pouco lhe ficaria? É por isso que Roma pode entregar-se a quem lhe apraza, ou soffrer tranquillamente a conquista de quem a quizer, como uma cidade indifferente aos outros povos, como uma cousa sem o

minimo valor? Pelo contrario, não apoiam estas razões a these inversa?

Mais ainda: suppondo que houvesse realmente sacrificios a soffrer, em troca d'essa corôa de honra e de gloria unica no mundo, Roma devia acceital-os com satisfação, como fraca compensação das vantagens excepcionaes que lhe vale a sua qualidade de cidade universal, capital do mundo civilisado; devia considerar que nenhuma cidade sobre a terra tem os nobres privilegios de que ella gosa, e que deve á sua antiga historia e principalmente á religião catholica e ao Papado de que é sêde. Comprehender-se-ia que Washington — e pode tirar-se d'aqui um argumento *à fortiori* — comprehender-se-ia que a cidade de Washington se queixasse de não ser governada exactamente nas mesmas condições que as outras cidades da America, de não ter um conselho municipal semelhante, etc., ao passo que tem o privilegio de possuir a representação dos Estados e a presidencia da Republica? Na verdade, se se queixasse, o que de certo não fará, ninguém a attenderia.

Será admissivel que Roma inveje as condições vulgares das cidades banaes, e se julgue infeliz com a sua gloria tantas vezes secular, com os seus esplendores religiosos e artisticos, com as suas commodidades e o seu governo paternal? Não seria, permittam-nos a comparação, o mesmo que uma creança queixar-se de sempre ter ouro emquanto que os seus visinhos teem moeda de cobre? O celebre historiador protestante Macaulay escrevia ha annos: « Roma não pertence mais á Italia que Washington ao Estado da Colombia. A Roma moderna é uma criação e uma herança do mundo catholico. Todas as pedras e todas as columnas das suas majestosas basilicas foram collocadas e dispostas, pode dizer-se, pelos catholicos de todo o mundo. »

Só fallámos por hypothese e para responder áquelles que tanto ignoram o direito como a historia, áquelles que não sabem que, em certos casos, a Europa tem, como costuma dizer-se, *voto no capitulo*, que o mundo civilisado pode legitimamente impôr a sua vontade a uma cidade, e até a uma

nação, quando se trata de uma questão de importancia capital, porque interesses superiores podem ás vezes dominar vontades e interesses particulares.

Mas nós sabemos muito bem, pelo que respeita a Roma e aos Estados Pontificios, que o governo piemontez se impoz pela astucia e pela violencia, e que nunca foi chamado, nem simplesmente desejado pela população.

Para que conseguisse fazer crer ao mundo que os Estados do Papa eram mais mal governados que as outras nações da Europa, foi precisa uma habilidade diabolica e uma especie de aposta contra o senso commum. Que houvesse em Roma imperfeições como em outra qualquer parte, ou menos ainda, vá; que houvesse reformas a estudar, modificações a introduzir, e por consequente mudanças pedidas pela differença dos tempos e dos costumes, não o negaremos; onde ha homens ha fraquezas, e é sempre possivel melhorar de situação. Mas julgarmos que deve estabelecer-se como principio assente, que, sem o mal causado pelos estrangeiros, pelas excitações dos revolucionarios cosmopolitas, não haveria no mundo um povo mais feliz que o dos Estados da Igreja, sob o governo dos Papas.

Se poude na edade media dizer-se que *era bom viver á sombra do baculo*, os vassallos pontificios podiam dizer que *era bom viver á sombra da tiara*. Não se julgue que n'isto ha exaggero: um povo que vivia a vida mais barata da Europa, que quasi não pagaria impostos se não fosse obrigado a pagar as dividas dos revolucionarios de 1848; um povo que não tem conscripção militar, que está seguro contra os perigos da guerra; um povo em que florescem a religião, as artes e as lettras, e do qual se podia dizer com o marquez de Aze-glio — « Ha um povo na terra que desconhece a miseria e a fome! » — porque na verdade, os soffrimentos inseparaveis da humanidade eram alli admiravelmente soccorridos n'um grau que nunca será attingido pelas *work-house*, pelos depositos de mendicidade, pelos hospitaes e pelos medicos dos pobres das nossas cidades; um povo assim podia não ser rico, mas não podia ser infeliz.

Tudo isto está absolutamente fóra de duvida. O relatório official de Rayneval, os trabalhos comparativos de Sauzet, Dupanloup, Margotti e tantos outros vingaram a verdade, que fóra vinte vezes, cem vezes ultrajada pela calumnia. Como é então que tantas pessoas honestas erraram e erram ainda n'este ponto? Esse facto só pode explicar-se pela habilidade e perseverança dos calumniadores, de um lado, e do outro, pela frivolidade e indiferença de certas pessoas de bem. Os adversarios do Papado puzeram em relevo constantemente e ruidosamente tudo o que parecia apoiar as suas affirmativas, e occultaram o resto com o maior cuidado. Sabiam que o que penetra no espirito publico é aquillo que se repete muitas vezes; por isso adoptaram a senha: não havia um crime, nem o menor delicto commettido em Roma ou nos arredores, que não fosse logo transmittido a todo o mundo pelas mil vozes da imprensa, que á porfia ampliavam e desnaturavam, e finalmente illudiam não só as massas credulas, mas ainda um grande numero de pessoas, aliás intelligentes, mas que n'estas cousas nada aprofundam, ou porque isso as não interesse, ou porque não tenham tempo nem possibilidade de o fazer. Seja-nos permitido, a este respeito, referir o seguinte facto succedido com um escriptor e advogado francez. Por occasião de um assassinato commettido em Roma, que-ria um homem distincto argumentar-lhe com esse facto e com outro semelhante. O escriptor a que nos referimos disse-lhe então: — Quantos crimes d'esta natureza julga que se commetteram este anno no nosso departamento? — Nenhum, respondeu. — Pois consulte o registo dos tribunaes, e encontrará tres casos de assassinato; o senhor não o sabia, e não obstante é na sua propria cidade que vão ser julgados. A razão porque o ignorava é que os jornaes não chamam a attenção publica de uma forma especial para o seu departamento ou para a sua cidade, ao passo que agora toda a imprensa da Europa se occupa em dizer e repetir tudo o que pareça abalar o governo pontificio. — O interlocutor não respondeu e poz-se a reflectir.

(Continúa).

P. G., *advogado.*

## BIBLIOGRAPHIA

---

**Milliarios do Conventvs Bracaravgvstanvs em Portugal — Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos por M. Capella.** <sup>1)</sup> — Ha tres ou quatro annos, redigindo nós um jornal d'esta cidade, recebemos do alto Minho umas cartas do nosso respeitavel amigo e distinctissimo collega sr. Martins Capella, dando-nos noticia de uma peregrinação scientifica atravez d'aquella provincia. O illustre professor, com uma paciencia benedictina e uma abnegação a toda a prova, entretinhase a estudar os perdidos monumentos da civilização romana ao norte do paiz. O fructo d'esses trabalhos apparece agora no livro que temos á vista, obra de grandissimo valor para os estudiosos. Não sabemos se o auctor encontrará em Portugal um galardão condigno do seu alto merecimento, e até quasi temos a certeza da negativa; sabemos, porém, que um pouco alem das fronteiras está sendo devidamente apreciado o valiosissimo trabalho do sr. Martins Capella.

---

**Poema da Juventude** (José Maria Ançã) — *precedido d'uma carta preambular ao deputado João de Paiva, escripta por Candido de Figueiredo.* — Já conheciamos do auctor as *Expansões d'Alma* e uns dois poemetos que de novo apparecem no *Poema da Juventude*. Das *Expansões d'Alma*, lidas ha annos, conservamos gratissima impressão, sobretudo pelos seus bellos alexandrinos, reveladores de uma inspiração fecunda, embora não revistam sempre um cunho de originalidade, — diga-se tudo. É inquestionavel que o sr. Ançã é um moço de talento, poeta mimoso, artista de raça. Bellas imagens, verso geralmente facil, correcção de forma, assumptos variados e em regra bem escolhidos, — taes são as impressões que nos deixou o *Poema da juventude*.

Noticia historica da veneravel ordem terceira da penitencia de S. Francisco da cidade de Coimbra e do seu hospital e asylo, por *Joaquim Simões Barrico*. — Trata-se de um livro que deve ser lido por todos os amadores de antiguidades. O sr. Simões Barrico, trabalhador indefesso, muito contribuiu com as suas laboriosas investigações para o conhecimento de algumas d'essas antiguidades.

**Jornal das Senhoras** — Recebemos o n.º 1 d'este semanario collaborado por damas e a ellas dedicado, e que constitue uma verdadeira novidade no nosso meio jornalístico. Compõe-se de 8 paginas de composição em elzevir, impresso em magnifico papel e illustrado com um retrato de grande formato de Sua Magestade a Rainha, em photogravura, varias vinhetas, figurinos, etc. Cada numero do *Jornal das Senhoras* é acompanhado d'um supplemento musical, sendo o do primeiro numero constituido por uma valsa para piano denominada *Estrella do Funchal*.

Os preços do *Jornal das Senhoras* são 50 réis, sem supplemento e 120 com supplemento, para a venda avulsa; e 40 e 100 reis, respectivamente, por assignatura. Summario do n.º 1: Sua Magestade a Rainha — Expediente — João de Deus — O nosso programma, *A Empreza* — Chronica — No album d'uma cantora, *Emilia Eduarda* — Ideal desfeito, conto, *Mencia Mousinho d'Albuquerque* — Hygiene infantil, *Sophia da Silva* — Modas, *Emma Parisiense* — O nosso supplemento musical — Resignation, *Eugénie Lecrénier* — João, o Mendigo (romance, traducção de *I. d'O.* — Casta, *Mercedes Blasco* — Anniversarios — Deus, *Violeta* — *Jornal das Senhoras* — O mar, *Julia Bahia* — Um conselho por semana — Memorandum religioso, etc.

Redacção e administração — Rua do Ouro, 149, 2.º — Lisboa.

**Revista Moderna** — *Semanario illustrado*, Tomo 2.º, n.º 30. — Inere diversos artigos e illustrações. Uma d'estas representa João de Deus no leito mortuario.

**La Civiltá Cattolica** — N.º 1095 — Alem de excellentes chronicas de Roma, da Italia, da Allemanha, da Austria Hungria, etc., publica esta excellente revista diversos artigos scientificos, importantes e cheios de interesse.

**Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa** — Acabam de ser distribuidos os n.ºs 4.º, 5.º e 6.º da 14.ª serie. Entre diversos assum-

ptos de que se occupam notaremos um estudo historico de Luciano Cordeiro (*O thesouro do rei Fernando*), um magnifico artigo de Augusto de Castilho ácerca de Lourenço Marques, e a continuação da um estudo intitulado *Mitras lusitanas no Oriente*, por Casimiro Christovão de Nazareth.

---

O mundo legal e judiciario — O n.º 8 do 10.º anno, que acabamos de receber, insere diversos artigos juridicos de interesse.

---

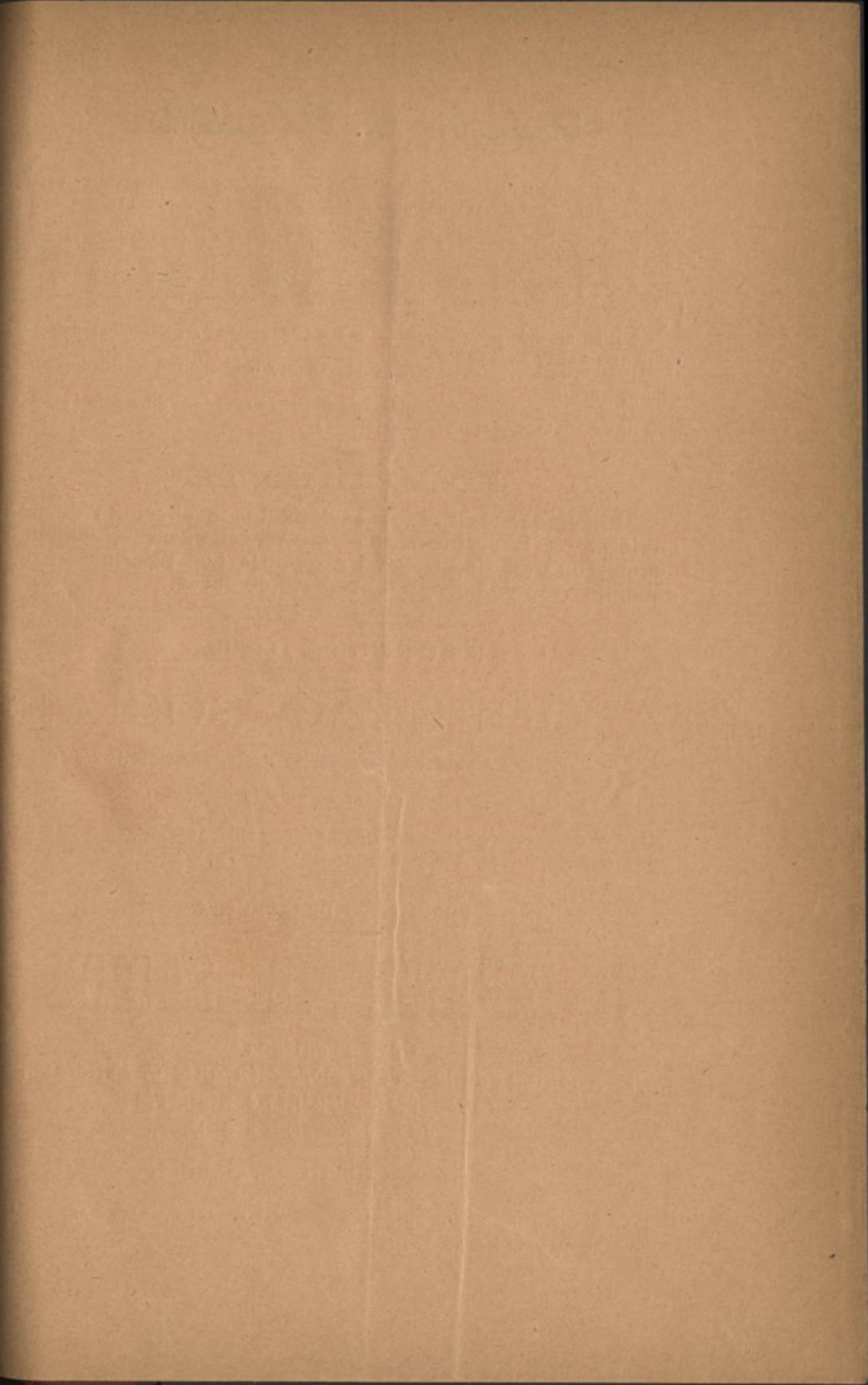
Portugal em Africa — O n.º 24 publica um artigo sobre colonisação em Africa, o retrato do benemerito missionario Conego Gil Carneiro, com um artigo, e diversas noticias sobre os ultimos acontecimentos da Africa. É uma revista interessantissima para todos os que seguem o movimento colonial.

---

Revue politique et parlementaire. — Acabamos de receber o n.º 20 d'esta publicação, que insere diversos artigos sobre negocios politicos de França, chronicas politicas e parlamentares da Republica Argentina, Belgica, Italia e Paizes Baixos, etc. (Paris, rue de l'Université, 110).

---





## Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractará sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 15600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero ¼ de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

### EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

## A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Afonso Costa

PREÇO 200 REIS

Á venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

## O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada  
no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,  
por occasião do quinto centenario  
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-371 pag., 600 réis

Á venda na Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

# REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,  
HISTORICAS E SOCIAES

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO

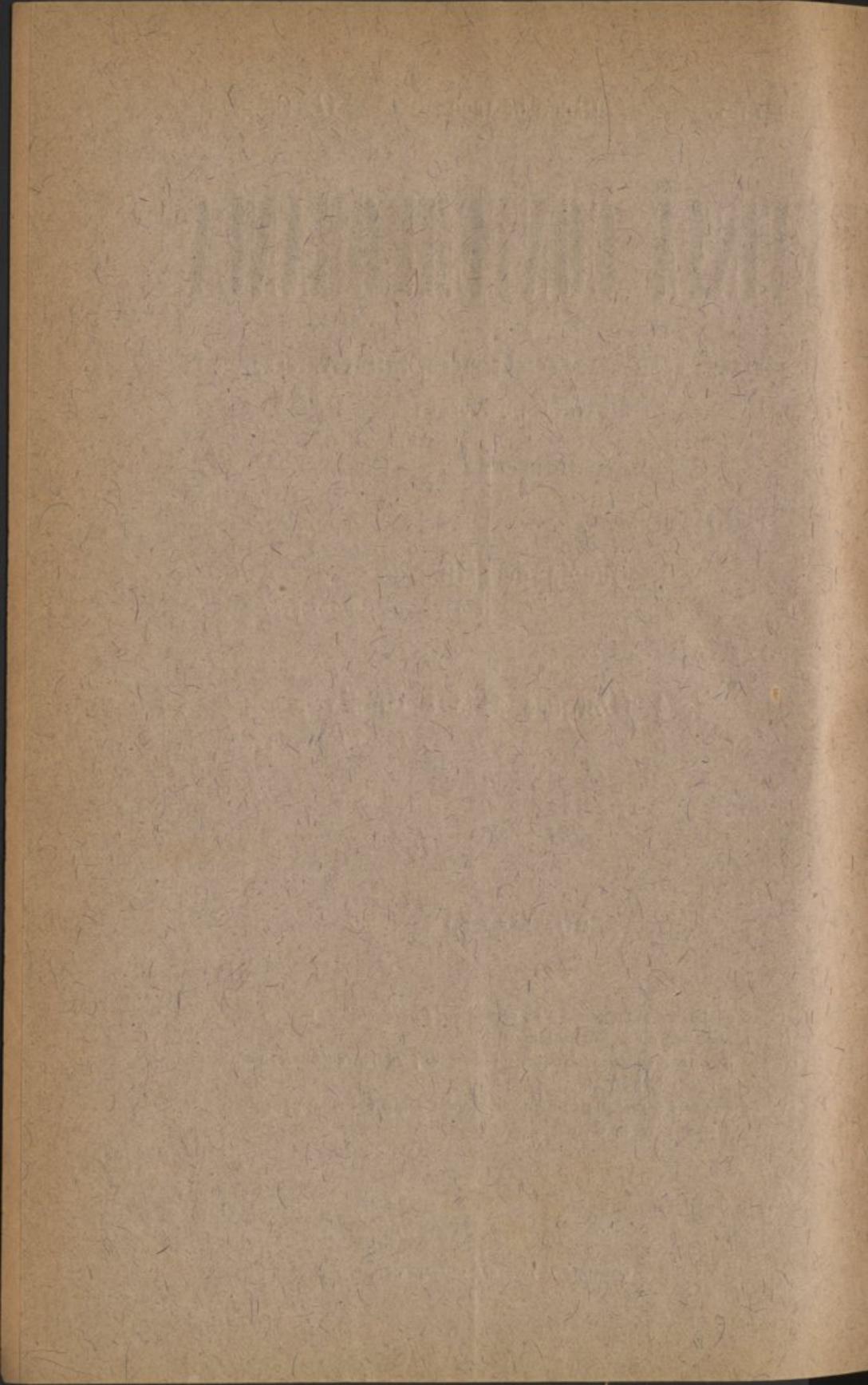
ADMINISTRADOR

José Marques Rito e Cunha

BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

## SUMMARIO

- I — O perigo do alcoolismo e os remedios, (conclusão) G. B.
- II — A matança de S. Bartholomeu, F.
- III — A prelazia de Moçambique no passado, (para continuar) pelo Bispo de Himeria.
- IV — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa, (continua) por P. G., advogado.



# O PERIGO DO ALCOOLISMO E OS REMEDIOS

(Conclusão de pag. 149)

As alterações graduaes e diversas da intelligencia são demasiado evidentes para que haja necessidade de insistir nellas. Todavia não pode ficar em silencio o desastroso contingente fornecido pelo alcoolismo á alienação mental. Em 1887 declarava o sr. Claude no senado francez, que a proporção das alienações devidas ao alcoolismo passára de 8 a 9 por 100 em 1860, a 16 por 100 em 1885. Esses 16 por 100 eram só a media. Certos departamentos de grande consumo alcoolico attingiam 25, 26, 28, 29 e 40 por 100. Segundo Lucien Puteaux, <sup>1)</sup> a proporção de alienados por alcoolismo elevou-se a 21, 90 por 100 no periodo de 1881 a 1885. Por outro lado, o Dr. Legrain reproduz o quadro, elaborado por Magnan, das doenças mentaes occasionadas ou complicadas pelo alcoolismo, segundo as observações feitas no gabinete de admissão de Sant'Anna, em Paris:

1887:	37,98	0/0	para os hom.,	e	10,81	0/0	para as mulh.
1888:	35,28	»	»	»	12,33	»	»
1889:	33,17	»	»	»	11,95	»	»
1890:	35,51	»	»	»	11,61	»	»

Os resultados n'outros paizes são perfeitamente analogos. A proporção dos alienados alcoolisados na Prussia era de 15

<sup>1)</sup> *Étude de l'alcoolisme en Suisse*, pag. 7.

por 100 para os homens, e de 1 por 100 para as mulheres; no Wurtemberg, em 1875, de 48 por 100, dos quaes 19 por hereditariedade; na Hollanda, desde 1878 a 1882, era de 16 por 100; na Russia, 15 por 100; na Suissa, antes do estabelecimento do monopolio do alcool, a media era de 20 por 100. No congresso internacional para o estudo das questões relativas ao alcoolismo, celebrado em Paris por occasião da exposição de 13 a 16 de agosto de 1878, declarava o dr. Baer (de Berlim), no seu relatorio sobre « a influencia da embriaguez na frequencia e na propagação da alienação mental e da criminalidade », ter verificado nas diversas provincias da Prussia, que « o numero dos alienados está na proporção quasi directa do numero das tabernas ou lojas de venda de aguardente a retalho ».

O perigo tornou-se tão ameaçador em França, que os alienistas evidenciaram a urgencia de crear estabelecimentos especiaes para os alienados alcoolisados, com tratamento appropriado. O Conselho superior da Assistencia publica mandou estudar a criação de asylos especiaes para alcoolisados, semelhantes aos que existem n'outros paizes. Em 6 de julho de 1894 votou o conselho geral do Sena a criação de um novo asylo de alienados, na qual a secção dos homens, 500 doentes, será inteiramente reservada ao tratamento dos alcoolisados.

O suicidio pode entrar nas variedades d'esta demencia alcoolica. O sr. Claude estabelece, relativamente ao anno de 1885, uma proporção de 11 por 100 de suicidios devidos ao alcoolismo.

Não é necessario expor desenvolvidamente as consequencias funestas do alcoolismo relativamente aos sentimentos moraes. De resto existe uma relação bem comprehensivel entre as consequencias physicas e as moraes. É evidente que ha uma certa correlação entre o alcoolismo e a criminalidade; que um grande numero de actos mais ou menos reprehensiveis são commettidos n'esse offuscamento da reflexão racional resultante da embriaguez, e que, mesmo independentemente da embriaguez caracterisada, a excitação alcoolica produz uma predisposição de violencia que irrompe ao

menor choque. No relatorio que já citámos, notava Claude que os departamentos francezes mais entregues ao uso da aguardente forneciam tambem o maior contingente de criminosos. Marambat, n'uma communicacão feita em 3 de abril de 1888 á Academia de medicina, avaliava, relativamente á cidade de Paris, em 72 p. c. a proporção de alcoolisados entre os condemnados. Tambem existe, evidentemente, uma corrente continua da intemperança alcoolica para a devassidão, e da devassidão para o alcoolismo. O mutuo apoio que um e outro vicio se prestam não se manifesta em parte alguma com mais evidencia, que nesses cafés ou tabernas que procuram os elementos da devassidão e da prostituição, e reciprocamente, n'esses logares de prostituição e devassidão que fornecem recursos ás tabernas. Encontra-se ahi a exploração calculada das fraquezas humanas. Cada uma d'essas inclinações viciosas excita a outra. Permittir que se reunam e satisfaçam no mesmo logar, é signal de uma imprevidencia imperdoavel e de um incomprehensivel desprezo pela saude physica, intellectual e moral.

Todas estas consequencias quasi inevitaveis não param no individuo. Invadem a familia, o lar, atacam a descendencia, a raça. Que lar domestico poderia subsistir? O alcoolismo — torna-se banal dizer isto — é o esphacelamento da união conjugal, a paralyisia ou mesmo o aniquilamento da ternura paternal, do respeito filial.

O alcoolismo é um dos elementos mais activos de desorganisação, de miseria material e moral. No relatorio apresentado por Theophilo Roussel á commissão de inquerito sobre o consumo do alcool em França, avaliava-se o salario annual dos operarios em 10  $\frac{1}{2}$  biliões, dos quaes 2  $\frac{1}{2}$  eram gastos na taberna em bebidas fortes. É quasi o mesmo que a estatistica apresentada já no congresso de 1878 por Thomaz Irving White, em relação aos annos de 1866 a 1870. No seu discurso de 6 de junho de 1895, o Dr. Lannelongue citava uma outra estatistica, de Leone Levy, segundo a qual 3 biliões, dos 10 biliões de salarios annuaes dos operarios inglezes, eram gastos na taberna.

De tudo isto resulta evidentemente que existe uma união íntima entre o alcoolismo e o pauperismo. Não quer isto dizer, certamente, que o alcoolismo se encontra apenas nos meios pobres, ou que forçosamente e subitamente produz a pobreza. Existe o alcoolismo, e mais do que se imagina, nos meios abastados e ricos. Só ha a differença de que ahí é necessario mais tempo para fazer brecha nos solidos baluartes, que protegem contra o depauperamento material e moral; ao passo que, para as familias que apenas são preservadas da miseria completa pelo ganho quotidiano, o alcoolismo breve espedaça essa fragil barreira. O Dr. Legrain disse com muita exactidão: « o alcoolismo é, ao mesmo tempo, causa e effeito do pauperismo. » A taberna conduz á miseria, e a miseria conduz á taberna.

Essa miseria não é simplesmente material. E' facil entrever as tentações horribes « da mulher do embriagado, profundamente desgostosa », aguilhoada por pensamentos de devassidão e de prostituição. E que hão de vir a ser os filhos creados n'esta atmosphera? Não foi sem razão que a lei franceza de 24 de julho de 1889 permittiu aos tribunaes declarar em destituidos do poder paternal os paes que, « pelo habito da embriaguez, pelo seu comportamento escandaloso e notorio ou por maus tratos, compromettam a saude, a segurança ou a moralidade dos filhos ».

Mas ha, para os descendentes, uma consequencia assustadora quasi fatal. Os effeitos terriveis do alcool não param com a morte; estendem-se á posteridade. O sr. Lucien Puteaux fez numerosas observações na primeira geração, bastantes na segunda, e tambem algumas, embora raras, na terceira. Os resultados são desoladores. Doenças phisicas, defeitos organicos, intellectuaes e moraes, a tuberculose, a epilepsia, a demencia sob formas variadas, a famosa asymetria craneo-facial, que, no dizer de Lombroso, caracteriza o homem criminoso. . . Os descendentes, em primeira geração, de pessoas alcoolizadas, são: 1.º degenerados; 2.º convulsionarios; 3.º inclinados ás bebidas; 4.º tuberculosos n'uma proporção muito elevada. Á segunda geração o mal augmenta;

e não corremos, infelizmente, grande risco de nos enganar, conjecturando que se accentúa ainda na terceira geração. Defeitos physicos, surdez, surdez-mudez, estrabismo, hydrocephalia, etc., convulsões na primeira infancia, epilepsia frequente, quando os paes se tenham dado ao absinthismo, e inevitavel, quando o seu absinthismo se complicava já com epilepsia,— meningite, debilidade mental e até idiotismo, enfraquecimento e desaparecimento do senso moral: eis os resultados. Desde a infancia, uma perversão e um cynismo que, diz o dr. Legrain, « revoltam qualquer pessoa que não seja o medico », irrompem em manifestações externas. Convulsões da primeira infancia, epilepsia, meningite, tudo isso constitue « uma especie de trilogia pathologica que pode designar-se com o nome de heredoalcoholismo ». De 814 creanças observadas, 174, isto é, mais de  $\frac{1}{5}$ , morreram no primeiro anno da sua existência. Está realmente averiguado que a quinta parte dos filhos de pessoas alcoholizadas tornam-se epilepticos e hystericos. De modo que, embora o alcoholizado seja muito prolifico, a posteridade não vingá, ou vingá mal, o que produz perdas enormes no capital da humanidade. O que fica torna-se cada vez mais improprio para as funcções physicas ou intellectuaes, mesmo para a funcção da reprodução, que parece ter-se exgottado no auctor.

O alcoholismo é um dos mais terriveis flagellos que podem cahir sobre uma nação, pela diminuição dos nascimentos e, mais ainda, pelo enfraquecimento das qualidades da raça. <sup>1)</sup> O resultado final, cujo perigo não pode exaggerar-se n'um paiz de democracia, é a depressão do nivel intellectual das massas. O Dr. Legrain concluiu que tudo isso « tende a fazer retrogradar a sociedade até aos tempos remotos em que, na aurora do progresso, ella se compunha só de individuos incultos; com a differença de que esses individuos tinham o progresso em potencia, ao passo que o degenerado é um

<sup>1)</sup> É o pensamento de Gladstone: « O alcoholismo faz, em nossos dias, mais estragos que esses tres flagellos historicos: a fome, a peste e a guerra. »

ser decadente, arrastado por uma corrente que não pode vencer ».

Finalmente, o que augmenta a gravidade d'esse flagello é que elle não fere simplesmente os individuos, um por um, mas as massas. Raras vezes succede que alguem se encontre só na taberna; e o instincto de sociabilidade favorece o contagio. O alcoolismo não ataca ordinariamente só os isolados; não é simplesmente individual: as mais das vezes é collectivo; os seus estragos semelham-se aos do canhão, que, de um só tiro, ceifa fileiras inteiras de combatentes.

Perante ameaças tão assustadoras, que, em grande parte, já se converteram em realidades, parece que toda a gente deveria unir-se para levantar uma cruzada contra o inimigo commum. Nesta questão não pode haver escolas contrarias, nem seitas nem parcialidades de qualquer natureza, e a favor d'ella devem unir-se todos os homens de boa fé, verdadeiramente empenhados nas grandes reformas sociaes. Porque não ha uma questão mais respeitavel e mais urgente, nem uma reforma mais essencial. Com justiça poude alguem dizer, que « a questão da intemperança era a base de toda a reforma politica e social ». E, na verdade, que reforma haverá mais indiscutivel e mais segura! Não é d'essas reformas que têm um lado sombrio, de inquietação e duvida, perante as quaes se hesita, na vaga apprehensão de haver de lamental-as mais tarde, com tanta amargura como impotencia. Não. A utilidade, a necessidade, a urgencia são evidentes; e, como a efficacia dos remedios depende muito mais ainda dos costumes que das leis, não é demasiada a união de todas as vontades. Essa união é legitima e parece facil. Vejamos o que se passou na Inglaterra em 1736:

O paiz via-se flagellado. O alcoolismo enchia as ruas de alienados, as prisões de criminosos, os hospitaes de enfermos. Sir Joseph Jekyll fez passar o « Gin Bill », que tendia a prohibir a venda dos alcooes a retalho. A camara dos communs protestou indignada contra esse attentado á liberdade individual. Londres foi theatro de desordens sel-

vagens; a casa de sir Joseph Jekyll teve de ser guardada por soldados, de dia e de noite; e, depois de um longo combate de parte a parte, a lei acabou por ser abertamente violada, por tornar-se objecto de desprezo e riso.

Esta advertencia da historia leva-nos a reflectir, e não é preciso pensar muito para ver que a união das vontades se fará de certo facilmente, mas em sentido contrario. O alcoolismo tem nuvens de partidarios, mais ou menos declarados, e em todas as ordens da sociedade. Ha os grandes e pequenos productores de alcool, destilladores de profissão, mais ou menos ricos e influentes; por outro lado os commerciantes e revendedores, e, para unir todos esses interesses n'um feixe compacto e indestructivel, a massa dos consumidores, nos quaes a inclinação do alcool se converteu já em habito arraigado, n'uma especie de necessidade.

Evidentemente, a lucta contra o alcoolismo é bem difficil. E' mais facil decretar o imposto progressivo que introduzir uma reforma d'este genero. Seria preciso nunca ter tratado de negocios publicos para ignorar a lucta dos interesses ameaçados, a sua prodigiosa habilidade em se esconderem atraz dos principios. Bem sei que ha de appellar-se, como na Inglaterra no seculo XVIII, para a inviolabilidade do domicilio, para a liberdade individual e para o direito de propriedade. Até os taberneiros hão de continuar a excitar a indignação dos operarios contra os patrões que os exploram!

Entretanto, quaes são os remedios a applicar? Uns são do dominio legislativo e outros do dominio moral. Estes ultimos são por certo os mais importantes. O alcoolismo é, antes de tudo, uma questão de habitos, de costumes. Quer isto dizer, como parece que pensaram alguns, que as medidas legislativas devem ser consideradas como destituidas de effiçacia, insignificantes, despreziveis? Se as leis, segundo o velho adagio, são impotentes sem o concurso dos costumes, nem por isso é menos verdade que, muitas vezes, os costumes soffrem a acção da lei. Especialmente pelo que respeita á producção e ao consumo do alcool, a experiencia tem mos-

trado que as leis contribuem para o seu augmento ou diminuição. Não desprezemos, pois, a acção da lei.

Infelizmente podemos afirmar que, tanto sob o ponto de vista dos costumes como da lei, estamos muito atrasados. Em Portugal não ha as sociedades de temperança que existem n'outros paizes. Em França fundou o dr. Lunier, em 26 de dezembro de 1871, a primeira sociedade de temperança, reconhecida de utilidade publica em 5 de fevereiro de 1880. Nos Estados-Unidos, a primeira sociedade de temperança data de 1808. Em 1835 havia lá mais de 8:000 sociedades d'esta natureza. Na Inglaterra, em 1878, existiam 24 grandes ligas de temperança, que impunham a abstinencia pessoal, e que, actualmente, contam mais de quatro milhões de membros. Essas sociedades não se limitam a prescripções negativas: exercem uma actividade positiva, e esforçam-se em substituir as antigas lojas de bebidas por cafés e restaurantes de temperança.

Em Portugal torna-se necessaria uma grande propaganda neste sentido, porque entre nós está o alcoolismo produzindo em grande escala os seus effeitos destruidores. Uma iniciativa corajosa e o esforço dedicado dos homens de boa vontade devem necessariamente produzir fructos de benção.

G. B.



## A prelazia de Moçambique no passado <sup>1)</sup>

---

Lendo desapaixonadamente com atenção o livro da historia, onde se narram os fastos epicos da expansão portugueza nas quatro partes do mundo ultramarino, onde Portugal implantou pelo braço potente e esforço heroico dos seus filhos o pendão glorioso das quinças, que affirmam o dominio temporal, e a Cruz, symbolo augusto da redempção humana, da luz e do progresso social, veremos, não sem um desvanecimento legitimo, que não era em regra o interesse mercantil que desembainhava a espada prestigiosa dos nossos guerreiros, nem guiava os passos firmes dos nossos missionarios.

Um ideal mais alto e mais nobre impulsionava com masculino vigor uns e outros nos seus feitos: era o ardente proselytismo religioso, era o amor da gloria, radiante e puro, que lhes dava a coragem para arrostar todos os perigos, todas as intemperies e agruras.

Dir-se-hia legião de heroes rasgando á porfia os densos crépes que envolviam o desconhecido, deixando na sua passagem um sulco profundo e luminoso, que marcou uma epocha notavel na historia da civilisação.

Este lado nobre da nossa historia ultramarina, que incontestavelmente é brilhante, e tão alto que é unico nos fastos das nações coloniaes, devia influir de um modo poderoso no nosso modo de ser futuro como povo colonizador, imprimindo-lhe todos os defeitos e todas as virtudes originaes, quando

<sup>1)</sup> Extracto de um relatório apresentado ao governo.

chegasse o tempo em que o ideal religioso e patriótico cedessem o passo ao utilitarismo, sem energia e sem coragem, que tudo tem invalidado, adulterado e pervertido.

Não serei eu que chore o passado, nem maldiga o presente; desejo aproveitar d'aquelle o que tinha de nobre e grande, e trabalhar para o futuro, que póde ainda ser nobre e opulento para o meu paiz, se tiver a coragem precisa para vencer as difficuldades do presente.

O amor de Deus e da patria, a gloria, o desinteresse e abnegação ninguem o negará, foram um dos caracteristicos mais bem definidos da epocha gloriosa a que me refiro; e o povo, onde esses sentimentos, depois de terem lampejado, se amortecem ou apagam, morrerá ou arrastará uma vida ingloria e infecunda.

Entre portuguezes esses sentimentos não morreram; perderam, porém, a sua intensidade, e o estado religioso e social d'esta provincia é d'isso uma prova bem evidente e triste.

Por mais profundo, porém, e mais extenso que seja esse estado morbido, já agora ninguem poderá apagar das paginas brilhantes da historia politica e religiosa de Portugal o exemplo sublime de grandes empreendimentos e esforços heroicos, empregados para civilisar milhões de párias pelo mais denodado esforço de um apostolado fecundo.

Isto assente, achamos natural a decadencia religiosa e politica dos nossos vastos dominios da Africa oriental, decadencia contra a qual é preciso reagir energicamente n'este momento, para que se não consumma a ruina completa e total.

\*  
\*   \*  
\*

A ilha de Moçambique, e a costa até Sofala, parece ter sido visitada em 1497 pelo illustre português João Peres da Covilhã. Um anno depois, em 1498, no 1.º de março, lançou ferro no seu porto a armada do glorioso descobridor da India, que assentou paz com o cheque Cecoéja, que governava

a ilha, bastante populosa e frequentada de navios, em nome do rei de Quilôa; porém, só em 1506 é que foi occupada de um modo definitivo, e no anno seguinte Duarte de Mello levantava nella fortaleza e egreja, que deve ter sido a primeira d'esta costa.

Seis annos antes, Pedro Alvares Cabral destacava d'este porto Sancho de Toar a fim de reconhecer a costa e rio de Sofala. A primeira feitoria portugueza, porém, alli data de 1506, anno em que Pedro de Anhaia levanta a fortaleza e provavelmente a egreja, que, pelo menos em 1515, já estava concluida, pois que nella se encontraram lapides tumulares com esta data.

Não encontro noticia de que se construísse egreja com a fortaleza de Angoche em 1507, onde morreu pelejando Duarte de Mello, segundo João de Barros; pôde, porém, conjecturar-se que realmennte existiu, pois era o costume da epocha, que poucas excepções terá.

Seja como for, é certo que desde o primeiro alvorecer da conquista portugueza na Africa oriental, o padre acompanhou o soldado, e em pouco tempo levou-lhe em alguns lugares a deanteira; por mais que uma vez a espada não teve outro trabalho que seguir o caminho aberto pela Cruz.

Não ha duvida que alguns padres acompanharam os primeiros passos dos conquistadores; a acção, porém, que desenvolveram nestes inicios devia ser muito restricta, e sobretudo dirigir se aos portuguezes, seus companheiros, que durante alguns annos se não deveram alongar muito pelo interior, já porque os pontos occupados na costa eram simples escalas de refresco para as armadas, que demandavam o Oriente, já porque a hostilidade dos mouros, sobretudo no norte onde dominavam, os devia impedir.

Em 1542 espera na ilha de Moçambique a monção propria para se dirigir á India o glorioso apostolo do Oriente, S. Francisco Xavier, empregando durante os mezes de demora o seu zelo inexgottavel na conversão dos mouros e na moralisação dos portuguezes; a historia não nos diz que fossem coroados de exito excepcional taes esforços.

Coube-me a honra de benzer um modesto monumento, consistindo em um pequeno bloco de marmore, com a inscrição commemorativa do facto, encimado por uma cruz de ferro, offerecido tudo pelo tenente-coronel Joaquim José Lapa, que assim perpetuou a memoria da passagem, por esta ilha, do grande santo, e assignalou o lugar onde, segundo a tradição, junto á praia, costumava meditar, talvez sobre a assombrosa missão que ia emprehender.

A evangelisação, propriamente dita, coincide com a expansão da vida portugueza no interior das terras, sobretudo no valle do Zambeze, e só principia com a primeira missão dos jesuitas, que, partindo da India em janeiro de 1560, chega a Moçambique em 5 de fevereiro do mesmo anno. Era composta do padre D. Gonçalo da Silveira, superior, do padre André Fernandes e do irmão coadjutor André da Costa.

Apenas desembarcados foram dar graças a Deus, celebrando o santo sacrificio na capella de Nossa Senhora do Baluarte, a primeira edificada depois da de S. Gabriel, que de certo havia pouco estava concluida, pois que apenas dois annos eram decorridos depois que tinham principiado as obras de construcção da fortaleza no local escolhido por D. João de Castro, em 1545.

Pouco depois parte esta missão para Inhambane, e no interior baptisa o regulo de Otangue, a quem dá o nome de Constantino, e quinhentos indígenas, que são verdadeiramente as primicias das christandades indigenas da Africa oriental.

As noticias trazidas ao litoral pelos aventureiros portuguezes que, partindo primeiro de Sofala, e desde 1544 de Quelimane, se tinham estabelecido em Sena e Tete e no vasto imperio do Monomotapa, a sul e oeste do Zambeze, onde o oiro e o marfim existiam em grande copia, excita o zelo ardente do padre Silveira, que, deixando em Otangue o padre Fernandes, entra pelos rios de Cuama e marcha para a capital ou Zimbaoé do grande potentado, onde já residiam alguns negociantes portuguezes, como Antonio Caiado e outros, que traficavam com aquelles povos.

Poucos mezes depois da sua chegada sellou com sangue,

o padre Silveira, as verdades que evangelisava; e mais uma vez se cumpria a afirmação de Tertuliano: «o sangue dos martyres é semente de novos christãos».

A morte do valente peoneiro do christianismo fez apressar a vinda de novos combatentes para tomar o lugar dos que tinham caído no campo, onde o seu heroismo os collocou.

Em 1569 missionarios jesuitas e dominicanos acompanham as duas expedições de Francisco Barreto.

São conhecidas as peripecias d'estas expedições e a parte que nellas tomára o jesuita Monclaros, que nem sempre se conformou com o itinerario seguido pelo valente general.

Sem que podesse descobrir com exactidão, de certo por falta de livros, que aqui escasseiam quasi absolutamente, a epocha em que iniciaram os seus bellos trabalhos na missão de Moçambique os padres de S. Domingos, é certo que em 1563 D. Sebastião doava a igreja parochial de S. Thiago Maior de Tete a estes religiosos, que receberam a incumbencia especial de servir os logares em que se agrupava grande numero de portuguezes, que percorriam o interior, explorando minas, creando feiras e fazendo o commercio do marfim.

Os padres de S. Domingos prestaram relevantissimos serviços á conquista e foram os que mais casas fundaram, mais parochias regeram e mais missões crearam, internando-se até aos centros de Abútua, até ao Mouze e valle do Cafúe e Sanhati, sendo muitos mortos por causa da doutrina que evangelisavam, como na Mucaranga Fr. Luiz do Espirito Santo e Fr. Luiz da Trindade (1633).

Os dominicanos já possuíam algumas igrejas no Zambeze, pelo menos a de Tete, quando os padres Jeronymo do Couto e Pedro Usus Maris, da mesma ordem, encontrando-se em Moçambique sem poderem passar á ilha de S. Lourenço, onde se dirigiam, a pedido de D. Luiz de Athayde, que pela segunda vez partia para a India como vice-rei em 1577, fundaram a sua primeira casa na ilha de Moçambique, a qual se concluiu dois annos depois, em 1579, casa que só devia durar vinte e oito annos, pois em 1607 foi destruida pelos holandezes.

Ainda existem vestígios d'esta primeira casa conventual, que se não deve confundir com a segunda, que ainda hoje existe, occupada pela direcção das obras publicas da provincia, excepto a igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosario, e que depois da sé matriz era a igreja mais vasta de Moçambique, que desapareceu completamente, com suas lapides tumulares e todos os documentos que podiam projectar alguma luz sobre a epocha precisa da segunda fundação.

Parece que estava concluida em 1662, segundo a opinião do tenente coronel Joaquim José Lapa, exarada no seu livro: *Paginas de pedra*.

Esta igreja foi demolida nos primeiros annos da segunda metade d'este seculo, sob o pretexto de que ameaçava ruína, pretexto esdruxulo, que serviu para demolir tudo que de grande e veneravel existia na cidade de Moçambique; e nem ao menos tiveram o cuidado de trasladar as ossadas de tantos varões illustres, entre os quaes Thomaz Antonio Gonzaga, que alli descansavam.

Esta casa, ou convento, como se lhe costuma chamar, era destinada para descanso dos missionarios, que de Lisboa seguiam para a India, bem como os que d'esta ilha se dirigiam ao Zambeze e ás igrejas do norte, como Querimba e Anniza, Mombaça, Melinde, etc.

Nunca teve normalmente numero superior a seis religiosos, e nos ultimos annos do seculo xviii e primeiro quartel do xix, apenas alli residia um ou dois.

Foi sem duvida por muitos annos a residencia habitual dos prelados de Moçambique, que na sua grande maioria foram dominicanos até 1830.

A casa mais importante dos dominicanos, a unica que rigorosamente merece o nome de convento, por alli viverem os religiosos em communitade, emquanto não partiam para as distantes parochias e missões, espalhadas por todo o paiz, que hoje tem o nome de Machona, Chidima, Macalaca, Baniá, etc., que formava o centro e coração do imperio do Monomotapa, tinha a sua séde em Sena, villa que teve uma grande importancia religiosa e politica no seculo xvii e grande

parte do XVIII, e que hoje jaz no mais completo abandono, reduzida ás condições de miseravel aldeia de pretos, sem edificios, sem industria e sem commercio.

Aquí a derrocada foi tão radical, que nem escombros restam da sua antiga grandeza, o que extraordinariamente me espantou, quando visitei esse antigo centro da actividade portugueza nestas regiões, em 1892. Contemplando-a assim pobre e abatida, dava vontade de chorar.

É extraordinariamente maravilhoso e consolador, vêr como em pouco mais de meio seculo a ordem dominicana se desenvolve, creando conventos, parochias e missões n'um territorio vastissimo, acómpañando a toda a parte as expedições militares e estabelecendo com o titulo de vigarios, filhos seus nas afastadissimas estações ao sul do Zambeze, onde a audacia dos portuguezes creava feiras e feitorias, cujas ruinas ainda hoje são a maravilha dos que as visitam.

A sua actividade foi tão grande n'estes tempos heroicos da implantação da fé catholica entre os indigenas, que Fr. João dos Santos, na *Christandade da Ethiopia*, affirma que em 1591 só os religiosos de S. Domingos nos rios de Cuama tinham baptisado vinte mil indigenas, que eram amparados e fortificados constantemente pela assistencia dos mesmos religiosos.

Depois do meiado do seculo XVII, quando a actividade na exploração mineria e commercial ao sul, e mesmo ao norte, do Zambeze, era immensa e tinha attingido o seu maximo de intensidade, os filhos de S. Domingos tinham estabelecimentos sem numero no territorio de Moçambique, já então elevado a prelazia, pois que em 1612, attendendo aos magnificos progressos que o christianismo fazia todos os dias na sociedade indigena, e a instancias de Filippe II de Portugal, Sua Santidade o Papa Paulo V, pela bulla que principia: «In super eminenti militantis», desligava do arcebispado de Gôa o territorio de Moçambique, e constituindo-o prelazia «Nullius» assignava-lhe administrador proprio, com privilegios e regalias especiaes, que ainda hoje perduram.

Possuiam por essa epocha os padres pregadores os se

guintes estabelecimentos principaes: um convento em Sena, casa-mãe para as missões de Africa com sua egreja da invocação de Santa Catharina, a que tambem se chamou Sé, por ser de certo a igreja onde o prelado, bispo ou não, e quasi sempre escolhido entre os dominicanos, pontificava; não longe d'esta villa a igreja de Macambura, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remedios, uma das que mais tempo resistiu, pois ainda em 1822 tinha o seu respectivo parochio. A doze dias de viagem ao sudoeste de Sena se levantava a igreja de Manica, no actual logar de Massiquece, onde existia uma feira e um posto portuguez. A este respeito diz o augustiniano Fr. Antonio da Conceição no seu *Tratado dos rios de Cuana*: «e em uma d'ellas por nome Massiqueça, tinhamos umas taipas com vigario religioso de S. Domingos e um capitão». Junto ao actual forte de Massiquece, situado n'uma pequena eminencia na margem esquerda do Rovua e quasi na linha que separa Manica da Machonalandia ingleza, examinei em 1892 ruinas de edificios construidos de pedra e cal, de apparencia não muito antiga; o que não admira, porque esta feira se conservou pelo menos até 1826, e talvez ainda até epocha mais moderna com intermittencias de occupação e abandono; ruinas que devem ter pertencido á antiga igreja de Nossa Senhora do Rosario de Manica, ou mais provavelmente a alguma reconstrucção.

Alli estavam na sua lugubre mudez attestando bem eloquentemente a decadencia de um povo que por alli passou primeiro que qualquer outro, e que não quiz, não soube, ou não poude sustentar a sua vantajosa primazia.

Em Tete, como já dissémos, entraram os filhos de S. Domingos em 1563, e foi de certo este um dos logares onde primeiro se estebeleceram, e talvez o primeiro.

Ahi tinham a igreja de S. Thiago, de onde sahiam os missionarios, sobretudo para as parochias e missões do sudoeste.

Além d'este convento e igreja de S. Thiago maior, administravam estes religiosos em Tete uma outra igreja com a invocação de S. Paulo, como se pôde vêr do assento de

obito de João Moreira Pereira, natural de Ovar, que foi sepultado na igreja de S. Paulo, pertencente aos dominicanos, segundo resa o assento.

A vida christã e civilisada, promovida pelos padres pré-gadores em Tete, foi intensa desde os fins do seculo xvi até mais do meiado do xviii, como se vê pelos cadernos das des-obrigas e cumprimento dos preceitos ecclesiasticos, salvos pelo, ha pouco fallecido, padre Courtois, e publicados no seu excellente trabalho: *Notes chronologiques sur les anciennes missions catholiques au Zambeze*.

Ahi promoveram elles as plantações de mangueiras e outras arvores fructiferas, que durante muito tempo, e ainda hoje, faziam a riqueza d'aquella região. O prazo Tipué, que lhes pertencia, mereceu os cuidados dos superiores de Tete, sobretudo do padre Fr. José do Patrocinio Telles, que em 1788 menciona a despeza que teve de fazer com as suas plantações no referido prazo.

Alem do prazo Tipué á entrada da Lupata, vindo de Tete, possuiam mais estes religiosos as terras de Maparo e Fumbé, na margem esquerda do Aruénha, que cultivavam e onde ensinavam a doutrina christã aos colonos, creanças e adultos.

É bem sabido que foram os dominicanos e os jesuitas que introduziram no Zambeze novas culturas e que aperfeiçoaram as indigenas, que hoje voltaram ao estado rudimentar, infelizmente.

Que bella pleiade de missionarios trabalhou em Tete desde 1563 até fins do seculo xviii!

A ultima e veneranda reliquia d'esse exercito de combatentes pela palavra e pelo exemplo em pró do christianismo, da civilisação e da influencia portugueza, foi Fr. Antonio Nunes da Graça, que desde 1820 até 1838 regeu a igreja de Tete: essa reliquia de passadas grandezas, novo Jeremias entre os escombros de um passado glorioso, insta e chora, chamando o auxilio dos poderes publicos e o dos particulares para fazer surgir alguma luz do chaos, do abandono em que tudo se tinha despenhado; mas ninguem o ouviu, e velho e

alquebrado de trabalhos baixou ao tumulo, onde descançava uma legião de irmãos, para deixar viuva aquella igreja durante doze annos, o tempo sufficiente para tudo voltar á barbaria primitiva. Foi isto o que aconteceu de resto em toda a parte, quando desapareceu a velha geração de heroes, que, ainda mal, não foi substituida.

Era a ultima pedra de um edificio secular que rolava no abysmo das nossas desgraças, o ultimo filho de S. Domingos que tinha assistido de pé ao esphacelamento de uma grande obra, o ultimo rebento de uma ordem religiosa que desapparecia, e com ella uma civilisação que creára e que expirava com elle.

BISPO DE HIMERIA.

(Continúa).



## A matança de S. Bartholomeu

---

Entre os acontecimentos com que os protestantes avolumaram as suas perfidas accusações á Igreja catholica, encontra-se a *matança de S. Bartholomeu*, que tomou o nome do dia em que se deu, 24 de agosto de 1572. Tem-se dito e repetido que esse tristissimo acontecimento foi obra do fanatismo catholico; que os seus agentes foram os chefes catholicos francezes; que o Papa Gregorio XIII dera graças ao ceu por tão horrivel morticínio; que, por conseguinte, cahiu sobre a Igreja catholica o sangue de milhares de protestantes que pereceram n'esse dia.

Por muito tempo não se ousou desfazer esse acervo de calumnias levantadas pelos auctores protestantes: todos receiavam ser accusados de apologistas d'esse luctuoso acontecimento, quando simplesmente procurassem derramar luz sobre elle. Agora, porem, que mais de tres seculos nos separaram d'esses terriveis dias de lucta, é bom desfazer-se a mentira e reconstituirem-se os acontecimentos, taes como se deram, taes como os apresenta a historia na sua esplendida luz de verdade. Hoje não pode haver espirito de partido em tal materia: trata-se de um acontecimento essencialmente politico, e os seculos encarregaram-se de desfazer todas as affeições partidarias. A verdade, pois, e nada mais.

A scena passa-se em França, no reinado de Carlos IX. É preciso retratar a epocha para se comprehenderem os acontecimentos. Vejamos o que era a França d'esse tempo.

Havia meio seculo que Luthero levantára o facho da revolta na Allemanha. Os protestantes fizeram o seu protestantismo em França, e ahi, procurando conquistar todas as liberdades, em prejuizo da immensa maioria dos catholicos, provocaram conflictos muito lamentaveis, como já tinham feito na Allemanha e na Suissa. Em sciencia politica não pode negar-se que um povo tenha o direito de defender os seus sentimentos e as suas convicções contra quem quer que pretenda offender-lh'as. Era o que fazia a França, como todos os paizes catholicos, quando no seculo XVI o protestantismo ameaçava invadir tudo.

Mas allí não se tratava só de religião: acobertados por ella havia muitos ambiciosos que tentaram até dispôr do throno. As dissidencias politicas tomaram enormes proporções, e a situação era aggravada pela circumstancia de ser a França de então governada por uns reis fracos, sem iniciativa, incapazes de se resolverem a adoptar com firmeza uma norma de conducta.

Appareceu então uma mulher que se tornou notavel pela influencia que exerceu em quatro reinados consecutivos; foi Catharina de Medicis, mulher de Henrique II e mãe de Francisco II, de Carlos IX e de Henrique III.

Não é facil desenhar o character d'esta mulher, nem avaliar da influencia especial que ella exerceu no governo da França. Ambiciosa, astuta, cheia d'essa fria crueldade que ordinariamente caracteriza os grandes vultos politicos, Catharina attendia menos ás conveniencias geraes que aos interesses do seu egoismo. Na opinião de alguns historiadores, nem mesmo se poderia dar muito pela firmeza das suas crenças. Mas, pondo de parte essa questão, que respeita a um facto de consciencia e como tal não cabe perfeitamente na alçada do historiador, é certo que Catharina prestou alguns serviços á França. Se não fôra a sua ambição de governar, esse paiz seria dividido pelas dissensões politicas, talvez a ponto de se ter produzido o seu fraccionamento.

Catharina aproveitava todos os acontecimentos e todas as circumstancias para ostentar a sua auctoridade e fazer

valer as suas ambiciosas pretensões. Foi sobretudo no reinado de seu filho Carlos IX que se manifestou a influencia d'essa mulher, leitora apaixonada das obras do seu compatriota Machiavel.

Francisco II, o esposo da desventurada Maria Stuart, fallecia aos dezeseite annos (1560), e seu irmão Carlos, que ia succeder-lhe, tinha apenas dez annos. Era uma fatalidade para a França que, no momento em que se tornava necessario um pulso firme para dirigir os negocios e dominar a irritação dos animos, fosse chamada a governar a velleidosa Catharina, a quem, segundo a lei, pertencia a regencia e que havia de impôr-se sempre ao animo fragil de seu filho.

Effectivamente a irritação dos partidos tinha chegado ao seu auge. Os reformados (*huguenotes* <sup>1)</sup>) não hesitavam em commetter os maiores attentados para dominarem. Tinham-se tornado como que um Estado dentro do Estado. Tomaram algumas praças; atacaram as forças do rei em batalhas formaes; em 1567 tentaram subjugar Paris pela fome, e, depois de perderem a batalha de Saint-Denis, voltaram novamente ao ataque; chamaram á França exercitos inglezes e allemães; fizeram tudo, emfim, o que podia garantir-lhes a esperanza do dominio supremo, que era a sua grande ambição.

Tudo isto era uma serie de graves provocações á auctoridade real e á dignidade da nação. Se não fôra a pussilanimidade dos governantes, o castigo teria sido prompto e a desordem não attingiria tão enormes proporções. Por outro lado, a crueldade dos huguenotes desafiava as iras do povo. Houve um tal Briquemont que usava um collar feito de orelhas de frades; os chefes não dissimulavam a intenção de matarem a rainha e os chefes do partido contrario, e foi Coligny, como logo veremos, quem guiou Poltrot no assassinato de Francisco de Lorena, duque de Guise.

<sup>1)</sup> Foi dado este nome aos calvinistas da França. A palavra *huguenote* deriva, por corrupção, do allemão *eidgenossen*, que significa confederados por juramento. Esta designação foi dada primitivamente aos confederados da Suissa.

Tudo isto irritava os adversários dos huguenotes, e o resultado eram essas terríveis carnificinas que tanto sangue custaram á França.

Não pode negar-se que por parte dos catholicos houvesse algumas faltas; mas são muito menores e attenuadas ainda pela circumstancia da provocação. Não faziam mais que defender-se do ataque que lhes offereciam. Estavam no seu paiz, representavam a grande maioria da nação, e por isso era legitimo que exigissem o respeito ás suas crenças. De resto, a lucta perdeu o character religioso para revestir o character politico. Eram dois partidos que se gladiavam: de um lado os Guise, do outro Condé e Coligny.

No meio d'estes graves acontecimentos, Catharina hesitava. Apesar de audaciosa, quando se tratava de manter na ordem dois partidos poderosos, reflectia-se no seu animo a fraqueza do sexo, e conservava-se indecisa. Não soube tomar a posição de superioridade que lhe cabia e evitar o grande combate que cedo ou tarde havia de ferir-se para decidir da victoria. Não tinha vistas largas, e pensava que evitaria os acontecimentos com tergiversações, quando assim nada mais fazia que addial-os.

Entretanto recrudescia o furor em ambos os partidos. Os protestantes começaram por praticar alguns assassinatos<sup>1)</sup>, e sobre os seus chefes recahiam as mais graves accusações.

Coligny era accusado de ter por diversas vezes attentado contra a nacionalidade, de ter entregado o Havre aos inglezes em 1562 e de ter mandado assassinar Francisco de Lorena, duque de Guise. Poltrot, o assassino, assim o declarou; e o seu depoimento suspeito é confirmado pelas confissões do proprio Coligny.

N'uma carta dirigida á rainha,<sup>2)</sup> Coligny declarava que

<sup>1)</sup> «...A verdade leva-nos a dizer que os primeiros assassinatos foram commettidos por protestantes...» (Cesar Cantu, *Historia Universal*, trad. de M. Bernardes Branco, vol. ix, pag. 369, Lisboa, 1878).

<sup>2)</sup> Sobre o que a este respeito vamos dizer consultem-se as *Mémoires de Condé, depuis la mort de Henri II jusqu'au commencement des troubles, en 1565*, t. iv, pag. 303 e 304. (Ed. de Paris, 1741, in-4.º, 6 vol. publicados por Se-cousse e Lenglet du Presnoy.)

«ha cinco ou seis mezes para cá não se opposera muito áquelles que mostraram ter tal vontade (de assassinar o duque); dava como razão de não se oppôr a uma acção tão detestavel, o ter sido avisado de que *algumas pessoas tinham sido convidadas a vir matal-o*; não nomeava essas pessoas no decurso da sua justificação, não obstante dizer que *a seu tempo as nomearia*; confessava nas suas respostas que *Pol-trot chegou a dizer-lhe que seria facil matar o duque de Guise, mas que elle almirante nunca insistiu a tal respeito, por julgar isso uma cousa inteiramente frivola.*

Mais ainda: Tinha dado a Poltrot cem escudos para comprar um cavallo que fosse veloz; concordava, n'uma segunda memoria, em que, quando Poltrot lhe dissera que seria facil matar o senhor de Guise, nada lhe respondeu para dizer que era bem ou mal feito. Declarava, n'uma carta á rainha, que julgava ser a morte do duque de Guise o maior bem que podia advir ao reino e á Igreja de Deus, e pessoalmente ao rei e a toda a casa dos Coligny.

Tudo isto prova que Coligny teve uma parte directa na morte do duque Francisco de Lorena. Ora este era o pae de Henrique, duque de Guise, o mesmo que desempenhou o principal papel na matança de S. Bartholomeu. O leitor vae ver como estes factos se relacionam admiravelmente.

Ao passo que o chefe dos huguenotes assim se indispu-nha com os chefes do partido contrario, excitando odios e provocando vinganças, — não era menor a indisposição que ganhava no animo da familia real.

Para comprehender até que ponto o almirante se tornára odioso a Carlos IX — diz um illustre escriptor — deve ler-se o que este principe escrevia a Schomberg, seu embaixador junto dos principes da Allemanha: «Elle (Coligny) tinha mais poder — dizia o rei — e era mais obedecido pelos da nova religião do que eu, porque, pela grande auctoridade que entre elles ganhára, podia levantál-os e fazel-os pegar em armas contra mim, todas as vezes que bem lhe parecesse, como sufficientemente mostrou por algumas vezes; e recentemente expedira já as suas ordens a todos os da tal nova religião,

para se acharem todos em armas no dia tres do mez, em Melun, muito perto de Fontainebleau, onde eu devia estar ao mesmo tempo; de maneira que, tendo-se arrogado um tal poder sobre os meus vassallos, eu não podia dizer-me rei absoluto, mas apenas governador de uma parte do meu reino: logo, se aprouve a Deus livrar-me d'elle, tive boa occasião de louvar a Deus e abençoar o justo castigo que infligiu ao almirante e aos seus cumplices. Não me foi possível — accrescenta o rei — soffrel-o por muito tempo, e resolvi-me a deixar fazer uma justiça, realmente extraordinaria e differente do que eu queria, mas tal como em semelhante pessoa era necessario practical-a. <sup>1)</sup>»

Levando a sua rebeldia até ao exaggero, Coligny ameaçava ousadamente o rei e todos os do seu conselho. Carlos IX não queria romper a paz com o rei de Hespanha; pois Coligny disse-lhe que se não fizesse a guerra em Flandres ao rei de Hespanha, em breve a veria rebentar entre os seus proprios vassallos. O pobre Carlos IX dizia que quando se via assim ameaçado até os cabellos se lhe levantavam na cabeça.

Estes factos encontram-se relatados em todas as memorias do tempo, nos escriptos de Bellièvre, de Tavannes, de Montluc, de Brantôme, etc.

Os papeis que se encontraram a Coligny depois da sua morte compromettiam-n'o de tal forma, que bastariam para o levar ao cadafalso se tivessem sido conhecidos e provados em sua vida, — taes eram as ameaças e projectos sediciosos que encerravam.

N'estas circumstancias, ameaçado o poder central pelos huguenotes, que se haviam tornado tão odiosos aos Guises, pelos motivos que já expozemos, Catharina disse a seu filho que era necessario abater o poderio protestante, para salvar o poder real e a ordem publica. O duque de Guise fez tambem que o rei se determinasse a dar um golpe decisivo, e assim ficou resolvida a matança de S. Bartholomeu. <sup>2)</sup>

<sup>1)</sup> Esta carta é de setembro de 1572. (Vid. *Mémoires servant à l'histoire de notre temps*, etc., t. IV. Estas memorias estendem-se desde 1567 até 1604.)

<sup>2)</sup> Alguns historiadores, como Merimée, na *Chronica do tempo de Carlos*

Em vista dos factos que fielmente acabamos de narrar, ninguém dirá que a carnificina foi um negocio de religião: foi meramente um acto politico.

Na noite de 23 para 24 de agosto de 1572, ao toque de rebate do sino de Saint-Germain-l'Auxerrois, começou a carnificina. Coligny foi a primeira victima, succumbindo talvez a um ferro vingador da morte de Francisco de Lorena.

Pode alguém aqui perguntar — diz um escriptor nosso contemporaneo — e será verdade que os huguenotes tivessem tentado tirar a vida ao rei e á familia real por uma ultima conspiração, ou se os gravissimos factos precedentes bastaram a inflamar a ira de Carlos, pois ha auctores de uma e de outra opinião. Egualmente poderia alguém querer averiguar se aquelle procedimento foi conhecido do rei ou de sua mãe Catharina, como escrevem quasi todos os historiadores francezes para desculpa do rei. Como quer que se responda a todas estas perguntas, o certo é porém que o rei mesmo não se encobriu, mas declarou ser na verdade obra sua aquella matança. « Ao terceiro dia, escreve Davila, depois da morte do almirante . . . o rei . . . foi pessoalmente ao parlamento, e comquanto nos primeiros dias tivesse attribuido o facto a tumulto popular (o qual realmente se dera pelo odio muito grande que havia contra os protestantes), foi, comtudo, revelando alli as suas idéas, narrando minuciosamente as circumstancias em que tinha determinado que se matassem e exterminassem aquelles rebeldes e perpetuos conspiradores contra a sua pessoa e reino; os quaes perdoados tantas vezes os excessos que praticavam, tornavam sempre a conspirar e a revoltar-se com uma perfidia obstinada.»

Assim refere Davila, e com elle todos os escriptores catholicos e protestantes que têm feito menção d'aquelle funesto acontecimento.

De algumas questões que a este respeito ainda temos a tratar, refere-se a primeira ao numero dos mortos n'essa ter-

*IX*, negam que houvesse tal combinação. O proprio Sismondi, muito adverso aos catholicos, segue a mesma opinião. (Vid. Cantu, log. cit. e nota adicional F no fim do vol. IX).

rivel noite. Os protestantes, depois de perfidamente attribuirem esse luctuoso acontecimento á Egreja catholica, para augmentarem o odio que sobre ella pretendiam fazer cahir, exaggeraram sobremancira o numero das victimas. Pereñixe assevera que pereceram seis mil individuos; Sully eleva o numero das victimas a setenta mil; De Thou, favoravel aos philosophos adversarios dos catholicos, não calculava menos de trinta mil mortos; Popelinier reduz esse numero a vinte mil; Papius Masson a dez mil; o Martyrologio dos protestantes a cinco mil; Caveirac pretende estabelecer que o numero dos mortos não excedeu a dois mil, o que é de todo o ponto verosimil. <sup>1)</sup>

Os catholicos eram os primeiros a salvar os huguenotes do furor do povo. Ha muitos factos que provam admiravelmente esses louvaveis sentimentos de humanidade, e encontram-se referidos até no proprio Martyrologio dos protestantes, que é insuspeitissimo. Não os citaremos aqui, para não tornar demasiado extenso este rapido estudo; mas o leitor pode enconral-os referidos em todos os livros de historiadores imparciaes.

Bastaria este facto para demonstrar que a religião não teve a menor parte na matança, devida unicamente ao furor da populaça excitada por um partido sedento de vingança. Demais, ninguem descobriu ainda que tomasse parte na carnificina, ou a dirigisse, um padre, um bispo ou um cardeal. Neste drama lugubre figuram apenas meia duzia de politicos ambiciosos, que haviam sido provocados, o rei imbecil, que se via desauctorado por sua propria culpa, e que não tinha a coragem de fazer respeitar serenamente a sua auctoridade.

Pode dizer-se, e com toda a verdade, que os calvinistas não morreram victimas da sua religião, mas apenas da sua rebeldia. O rei queria manter a sua auctoridade, mas não tinha iniciativa propria para o fazer. Quando uma iniciativa estranha o animou, abandonou as suas hesitações e cedeu.

Resta-nos ainda analysar uma outra questão. Accusa-se

<sup>1)</sup> Cesar Cantu, obr. e log. cit.

o papa Gregorio XIII de receber com festas a noticia da carnificina. Isto é mais uma perfidia. Vejamos como os factos se passaram.

Apenas se deu a matança, Carlos IX expediu correios para todas as côrtes, participando que escapára a uma terrivel conjuração que contra elle haviam urdido os protestantes, tendo á frente Coligny. Mostrou-se muito jubiloso por esse facto, e ninguem teve logo conhecimento exacto da forma por que os acontecimentos se haviam dado. Foi o que succedeu com a côrte de Roma.

Gregorio XIII deu graças ao céo, não por terem sido assassinados alguns milhares de protestantes, mas por ter o rei de França escapado ao golpe dos seus inimigos. Prova-nos isto um argumento que ninguem recusará. N'um discurso que por essa occasião foi recitado perante o papa, a respeito da matança de S. Bartholomeu, lê-se o seguinte: «Oh! que noite aquella tão memoravel e digna de ser marcada nos fastos com o accrescentamento de alguma divisa famosa, *noite que livrou, com a morte de um punhado de sediciosos, o rei do presente perigo da morte*, e o reino de um perpetuo susto de guerras civis! \*)».

Para concluir, transcrevemos os seguintes periodos do illustre Padre Secundo Franco, a respeito das accusações feitas á Egreja a proposito d'este acontecimento:

«Roma não poude ter parte n'isso porque nem Roma, nem côrte alguma catholica teve o minimo indicio d'aquella matança, que colheu tão de subito os embaixadores das potencias estrangeiras que estavam em Paris como os infelizes que foram victimados. Suspeitaram alguns que o duque de Alba tivesse annos antes, no congresso de Bayona sido o primeiro a aconselhar medidas de rigor para com os protestantes. e isto, em vista do seu modo de pensar: é provavel; mas

\*) « *O noctem illam memorabilem et in fastis eximia alicujus notæ adjectione signandam, quæ paucorum seditiosorum interitu regem a præsentis cælis periculo regnum a perpetua bellorum civilium formidine liberavit* » (Cit. por Cantu, obr. e log. cit.).

é certo que, quando teve logar aquella mortandade, elle, que estava então cercando Mons, ficou de todo estupefacto com a noticia, como se colhe de um boletim original, por elle escripto naquella occasião, e exposto pelo sr. Gachard na academia das sciencias de Bruxellas, em 1842, a quantos quizeram vê-lo.

«Em Roma não se estava nada melhor informado, visto que o nuncio Salviati, que estava em Paris, nada sabia, como o demonstrou Chateaubriand, embaixador em Roma, por meio da correspondencia de Gregorio XIII e d'aquelle nuncio, que examinou e communicou a sir James Mackintosh, o qual d'elle fez uso na sua *History of England*.

«O facto tambem colheu de subito a Filippe II, rei de Hespanha. É o que provou Capefigue pelos monumentos historicos de Filippe II, tirados dos archivos de Simancas quando Napoleão invadiu a Hespanha. Que mais? Nem o previra a propria mãe de Carlos IX, Catharina, e a prova segura está em que por aquelle mesmo tempo ella tratava por meio do seu embaixador de la Mothe Fenelon de vir a um accordo com a rainha Isabel, e casar com ella um dos seus filhos, ou o duque de Anjou ou o de Alençon. Como se pode pois crêr que Catharina quizesse tratar de um negocio que tanto a interessava, exactamente quando estava a ponto de se consummar um facto que teria enchido de furor aquella que comsigo desejava vêr reconciliada, e ainda mais, que nem sequer de tal prevenisse o embaixador, que ia ficar exposto a toda a indignação de Izabel, sem saber o que havia de responder, como de facto aconteceu? Isto explica-se apenas dizendo que o facto para Catharina como para todos fôra inesperado: e se isto assim é indubitavel, pergunto de novo, como pode ter tido culpa a Egreja que nenhuma parte poude ter?

«No conselho do rei não teve entrada nenhum ecclesiastico, nenhum bispo, nem o nuncio, pessoa alguma fóra da familia real; na execução não se confiou parte alguma a nenhum sacerdote: por ultimo, o auctor dos *Annaes politicos*,

dá testemunho de que o clero não teve nisso parte, e que tudo foi obra de politica. Como se inventam pois tantas calumnias contra a Igreja?

«Não digo bem, a Igreja teve, é verdade, a sua parte e não foi pequena até.

«Quem conhece a historia da cidade de Lião, de Tolosa, de Bordeus, de Bourges e outras, sabe que os bispos e os ecclesiasticos conseguiram, felizmente, salvar muitos d'aquelles infelizes; porque, quando a furia do povo os perseguia, occultara-nos, protegeram-nos, e empregando a favor d'elles a propria auctoridade, evitaram que fossem trucidados. Tal é a parte muito verdadeira que a Igreja teve no acontecimento.»

F.



## A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

(Continuação de pag. 157)

Não negámos que houvesse em Roma certas reformas desejaveis; e onde é que as não ha? Todavia quando se trata de aconselhar aos outros que façam reformas, convem ser muito prudente, muito modesto, para não merecer a famosa replica: *Medice, cura teipsum*. Quantas vezes, por exemplo, não pediu Napoleão III publicamente, chegando quasi a impôr, como principal reforma, a adopção em Roma do codigo civil francez, e por conseguinte das leis francezas ácerca de successões? Ora a maior parte dos povos consideram essas leis funestas: os inglezes, os allemães, os russos, os americanos... pretendem achar na liberdade testamentaria, ou nas suas leis especiaes, uma fonte de estabilidade e de riquezas, ao passo que a partilha igual produz, dizem elles, a divisão indefinida, a miseria e finalmente a decadencia; encontram-se hoje muitos escriptores d'esta opinião. E a questão do suffragio universal, e a da liberdade de imprensa, e a da laicisação e a do parlamentarismo... são isentas de difficuldades?

Que devia, pois, responder Pio IX ás indicações d'esses famosos reformadores? A Napoleão III respondia: Quereis que adoptemos o vosso codigo, os vossos usos e costumes... paciencia, paciencia: esperemos que essas famosas leis e esses famosos principios assegurem no vosso paiz a ordem, a prosperidade e sobretudo a estabilidade do governo. Este modo

de fallar só encontrava então sorrisos ironicos nas regiões do poder; com certeza seria hoje mais bem comprehendido.

A lord Palmerston, representante da Inglaterra e que tanto trabalhou contra o poder temporal, podia responder o ministro do Papa: Julgaes infelizes, mal governados os vassallos dos Estados Pontificios, chorando assim desgraças imaginarias, e não sois inclemente para com as miserias bem reaes que existem no vosso paiz? Ha porventura em Roma suicidios como em Londres, duellos como em França? Morre alguém de fome em Roma? Morreram assim mais de vinte e um mil irlandezes n'um só anno, segundo vós mesmo officialmente informastes, e todavia os inglezes nadam em ouro.

Porventura expatriam-se em massa os subditos do Papa? Centenas de milhares dos vossos vassallos irlandezes são obrigados a isso pela miseria e pelas vossas leis terriveis. A população da Irlanda, desde o principio do seculo, tem sido reduzida a menos de metade, o que não succede em Roma nem nos Estados Pontificios. É aqui ou no vosso paiz que em cada anno são expulsas de suas pobres choupanas mais de trinta mil pessoas? Não somos ricos, embora; não temos bispos que recebam annualmente 110 contos de réis como o bispo anglicano de Londres; simples particulares cujas fortunas excedem vinte e mesmo 40:000 contos de réis! <sup>4)</sup> Não, sem duvida, mas se não se é rico nos Estados Pontificios, tambem não ha um individuo que não saiba onde achar um leito para passar a noite, uma refeição para saciar a fome, ao passo que todos os inqueritos têm revelado que na Inglaterra, no meio do luxo colossal de algumas centenas de individuos, reina uma horrorosa miseria de que não se faz idéa alguma nos outros paizes e que excede tudo o que possa imaginar-se.

<sup>4)</sup> Geralmente não se faz a menor idéa das fortunas colossaes que existem na Inglaterra, ao lado de uma horrível miseria que excede tudo quanto possa imaginar-se. Os estrangeiros superficiaes julgam que ficou a miseria supprimida por se retirarem os mendigos da rua, por se limparem as praças publicas dos pobres como se limpam de lixo; é n'isso que consiste a caridade? Examine o leitor os diversos inqueritos que se fizeram ácerca do pauperismo de Londres, da miseria dos camponeses da Irlanda; examine depois as riquezas territoriaes e mobiliarias de alguns dos

E sois vós que julgaes que os subditos do Papa são infelizes. Tambem pensaes que elles não têm bastante liberdade de consciencia! Mas que liberdade daes vós a esses pobres irlandezes? O mundo inteiro ouve os gemidos que elles vão levar até ás plagas americanas. Ousareis vós, inglezes, comparar em face da historia as pretendidas leis tyrannicas que têm regido os vassallos do Papa, comprehendendo os judeus, com as leis espoliadoras e sanguinarias dos vossos reis contra os catholicos inglezes?

Quizestes favorecer, dizeis, o legitimo desejo dos povos que queriam saccudir o jugo dos Papas, e, em plena paz, abristes subscrições publicas para enviar dinheiro e armas aos amotinadores; impellistel-os, animastel-os, protegestel-os de mil formas. Mas é por um transporte de amor, como dizia um homem illustre, é por um transporte de amor que a Irlanda continua ligada á Inglaterra? E levarieis a bem que visinhos poderosos, em paz comvosco, procedessem como vós procedestes?

Ah! guardaes as vossas lagrimas para as vossas proprias miserias, e estudaes as reformas necessarias no vosso paiz.

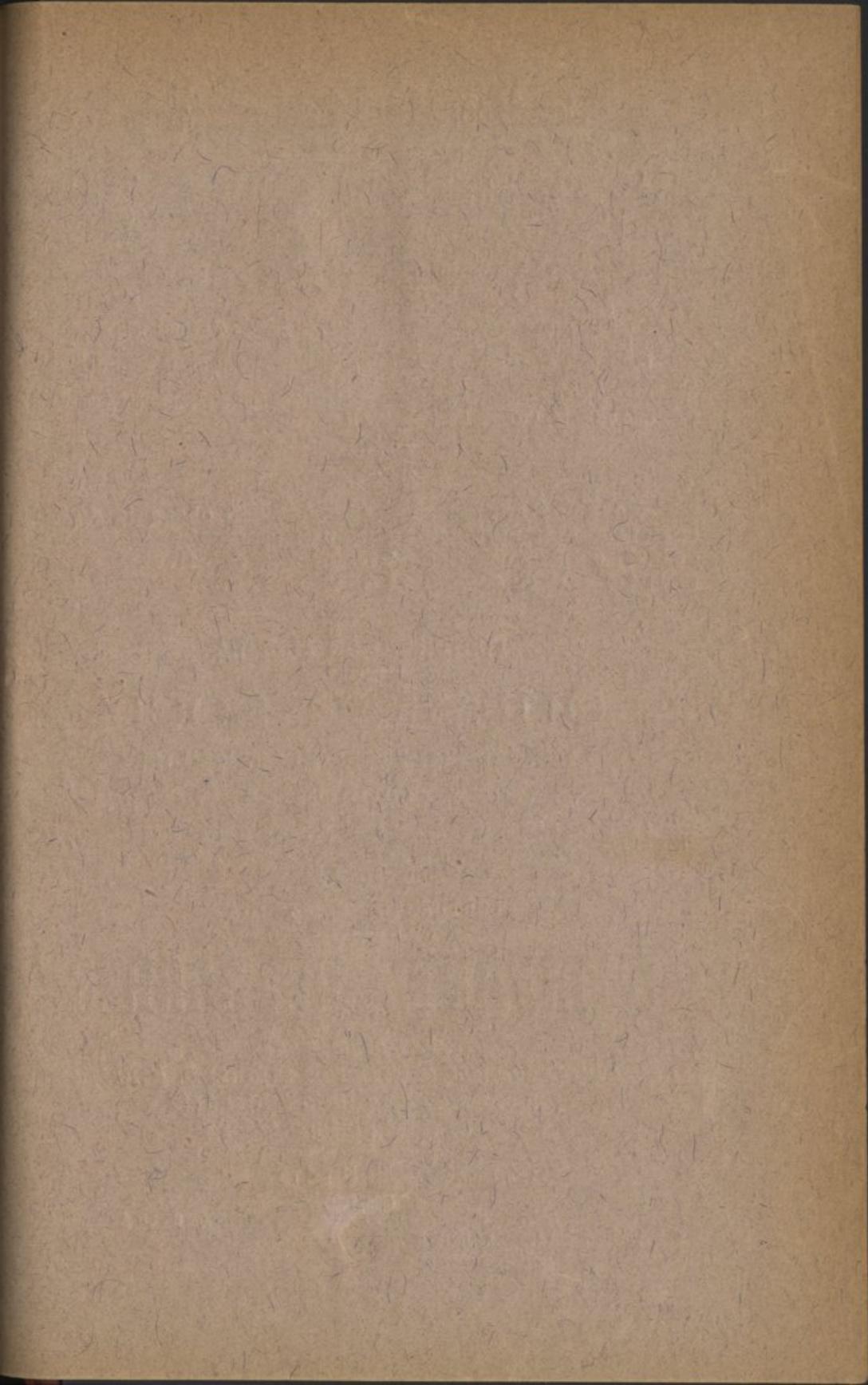
(Continúa).

P. G., advogado.

grandes senhores inglezes, e diga se esses poderosos millonarios não tinham a fazer alguma cousa de melhor que discorrer ácerca do mau governo do Papa e subscrever com ouro para os insurrectos italianos.

Eis, segundo o *Financial reforme almanac* para 1883, a lista dos maiores proprietarios territoriaes da Inglaterra:

	Valor em réis
Duque de Norfolk.....	45.000:000\$000
Marquez de Bute.....	38.600:000\$000
Duque de Brucklengh.....	38.400:000\$000
Duque de Northumberland.....	29.400:000\$000
Sir Ramsden.....	29.200:000\$000
Duque de Devonshire.....	28.600:000\$000
Conde de Derby.....	28.400:000\$000
Duque de Bedford.....	23.600:000\$000
Duque de Hamilton.....	23.400:000\$000
Duque de Portland.....	23.200:000\$000
Conde Fitz-William.....	22.600:000\$000
Duque de Sutherland.....	21.600:000\$000
Lord Tredegar.....	20.800:000\$000
Conde Dudley.....	20.600:000\$000
Lord Coelthope.....	20.400:000\$000



## Condições da assignatura

A *Revista Contemporanea* publicar-se-ha mensalmente, abrangendo cada numero 32 paginas in-8.º grande. O numero de paginas pode ser maior quando assim o exija o desenvolvimento de assumptos especiaes.

Cada numero da *Revista Contemporanea* tractara sempre de assumptos variados, como questões sociaes, scientificas, historicas, etc.

Apparecerá no primeiro dia de cada mez, e o preço da assignatura é de 13600 réis annuaes, que devem ser pagos respectivamente antes da publicação do numero 4 de cada anno.

No fim de cada anno receberão os srs. assignantes o frontespicio e indice do volume respectivo da *Revista*.

Continuam a receber-se assignaturas desde o primeiro numero da *Revista Contemporanea*.

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a José Marques Rito e Cunha, Collegio Novo. — Coimbra.

### EXPEDIENTE

Rogamos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem a importancia das suas assignaturas, podendo deduzir do preço respectivo a quantia que tiverem de pagar pelo vale do correio ou registo de carta.

FORTUNATO DE ALMEIDA

## A QUESTÃO SOCIAL

Reflexões á dissertação inaugural do sr. dr. Affonso Costa

PREÇO 200 RÉIS

A venda em todas as livrarias. Remette-se pelo correio a quem enviar 220 réis á administração da *Revista Contemporanea*, — Collegio Novo, Coimbra.

FORTUNATO DE ALMEIDA

## O INFANTE DE SAGRES

*Obra premiada*

*no concurso de memorias sobre o infante D. Henrique,  
por occasião do quinto centenario  
do seu nascimento*

1 volume de XLIII-374 pag., 600 réis

A venda na Livraria Portuense de Lóp. C.ª, editores, rua do Almada, 119 — 123, Porto, e em todas as livrarias.

# REVISTA CONTEMPORANEA

DE

QUESTÕES RELIGIOSAS, SCIENTIFICAS, PHILOSOPHICAS,  
HISTORICAS E SOCIAES

---

DIRECTOR

Fortunato de Almeida

QUINTANISTA DE DIREITO

ADMINISTRADOR

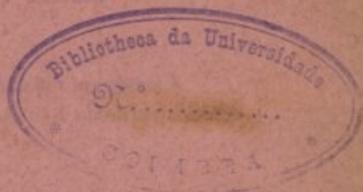
José Marques Rito e Cunha

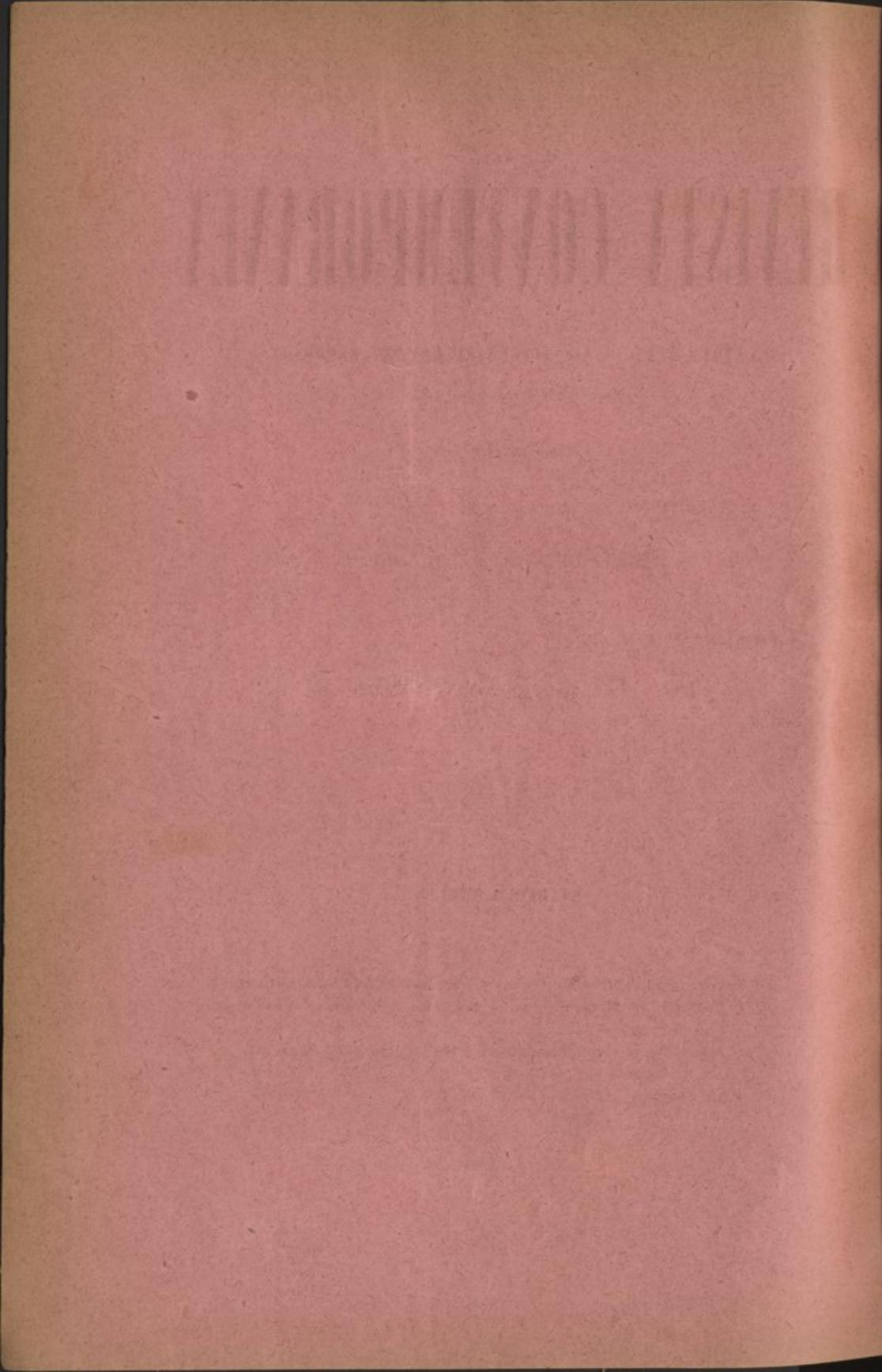
BACHAREL FORMADO EM THEOLOGIA

---

SUMMARIO

- I — Relatorio do capitão Mousinho sobre a captura do Gungunhana.
- II — A prelazia de Moçambique no passado, *(continua)* pelo Bispo de Himeria.
- III — A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa, *(continua)* por P. G., *advogado*.
- IV — Bibliographia.





RELATORIO  
DE  
MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

sobre a captura do Gungunhana

---

Tendo sido nomeado governador do districto militar de Gaza por decreto provincial de 10 de dezembro ultimo, parti d'esta cidade no dia 15 do mesmo mez, a fim de tomar posse do governo e iniciar as medidas mais urgentes para estabelecer a ordem n'uma região, onde a guerra contra o Gungunhana tinha, como é bem de crer, produzido uma grande commoção.

O unico ponto do territorio, sob o dominio dos vátuas, que as tropas expedicionarias tinham occupado era o posto de Languene, na margem direita do rio Limpopo, a umas 70 milhas da barra.

O local do posto fôra escolhido no dia 30 de novembro ultimo pelo chefe do estado maior da columna do sul, o capitão de engenharia Freire de Andrade. A respeito das condições em que elle se acha já dei a minha opinião na minha nota n.º 5, de 17 de dezembro ultimo, dirigida ao chefe do estado maior do commissariado regio.

Achava-se o posto guarnecido por 3 praças de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 5 da brigada de montanha, 35 de infantaria 2 e 1 enfermeiro naval pertencente á esquadilha do Limpopo; sob o commando do primeiro tenente da brigada de montanha, Sanches de Miranda, official que já estivera em Africa em 1891, e

que, por duas vezes, esteve destacado no commando militar do Inhampura, tendo de uma d'ellas ido até ao kraal do Gungunhana, a instancias do então intendente geral de Gaza, conselheiro J. de Almeida.

Naturalmente investigador, o tenente Miranda adquiriu n'essa occasião conhecimentos ácerca dos usos e costumes dos vátuas e ma-buingéla, que não são vulgares mesmo entre officiaes da guarnição e muito menos nos expedicionarios.

Isto serviu-lhe de muito, não lhe sendo tambem pouco util a crença em que o Gungunhana ficára em 1891, de que elle era filho do Muambaxeca (Dioleciano das Neves), crença que se espalhou nos povos do Biléné, e que foi habilmente aproveitada, como se verá no decurso d'este relatorio.

O procedimento do tenente Miranda desde o dia 1 de dezembro até á data da minha chegada a Languene (17 de dezembro) acha-se narrado e explicado na exposiçào que por ordem minha me apresentou. Embora esse procedimento mereça a minha completa approvaçào, nem por isso quero deixar de o expor aqui detalhadamente.

A aççào do vapor *Neves Ferreira* e da lancha *Capello*, entre 16 e 26 de novembro, tinha produzido bastante effeito nas povoações marginaes e até o Chai-Chai se manifestára a nosso favor, antes de saber do combate de Coollela. Este regulo, o mais forte dos chefes das povoações marginaes do sul do Limpopo estava já bastante compromettido, por ter hostilizado a gente do Gungunhana, para que se podesse até certo ponto contar com a sua fidelidade. Outros de pouca importancia tinham vindo pegar pé (avassalar-se) aos navios, mas esses mesmos muito receiosos do castigo que por tal motivo o regulo vátua não deixaria de lhes applicar, caso não fosse breve reduzido á impotencia.

As noticias do combate de Coollela e do incendio de Manjacase tiveram como effeito natural chamar mais a nós os chefes de povoação, mas por outro lado a proximidade de Manguanhána onde estava o Gungunhana continha-os, principalmente aos da margem esquerda.

Chegada a força a Languéne e estabelecido o posto nenhuma novidade occorreu desde o dia 1 até 6. Dizia a gente de

Languene que o posto andava sempre vigiado por espias do Gungunhana; a 5 veio pegar pé o chefe Dábácázul, de Ximundo, na margem direita do rio, perto de Hissáno, onde declarou que estava o Matibejàna (ex-regulo de Zichacha) muito protegido, por ser a povoação de difficil accesso, mesmo para os cafres, por estar cercada de espinheiros. Ainda vieram no mesmo dia outros secretarios da margem direita. Um d'elles Xátane, de Numbuquene, disse estarem com tanto medo do Gungunhana, que dormiam no matto todas as noites. Continuaram nos outros dias a vir diversos chefes pegar pé. No dia 6 o tenente Miranda mandára um homem de Languene observar Xissáno, mas elle voltou dizendo que nada podia ser visto por estar a povoação cercada de *xofuma* (espinheiros.)

Em 8 o tenente Miranda reuniu gente de guerra e com 33 praças marchou em direcção a Xissáno até ao rio Xifóbécana, alem da cordilheira que fica a O. de Languene, onde retrocedeu por não estar o rio vadeavel; oito horas de marcha de ida e volta. No dia 9 mandou um preto de nome Sigôgo do Gungunhana para saber ao certo onde elle estava e quem o rodeava. Este Sigôgo tinha acompanhado o regulo na fuga de Manjacase para a Manguanhana e, pelo que elle contava, vê-se que o regulo fugiu a pé (no carro fugiu a Baso, sua irmã que estava grávida) e quasi só; teria sido facilmente apanhado no proprio dia 11 de novembro. O Sigôgo fallou com o Gungunhana no dia 11, disse-lhe que estava em Languene o filho do Muambaxéca, viu lá (na Manguanhana, quatro inglezes, dos quaes um, o mais alto e muito mais velho que os outros, disse ao Gungunhana que se mettesse no carro com uma mulher e um mofána e fosse ao rei inglez para se explicar. "O regulo consultou os seus secretarios que lhe responderam não saber o que lhe haviam de aconselhar. O Gungunhana dizia sempre que não jogou com os brancos porque era filho do Rei. Sigôgo, disse que Manguanhana ficava a seis horas para lá de Chaimite.

Como o tenente Miranda tivesse offerecido um premio a quem lhe trouxesse um dos espias do Gungunhana que andavam em volta do posto, trouxeram-lhe no dia 6 um *mandáu* (homem da Mussapa) que depois de prolongado interrogatorio se provou

ser espião. Declarou que com o regulo estavam Maguigana, Zaba, Muiungo e outros indunas com gente de guerra Machabé-zul e Maláche que haviam de morrer com elle. Disse ainda que aos inglezes déra tres pontas de marfim e que um d'elles era o Stanhola (Stamers). Foi fusilado como espião.

No dia 13 foi preso um homem coroadado que parecia espia. Foi o que mandei fuzilar a 18, depois de verificar que era realmente espia do Gungunhana.

No mesmo dia 13 vieram cinco enviados do Gungunhana, trazendo Matibejana com duas mulheres, para ellas verem o marido morrer e voltarem depois para o regulo vátua. É claro o tenente Miranda não satisfez este desejo manifestado em tom de ordem, e depois de interrogados, mandou os vátuas embora para dizer ao Gungunhana que mandasse tambem o Mahazul e todas as mulheres, gado e dinheiro dos dois regulos rebeldes, sendo do Matibejana, segundo elle declarou, dez mulheres, um irmão d'elle que fugiu da missão suissa, 53 libras em oiro, tres vaccas e dois burros.

O Matibejana alem de muitas cousas sem importancia ácerca da guerra, disse que quando os brancos foram a Incanine, já elle tinha fugido e fóra a Manjacaze chamado pelo Gungunhana. N'essa occasião já fez tambem algumas das declarações que repetiu no dia 17, as quaes communiquei na minha nota n.º 5, de 17 de dezembro de 1895, dirigida ao chefe de estado maior do commissariado regio.

No dias 15 e 16 continuaram a apresentar-se diversos chefes de povoações pegando pé, e o tenente Miranda obteve a confirmação do que soubera a respeito do Mahazul estar no territorio do Mogudugudo neto do regulo Magioli, e sùccessor de seu pae Mamecase.

Do dia 15 em diante nada de notavel succedeu a não ser a apresentação dos chefes e regulos constantes da relação junta. Officiei ao commandante do posto de Chicome, pedindo que fizesse marchar logo, sendo possivel, 30 cavallos, e parti na *Capello* a fazer o reconhecimento do Chibutze, como participei ao chefe de estado maior do commissariado regio na minha nota n.º 7 de 21 de dezembro ultimo. Do commandante do destacamento mixto de

Inhambane recebi a resposta que enviei por copia ao commissariado regio.

Sou obrigado a dizer a v. ex.<sup>a</sup>, que ao receber esta resposta fiquei desanimadissimo. Nada estava disposto por forma a favorecer o aprisionamento do regulo vátua. Basta olhar para a carta e saber que estavam occupados apenas um posto do Inharime, outro no Chicome, outro no Languene (alem da linha de postos no Incomati, quanto a mim inuteis pela maior parte), e que a *Capello* não tinha passado do Chengane, para ver a facilidade com que o regulo podia fugir ou para oeste ou para o norte. Com gente a cavallo parecia-me possivel, embora arriscado e de exito muito duvidoso, o persegui-lo; com gente a pé afigurava-se-me impossivel captural-o.

Confesso a v. ex.<sup>a</sup>, que ainda outra rasão, menos ponderosa por certo, concorria para me desanimar. Official de cavallaria ha vinte annos, e quasi o unico que durante algum tempo insistia pelo emprego d'esta arma em Africa, tinha visto o esquadrão do meu commando tão mal tratado pela sorte e reduzido a um papel tão insignificante na columna do norte, por motivos que não sei, nem me caberia apreciar, que desejava muito ao menos que a uma força d'esse esquadrão coubesse a honra de levar a effeito um commettimento, que rematasse condignamente a campanha tão brilhantemente encetada com o combate de Marraçuéne. A resposta do capitão commandante do destacamento mixto de Inhambane destrnia de todo esta esperanza.

Ainda os exemplos de outras guerras de Africa augmentavam o meu desalento. O Katchivayo, n'um paiz muito menor que o de Gaza, escapára durante uma vez á perseguição do 3.º regimento de dragões e da cavallaria irregular. Lo-Bengula escapára ao major Forbes depois de haver aniquilado os trinta cavalleiros de Wilson, como poderia eu agarrar o Gungunhana com umas cincoentas praças a pé, unicas válidas de que podia dispor?

Entretanto todos os chefes que vinham pegar pé me pediam que prendesse o regulo vátua porque enquanto elle estivesse livre elles não teriam um momento de socego; todos os dias vinham queixas dos roubos e assassinatos que o regulo mandava perpetrar em volta de Manguanhana. Por outro lado eu tinha e

tenho a convicção de que com pretos um acto de audacia embora temerario, é quasi sempre bem succedido, porque lhe produz uma grande impressão e fal-os perder de todo a força moral.

A *Capello* que tinha ido á barra buscar carvão, chegou a Languéne no dia 24. Resolvi partir logo que pudesse e mandei reunir os auxiliares mais proximos e de quem suppunha dever desconfiar menos por se acharem já muito compromettidos conosco, no dia 26 de madrugada. Podia ter reunido muitos centos, talvez dois ou tres milhares de pretos, mas a curta experiencia que tinha adquirido na columna do norte ensinava-me que os auxiliares só em pequeno numero são uteis, porque, sómente sendo poucos, se podem até certo ponto dirigir.

O tenente Miranda commandava a força europea, o tenente graduado Couto os auxiliares. O dr. Amaral acompanhou a força levando alguns recursos medicos e quatro macas improvisadas com umas peças de algodão branco que existiam no posto.

Como v. ex.<sup>a</sup> vê, tinha-se enraizado no meu espirito a idéa que eu havia de prender ou matar o Gungunhana dentro de poucos dias, ou a pouco e pouco todo o prestigio que resultou para as nossas armas dos combates de Marracuene, Magul (7 de setembro), do bombardeamento das povoações marginaes do Limpopo, e principalmente do combate de Coollela (7 de novembro) e incendio de Manjacase (11 de novembro), se iria obliterando no animo d'estes povos, e o regulo iria reunindo gente de guerra, recuperando forças e fazendo voltar á obediencia muitos dos que, movidos pelo terror, o tinham abandonado. Bastaria para isso elle fazer pequenas correrias por todo o vastissimo territorio de Gaza. D'ahi proveiu eu tomar a resolução inabalavel de acabar por uma vez com o regulo vátua, fossem quaes fossem os recursos com que podia contar, os perigos a correr, e as probabilidades de exito da empreza. E seja-me licito n'este ponto afirmar que esta resolução, calando fundo no animo dos officiaes e praças que me acompanhavam, e evidenciando-se aos indigenas que muito se espantaram da exiguidade das forças de que eu dispu-

nha, para uma empreza que se lhes afigurava tanto mais perigosa quanto era grande o medo que o regulo ainda inspirava, foi o principal factor do aprisionamento d'este potentado, porque incutiu nas praças um enthusiasmo que os fez vencer fadigas e arrostar perigos com uma alegria e boa vontade deveras surpreendentes, attendendo para mais ao mau estado de saude da maior parte.

No dia 25 á uma hora (p. m.) embarcou na lancha-canhoneira *Capello* o primeiro tenente Sanches Miranda, levando sob o seu commando o facultativo de 1.<sup>a</sup> classe Amaral, 5 praças da brigada de montanha, 3 de artilheria 3, 4 de artilheria 4, 37 de infantaria 2 e 1 soldado indigena, o n.º 39 da 2.<sup>a</sup> companhia de caçadores n.º 3 de Africa.

No dia 26 ás cinco horas (a. m.) marchei por terra com o tenente graduado Couto, o soldado de cavallaria n.º 1, n.º 84 da 1.<sup>a</sup> companhia, o interprete João Massablana, o soldado indigena da policia de Moçambique n.º 14, 207 auxiliares de Languene, Chai-Chai e Sofogasi, a quem mandei deixar no posto as armas de fogo que traziam (Martini Henry, Albin e de carregar pela bôca), e 76 carregadores que levavam arroz, temperos e vinho que chegariam para dez dias, reduzindo as rações de 50 por cento. N'esse mesmo dia pelas quatro horas (p. m.) chegámos a Zimacaze, cerca de 3 milhas a montante da foz do Chemgane onde a *Capello* nos esperava.

Durante a marcha varios chefes Ma-Buingella e Manguni, dos que tinham já ido pegar pé a Languene, se apresentaram com as suas *guerras* pedindo para nos acompanhar (certamente com a mira na pilhagem de mulheres e gado, em caso de exito), o que primeiro recusei, mas ao que, em vista do muito que instavam, tive que acceder, embora com repugnancia, e sô depois de verificar que não traziam armas de fogo. Cheguei assim a Zimacaze com perto de 1:500 a 1:800 auxiliares.

Tambem durante a marcha, ás onze horas (a. m.), vieram dois enviados do Gungunhana (os mesmos que tinham ido a Languene no dia 19), trazendo duas pontas de marfim para mim e 6 libras para as mulheres do Muambaxéca. Vinham pedir a este que intercedesse para que eu esperasse no vapor pelo re-

gulo, que queria ir lá *pegar pé* e fazer paz. Não recebi as libras por não estar presente o destinatario e respondi que esperaria, mandando com os enviados do regulo um irmão do secretario do Languene para trazer ao vapor a resposta, observando ao mesmo tempo o que podesse quanto ás forças que o cercavam, defeza da povoação, etc. O regulo dizia-se ainda mais proximo ao Manguanhana, a umas seis horas de Chaimite.

Confesso que quando cheguei a bordo estive um tanto perplexo. Se marchasse n'aquella noite podia o regulo, avisado a tempo, fugir, e eu perder assim a occasião de o haver ás mãos, e expunha a tropa ás fadigas e privações que demandava uma perseguição demorada. Por outro lado não acreditava na sinceridade do Gungunhana, e receiava que elle apenas quizesse ganhar tempo para fugir, tanto mais que durante a noite, apesar da chuva, viam-se nos montes mais altos fogueiras, evidentemente para dar signal da presença da lancha.

Felizmente um facto inesperado veio acabar com esta indecisão.

Durante a tarde tinham chegado mais guerras, e á noite chegou a de Culo ou Cuio (irmão do Muzilla).

Ás doze horas da noite um preto gritou de terra que queria vir a bordo; mandei-o buscar. Era um homem do Cuio que vinha dizer que o Gungunhana aproveitára a saída da gente de guerra da povoação d'aquelle para o mandar prender pelo chefe Vuiána, cuja povoação ficava a duas ou tres horas de Zuiacaze, no caminho de Chaimite.

Dei logo ordem para que ás tres horas (a. m.) se effectuasse o desembarque, a despeito da chuva e escuridão, mandando ás duas horas e trinta minutos dar café ás praças.

Eram quatro horas (a. m.) quando começámos a marcha, passando um pequeno pantano, com agua pelo joelho, e subindo uma encosta cheio de lodo, caniço (mangal) e arbustos, onde a marcha era difficil e muito incommoda.

Levando só 47 praças brancas (2 tinham adoecido a bordo), dispuz a força da fôrma seguinte: 3 praças da 1.<sup>a</sup> fileira e 6 da 2.<sup>a</sup> quando se formasse quadrado, formavam a face da frente, 12 praças da 1.<sup>a</sup> fileira a face da esquerda, e 12 da 2.<sup>a</sup> fileira

a da direita; da 1.<sup>a</sup> e da 2.<sup>a</sup> fileiras formavam a face da recta-guarda.

Assim, a marcha com dois homens de frente equivalia ás columnas duplas que vira usar na columna do norte, apenas com a supressão do intervallo que a exiguidade da força tornava dispensavel.

Em caso de alarme o quadrado formava em menos de um minuto.

Logo no couce da columna iam dois carregadores com dois cunhetes (1:100 cartuchos), e as duas praças indigenas, com ordem para entrar dentro do quadrado, logo que elle formasse.

Seguiam os outros carregadores e os homens com machados.

Cada carregador levava a tiracolo o capote de uma praça, emalado no encerado respectivo. Os carregadores tinham ordem para se deitar no chão logo que ouvissem tocar a corneta.

Na vespera fizera passar o rio sómente aos 207 auxiliares do Chai-Chai, Languene e Lofogasi. A guerra de Cuio estava tambem na margem esquerda.

Quando marchei mandei dizer ás guerras que tinham ficado na margem direita que, se quizessem, voltassem para casa, senão que passassem o rio e me viessem alcançar na marcha, posto que nada precisava d'elles, porque os brancos que levava bastavam para bater todo o Bilene.

Esta verdadeira *hespanholada*, junta, de certo, ás recordações que muitos tinham de Coollela, pareceu dar-lhes confiança, e, repito, supponho que na mira da pilhagem, todos passaram de madrugada o rio, e pelas oito horas juntavam-se a nós.

A guerra preta marchou da fôrma seguinte: a 200 metros á frente a guerra de Cuio, a 200 metros para a direita a do Chai-Chai, e a 200 para a esquerda as de Languene e Lofogasi. Estas distancias diminuiam constantemente, porque os pretos, ou por medo, ou fosse pelo que fosse, tendiam para se encostar á força branca.

Pelas sete horas (a. m.) avistou-se um pouco a N. do caminho, a povoação do Vuyana. Mandeí então seguir a força europeia pelo caminho, e, com o tenente graduado Couto e o interprete, fui juntar-me á guerra de Cuio, para a fazer avançar contra a povoação. A principio deixaram-me ir na frente a uns 20 ou

30 metros de distancia, mas logo que, com o grande alcance de vista de que dispõem, perceberam que na povoação não estava gente de guerra, correram sobre ella como galgos.

Quando lá cheguei dois homens estavam azaiaçados no figado, e a gente de Cuio andava juntando as mulheres e creanças e saqueando as palhotas. N'isto appareceu um homem, que escapára não sei como, dentro do curral do gado, dizendo que o Vuyana não era tão culpado como pretendiam, mas como eu não tinha vagar para resolver milandos n'aquella occasião, limitei-me a mandar soltar todas as mulheres e creanças, pousar no chão todos os objectos roubados, excepto comida, e apartar da manada do Vuyana dez bois para o Cuio, como indemnisação, e dez vacas para o governo, como multa. Em seguida mandei a guerra de Cuio passar outra vez para a frente dos brancos que haviam feito alto.

Esquecia-me dizer que, transposta a encosta de que atrás fallei, achamo-nos n'uma planicie extensissima e muito descoberta. O solo era duro, e com a chuva tornara-se muito escorregadio. A erva, não muito alta, estava encharcada. Durante a marcha fortes pancadas de agua alternaram com um sol abraçador, de fôrma que, officiaes e praças, marchando todos a pé, acompanhando os pretos com uma velocidade não inferior a 10 ou 12 minutos por kilometro; ora iam encharcados em agua, ora escorrendo em suor. Como não queria perder tempo, continuei marchando sem descanso até ás onze horas (a. m.). Appareceram-me então dois enviados do Gungunhana, os indunas Zaba e Sucanáca, trazendo de presente 560 libras (das quaes 30 para o Mumbaxéca e 30 para o secretario) e algumas pontas de marfim. Diziam que o regulo me pedia muito que não avançasse mais, que elle viria á tarde pegar pé e fallar de paz com o rei *seu pae*. Respondi-lhes que o regulo era muito gordo e eu muito magro, por isso avançaria mais para lhe poupar fadigas, e que viesse elle trazendo um *sagate* (presente) que eu não me envergonhasse de mandar ao rei. Mandei a resposta pelo Sucanáca, conservando o Zaba preso. N'essa occasião appareceu o homem de Languene, que na vespera acompanhára os dois enviados do Gungunhana, e que eu suppunha ter sido morto por este.

Depois de trinta minutos de descanso, prosegui na marcha até á uma hora (p. m.). Tinhamos assim feito oito horas uteis de marcha a passo mais que ordinario; estavamos exaustos. Os carregadores, só á força de pranchada se conservavam junto á columna, e até a gente de guerra se sentava com frequencia para descansar alguns momentos. Resolvi portanto bivacar um pouco a O., por saber que ficava ali a lagôa de Moatacane.

Fui adiante escolher o sitio para o bivaque, que era de todo descoberto, com um campo de tiro esplendido, ficando a força a uns 20 metros da lagôa, que é enorme (seis a oito vezes a de Coollela) em largura e comprimento, e bastante profunda. A agua não seria, talvez, das peiores, mas a gente de guerra (já então mais de 2:000 porque Zugoiusa, irmão do Muzilla, e outros chefes se nos tinham juntado); entrou por ella dentro, lavando-se, bebendo a agua e revolvendo o lodo, o que fez com que fosse preciso depois deixal-a assentar mais de meia hora antes de se poder beber.

Dispoz o bivaque em quadrado com duas sentinellas em dois angulos oppostos. Quanto aos pretos, ficaram os carregadores junto ao quadrado e as guerras a 200 metros em volta d'elle separadas umas das outras e com postos avancados até 400 metros do quadrado. Foi o tenente graduado Couto que, com não pequeno trabalho, dispoz assim as forças indigenas.

Eram 5 horas (p. m.) quando voltou o Sucasáca acompanhando o Godide, filho do regulo, que trazia 63 cabeças de gado bovino, 510 libras, 2 grandes pontas de marfim e as dez mulheres do Matibejana. Trazia um pedido do regulo para que eu não avançasse mais, novos protestos que elle mesmo viria n'essa noite ou na manhã seguinte. Respondi que eu ficava ali toda a noite e todo o dia seguinte á espera do regulo, que se elle não viesse, o Godide e o Zaba seriam fuzilados, e que eu não avançaria mais porque os brancos já não podiam marchar de cansados que estavam.

Esta resposta dei-a, calculando que o regulo queria apenas ganhar tempo, e que o Sucasáca lhe iria afirmar que o cansaço não nos permittiria avançar.

Effectivamente o aspecto do bivaque parecia confirmar o que

eu dissêra; o tenente Miranda extenuado, abraçado em febre, vomitava constantemente a agua com que tentava mitigar a sede; os soldados dormiam estirados sobre os capotes, tão cansados, que muitos nem quizeram comer o rancho, embora só tivessem comido bolachas desde as tres horas da madrugada; eu mesmo estava deitado e de todo estafado. O Sucanáca dizia que o regulo estava ainda muito longe, mas tudo me levava a crer o contrario.

Chovera quasi toda a noite. Eu pouco tinha dormido, e cada vez se enraizava mais no meu espirito a idéa de não voltar atraz senão com o regulo aprisionado ou com a sua cabeça, e por isso ás tres horas (a. m.) mandei levantar as praças e os carregadores, enrolar os capotes, e marchámos ás quatro horas (a. m.).

O tempo melhorára, e a gente de guerra logo que ouviu movimento no nosso bivaque, levantou-se para nos acompanhar. O terreno continuava a ser descoberto e plano, o chão duro. Apressei a marcha por fórma que varias vezes fomos em acelerado.

Appareceram pela nossa frente umas tres mangas de guerra, gente que evidentemente estava com o Gungunhana, mas cujos chefes vieram a correr declarar que pegavam pé e pediam para nos seguir. Essa gente disse que o Gungunhana estava no Chaimite, para onde fora, a fim de fazer sobre a sepultura de seu avô, Manicusse, diversas cerimonias, para arranjar feitiço que impedisse de descobrir onde elle estava.

Pelas seis horas e trinta minutos (a. m.) avistámos Chaimite no meio de um terreno arenoso cheio de marçala e môrros de muchem, portanto muito facilmente defensavel. Então apressei a marcha ainda mais, apesar das guerras indigenas começarem a deixar-se ficar para a rectaguarda, ou por terem medo que o regulo se defendesse, ou influenciados pelo prestigio que elle ainda tinha, conseguindo só á força de distribuir espadeiradas, fazer avançar alguma gente comnosco. Nessa occasião duas praças brancas caíram exhaustas, mas eu não podia demorar-me um momento que fosse, e por isso a marcha continuou sem haver a minima interrupção. Essas praças foram levadas pela gente da guerra preta para a rectaguarda, e passaram o resto do dia e a noite na povoação de Cuio, reunindo á força no dia seguinte. A uns dez minutos da povoação dei ordem para que as guerras for-

massem um cordão em volta d'ella, e que só entraria dentro a força branca. Os pretos assim fizeram, ficando a uns 100 metros da pallissada que cercava as palhotas.

A povoação de Chaimite, onde foi enterrado Manicusse, tinha umas vinte e cinco a trinta palhotas cercadas por uma pallissada de 1<sup>m</sup>,5 de altura, tendo entrelaçados nas estacas muitos arbustos espinhosos.

Era uma especie de cidade santa dos vátuas, e deviam ter-se ali passado scenas de grande carnificina, tanto antigas como muito recentes, porque ao approximarmos da povoação encontrámos algumas caveiras humanas já brancas, ao mesmo tempo que se sentia um cheiro muito intenso a carne podre, e os pretos disseram depois que no matto estavam varios cadaveres. Dava ingresso na povoação uma unica entrada de não mais de 40 centímetros de largura.

Corri para ahí á frente dos brancos ao passo que o circulo dos pretos se ia apertando a pouco e pouco. Entrei na frente seguido pelo tenente graduado Couto, dr. Amaral, tenente Miranda e interprete. Julguei logo que entrei que o regulo se defenderia, porque vi encostados á pallissada do lado interior alguns pretos com espingardas, parecendo preparar-se para fazer fogo. Como trazia a espada na mão, corri logo sobre elles, e ou fosse porque já tivessem de todo perdida a força moral, ou por verem logo atrás de nós a testa da columna que derrubára as estacas lateraes da entrada, é certo que nenhum fez fogo, deitando todos a fugir e sumindo-se nas palhotas. Este acto de cobardia dos pretos foi providencial, pois fuzilando-me a 10 metros de distancia (que maior não era a que me separava d'elles), teriam provavelmente morto todos os officiaes, os auxiliares teriam fugido logo, e as praças brancas, sem ter quem os dirigisse, teriam provavelmente sido trucidadas pelos 250 ou 300 pretos que depois vi que estavam dentro da povoação.

Vendo, logo que os pretos fugiram, sair de uma palhota proxima um homem de corôa, perguntei-lhe pelo Gungunhana, e elle apontou-me para a mesma palhota de onde saira. Chamei-o muito alto no meio de um silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo á palhota, caso elle se demorasse, quando vi sair de

lá o regulo vátua, que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo, por o terem visto mais de uma vez em Manjacaze.

Não se pôde fazer idéa da arrogancia com que elle se apresentou e do tom desdenhoso com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz.

Mandei-lhe prender as mãos atrás das costas por um dos dois soldados pretos e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o então á força a sentar-se no chão (cousa que elle nunca fazia) dizendo-lhe que elle já não era regulo dos *manguni* mas um *matonga* como qualquer outro. Quando o viram sentar, a guerra preta que a esse tempo já se tinha vindo encostar ao lado exterior da pallissada, alem dos que tinham trepado ás arvores e ao tecto de algumas palhotas isoladas que havia no exterior mesmo proximo á palissada, levantaram grande alarido, batendo com as azagaias nas rodelas em signal de applauso e espanto.

Perguntei ao regulo por Quêto, Manhune, Molungo e Magniguâna. Mostrou-me o Quêto e o Manhune, que estavam ao pé d'elle, e disse que os outros dois não estavam.

Exprobei a Manhune (que era o alma damnada do Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portuguezes, ao que elle só respondeu que sabia que devia morrer.

Mandei-o então amarrar a uma estaca da palissada e foi fuzilado por tres brancos. Não é possivel morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade; apenas disse sorrindo que era melhor desamarral-o para poder cair quando lhe dessem os tiros.

Depois foi Quêto. Elle fôra o unico irmão do Muzilla que quizera a guerra contra nós, e o unico que fôra ao combate de Coollela. Não tinha vindo pegar pé como tinham feito Inguinsa e e Cuio, seus irmãos.

Dizendo-lhe eu isto respondeu que não podia abandonar o Gungunhana, a quem tinha criado como se fôra pae, retorquindo-lhe eu, que a quem desobedecia e fazia guerra ao rei de Portugal deviam pae, mãe e irmãos abandonal-o.

Mandei-o amarrar tambem e fuzilar.

Estas duas execuções produziram na guerra preta um entusiasmo indiscriptível, que manifestaram com ruidosos e repetidos *bayetes*, o que mostra bem que elles confundem perfeitamente a força e a coragem com a crueldade, e que é absolutamente necessario d'estes exemplos para os dominar e fazermo'-nos respeitar.

Veiu então a mãe do regulo Impincazamo, arrastando-se de joelhos, pedir-me que não matasse o filho, nem o Godide, que ambos ella creára. Esta mulher mostrára-se sempre amiga dos portuguezes e muito opposta à guerra.

Disse-lhe que ácerca do regulo só o rei podia resolver, mas que o Godide seria poupado e acompanharia o pae por ella ter pedido; e quanto a ella, por ter sido sempre amiga dos portuguezes, podia voltar para a sua povoação, que eu a ninguem consentiria lhe fizesse mal.

O regulo perdera toda a arrogancia depois da morte do Queto. Disse que dava tudo o que tinha, e entregou 4:000 libras e 8 diamantes.

Mandou recado ao filho Ipsota para trazer todo o gado que levára mais para longe, e mandou igualmente procurar mais marfim a Manjacase, onde ficára enterrado, dizendo que assim esperava que o rei lhe perdoasse a morte. O portador d'estas ordens foi o Zaba, que eu mandára soltar.

Mandei então passar busca ás palhotas, onde se encontraram as armas constantes da relação junta. Supponho que muitas deviam ter ainda por lá ficado, mas a muita chuva que voltára a cair e a grande distancia a que me achava do Limpopo impediram-me maior demora.

Marchei depois, levando commigo presos o regulo, Pissane e Molungo, irmãos de Muzilla, que estavam tambem com elle, Godide, filho do regulo, sete mulheres (*incossikasi*), que o regulo escolheu para o acompanharem, e muitas *unfanas* (rapazes) que carregaram o marfim.

A marcha de regresso foi tambem muito rapida, pois saindo ás dez horas (a. m.) de Chaimite, ás quatro horas chegavamos á povoação de Vuiana, onde acantonei a força branca e os presos, bivacando a gente de guerra em volta da povoação.

N'esse dia fizeram-se oito horas uteis de marcha muito rapida e sempre debaixo de chuva, mas ninguem sentia a fadiga, tal era o enthusiasmo que nos officiaes e praças tinha produzido o aprizionamento do regulo vátua.

No dia seguinte, porém, a marcha que principiou ás cinco horas (a. m.), embora curta, foi pessima e demorada por que mal podiamos andar; para mais, tendo chuvido toda a noite, o caminho estava enxarcado e constantemente passavamos ou pequenos riachos ou pantanos com agua ás vezes até acima do Joelho.

Tive que dar dois descansos; n'esses deu-se um facto que mostra bem quanto os mangeuni tinham ficado impressionados com a prisão do regulo e aterrorisados com o que tinham visto. Querendo eu que os soldados se sentassem, mas vendo a herva muito molhada, ordenei á gente de guerra, que estava mais proxima da força branca, que fossem pôr as rodellas ao pé dos soldados para elles se sentarem. Que lhes custou muito fazel-o viu-se-lhes bem na physionomia, mas não houve um segundo de hesitação no cumprimento da ordem dada.

Cerca das nove horas (a. m.) chegámos a Zimacoze. Embarcada a força europeia e os presos, toda a gente de guerra formou ao longo da margem direita do rio.

Levantei a bordo quatro vivas a El-Rei, á familia real, á armada real e ao exercito, enthusiasmicamente correspondidos pelas praças da marinha e do exercito que estavam armados e debaixo de fórma no *sparedeck*, e em seguida a gente de guerra soltou tres *bayetes*, saudação que eu lhês tinha feito explicar se dirigia n'aquella occasião a El-Rei. Depois cantaram o *Incuáia*, acabando por uma torrente de insultos da mais requintada torpeza áquelle de quem havia poucos dias tremiam com medo.

Deixei expandir assim a natural vileza de sentimentos dos pretos, não para atormentar um prisioneiro já moralmente aniquilado, mas para que os indigenas tivessem bem a consciencia de que o prestigio e auctoridade do regulo acabára de todo e por uma vez.

Seguiu-se uma salva de 21 tiros e a *Capello* levantou ferro chegando a Langane ás tres horas e trinta minutos (p. m.), depois de uma viagem magnifica sem um unico encalhe.

Assim se levou a effeito a prisão do celebre Gungunhana e acabou o predomínio do ultimo dos tres povos guerreiros e poderosos, independentes de facto, que existiam na Africa Austral: Zulus, Matabelles e Vátuas.

Muita gente por certo fará não poucas censuras á maneira como dirigi e commandei este golpe de mão: uns classical-ohão, assenta a exiguidade da força branca, de loucura que só quasi por milagre teve bom exito; outros chamar-me-hão cruel e sanguinario por ter fuzilado os dois prisioneiros. Parece-me, porém, de justiça attender ao seguinte: temerária ou não, semelhante surpresa era indispensavel e urgente, sob pena de ficarem as forças expedicionarias, e portanto o exercito e a nação, de todo desprestigiadas perante os indigenas de Gaza e a gente do Transwaal, Orange, Natal e Cabo. Sei perfeitamente que esta operação foi levada a cabo, sem pôr em pratica muitos dos preceitos que os regulamentos militares determinam, mas nem a pouca força de que dispunha podia dar um serviço de segurança regular, nem a empreza era d'estas que demandam prudencia; era um verdadeiro jogo; ou lá ficavamos todos, ou conseguíamos agarrar o regulo; o que era preciso era andar depressa e não haver hesitações. Sacrifiquei a isso todas as considerações de prudencia.

Com respeito ao fuzilamento dos dois prisioneiros, limito-me a dizer que é muito nobre, muito justo, muito alevantado, sustentar os principios da mais acrisolada philantropia e humanitarismo n'um parlamento, n'uma assembléa qualquer, n'uma redacção de jornal entre concidadãos nossos que pensam e sentem como nós, e ainda por cima mantidos em respeito por numerosas forças do exercito, da armada e da policia militar e civil; é porém muito differente o caso em que se achavam 50 brancos no meio de cerca de 3:000 pretos ainda hontem nossos inimigos. Se não mandasse matar ninguem, todos os cafres supporiam que ainda tinham medo do Gungunhana e voltariam a dizer: «portuguez é mulher, não mata ninguem».

Esta é a maneira barbara e absurda por que elles encaram as cousas.

De resto ainda outra razão influuiu em mim quando mandei fuzilar o Queto.

A constituição rudimentar da sociedade vátua era aristocrática com visos de feudalismo <sup>1)</sup>.

Quando me contavam o que se passava entre os vátuas, parecia-me estar ouvindo narrativas dos tempos merovingios em França, representando os matonga o papel dos Gallo-Romanos. Ora Queto era dos irmãos do Muzilla o mais attendido pelo Gungunhana, e era depois do Jambui o mais poderoso do que poderíamos chamar os grandes vassallos da corôa vátua, e tanto assim que Inguinsa, seu irmão e os filhos do Curio, seus sobrinhos, quando o viram cair disseram: « branco sabe tudo até adivinhar quem devia matar ».

No dia 29, pelo cair da tarde chegaram um filho e um secretario do Jambui, dizendo que vinham com o fim de adquirir a certeza de que o recado recebido pelo regulo do Lipallula era de veras meu.

Talvez ao regulo houvesse já constado a marcha para Chaimite, e mandava ver qual tinha sido o resultado. Disseram-me que o regulo não vinha ainda, por que sendo gordissimo, o que eu sabia ser verdade <sup>2)</sup>, precisava que o trouxessem, mas que viria logo que eu quizesse. Mandei-lhe dizer que ia agora a Fumo (Lourenço Marques) levar o Gungunhana, que em voltando e em tendo a minha povoação no Chibutze lhe mandaria recado para elle mesmo vir pegar pé, para ir um official depois escolher local para um posto fortificado para a força branca, e fazer o recenseamento para elle pagar o imposto de palhota que eu fixasse.

Tudo acceitaram de bom grado e asseguraram que o regulo havia muito desejava que fosse para lá força branca <sup>3)</sup>. Sabendo que no Lipallula havia baneanes estabelecidos, ordenei-lhe que os contasse e me mandasse o numero d'elles n'uma corda com nós, a fim de eu os fazer pagar as licenças para venda.

No dia 30 chegaram os gados, o marfim e as dez mulheres

<sup>1)</sup> Por exemplo, direito de representação nas banjas dado só pela posse de terras, razão porque o Maguiguana que era o grande chefe de guerra não ia ás banjas, por que sendo buingella não era senhor de terras.

<sup>2)</sup> Caldas Xavier (*Territorios ao sul do Save e os vatuas*), um dos boletins da sociedade de geographia de Lisboa, 1894.

<sup>3)</sup> Isto concorda com as informações que me deu o alferes Villar, ex-commandante militar de Lipallula.

do Matibejana que o Godide trouxera ao nosso bivaque no dia 27. Permitti que o Matibejana escolhesse tres para o acompanhar e mandei as outras para as suas respectivas povoações, á excepção de uma que mandei escolher ao irmão do secretario de Languene, depois de saber se ella queria casar com elle. A este homem dei tambem um boi para o recompensar dos bons serviços que tinha prestado. A cada uma das guerras que acompanhava (eram vinte e uma), dei quatro vitellas. É claro que houve distribuição de «soupe» aos chefes e a todos os duzentos e sete auxiliares de Chai-Chai, Languene e Lofugasi.

S. ex.<sup>a</sup> o commissario regio ordenou em 5 de junho do anno findo que se affixassem nas diversas ruas d'esta cidade e fossem distribuidos por todas as auctoridades militares e civis, em serviço nos diversos pontos do dominio de Portugal n'este districto, editaes em que se annunciava «que o governo concederá o premio de 900\$000 réis a qualquer pessoa que prender ou entregar algum dos regulos da Zichacha ou da Magaia.»

Attendendo a este facto, á muita superior importancia da captura do Gungunhana, e a que haviam sido os brancos, e só elles, que o haviam apanhado, mandei distribuir 200 libras ás praças, que me haviam acompanhado, sendo 8 libras para o sargento, 4 para cada cabo e soldado, 4 ao corneteiro e 2 para cada um dos dois soldados pretos.

Sei que exorbitei distribuindo esta quantia ás praças, mas espero isto me seja relevado, attendendo ao que expuz acima. De resto, quando assim não succeda, os meus vencimentos podem assegurar á fazenda publica rehavel-a em pouco tempo por meio de desconto.

N'esse mesmo dia impuz ao Munhi, regulo do Chai-Chai, a multa de 30 libras, em ouro, por elle se ter deixado ficar em Zeinacozí, e não acompanhar a sua guerra, dizendo-lhe que o não mandava fuzilar por elle ser ainda um rapaz.

Tambem a pedido de Cuió e Inguinza mandei soltar o irmão mais novo, Pissana, que parecia apatetado, impondo-lhe uma multa de 30 libras em ouro e 60 cabeças de gado bovino por não ter vindo pegar pé, ficando os dois irmãos por fiadores d'esta multa. Deixei escriptas as instrucções precisas para o secretario

do governo militar de Gaza, tenente graduado Couto, effectuar o mais depressa possivel a prisão de Mahazul, e logo que chegasse o alferes Raul Costa mudar o posto o mais breve possivel para Chibutze, principiar a construcção de um reducto, abrir a estrada até ao Chicome e juntar um deposito de lenha para as lanchas. O Ipsota quando se apresentar será remettido para Lourenço Marques. No dia 31 ás seis horas (a. m.) sai de Languene com o tenente Sanches de Miranda, 24 praças das mais doentes e os prisioneiros, ficando no posto o tenente graduado Couto, o facultativo dr. Amaral, 1 sargento, 1 corneteiro e 30 praças. Durante a viagem, um soldado de infantaria 2 dos que tinham ido a Chaimite, o n.º 224/2:740 da 3.ª companhia do 2.º batalhão, José da Purificação, quando pretendia encher de agua do rio a caldeira de ferro, caiu. Largou-se logo um bote e ainda vimos o homem a nadar, mas, quando a embarcação estava a uns 20 metros desapareceu, de certo agarrado por algum jacaré, pois a despeito de todos os esforços não foi possivel encontrar o cadaver.

Desde 31 de dezembro até 2 de janeiro estivemos na barra do Limpopo.

Com a prisão do Gungunhana desaparecem quaesquer probabilidades de uma rebellião séria ao sul do Save; Jambui e Chonguella são os unicos dois regulos fortes, e nenhum d'elles parece disposto a metter-se em tão arriscado empreendimento. Não significa isto que o paiz de Gaza esteja dominado e perfeitamente sujeito. Ainda não passei de Billene, não faço portanto idéa do que se tem passado entre os Macuacuas, e entre os M'chopes não avassalhados em Inhambane. Mesmo no Billene são muitos os elementos de desordem. O chefe Inguinsa, irmão de Muzilla, que tem sido o indigena que tenho ouvido fallar com mais senso, instando por que eu prendesse e matasse o sobrinho Gungungana, accrescentava que depois de elle preso eu devia fazer povoação no Billene, e ficar ali com impi branca porque os mangoni nunca se haviam de deixar de matar e roubar senão depois de muito castigados. O testemunho é insuspeito por ser de um mangoni da mais pura raça, filho do proprio Manicussi.

Para que a pouco e pouco este districto, tão vasto e populoso, entre nas condições normaes de existencia, julgo indispensavel o seguinte:

1.º Manter por alguns annos o regimen excepcional a que o sujeita o respectivo decreto provincial;

2.º Organisar, remontar, equipar, armar e uniformisar quanto antes o corpo de policia;

3.º Desarmamento geral, recolhendo aos depositos do governo todas as armas de fogo, que estão na mão dos indigenas. Bom seria, que se fizesse o mesmo nas terras de Lourenço Marques até ao Incomati;

4.º Fazer o recenseamento das palhotas, a fim de que ainda este anno se cobre o imposto, que deve ser de 2\$500 réis (meia libra em ouro) por palhota;

5.º Decretar o imposto de oito dias de trabalho gratuito para cada individuo adulto em cada anno, para o governo;

6.º Abrir estradas do Chibutze a Chicome, a Marracuene, a Magude, ao Lipallula, ao Inguana, etc.; mencionei-as por ordem de urgencia relativa;

7.º Montar o serviço de correspondencia postal, pelo menos de quinze em quinze dias, entre Chibutze, Lourenço Marques e Inhambane. Este serviço será feito por indigenas á candinga. Mais tarde, completa a linha telegraphica até Chicome, é necessario ligar Chibutze com aquelle ponto e com Marracuene, ficando assim ligadas Inhambane com Lourenço Marques, com muito menos despeza do que a exigida por um cabo submarino.

D'estas medidas, muitas irei pondo em execução, porque não dependem de ordens superiores.

Para a segunda, terceira e quarta, é que careço de todo o auxilio do governo geral, e do da metropole. Espero que não me faltem, a bem do nosso prestigio n'esta provincia. O que me parece, entretanto, mais essencial, é que, com o districto de Gaza, o governo de Sua Majestade experimente seguir um systema inverso, ao que geralmente tem adoptado na creação de novos districtos nas provincias ultramarinas. Não convem, a meu ver, dotal-o, ou antes, sobrecarregal-o com o pessoal numeroso, mudar os nomes ás localidades, crear cidades e villas, que nunca

chegam a ter meia duzia de habitantes, e sobretudo decretar à priori uma infinidade de medidas e regulamentos quasi sempre inadequados, e portanto inexequiveis, mas que cerceiam a auctoridade e os meios de acção ao governador, e impedem que faça qualquer cousa pelo progresso do districto.

O systema a seguir, quanto a mim, baseia-se no estado social d'estes povos. Como todos sabem, não podem ser mais simples nem rudimentares as poucas instituições, que têm; por isso, uma legislação complexa e uma regulamentação minuciosa serão sempre inadéquadas aqui. Por agora parece-me se lhes deve deixar ter o systema de governo mais simples, o unico que elles conhecem e comprehendem; uma auctoridade unica a mandar sem peias de especie alguma.

Os principios liberaes, os direitos do cidadão, a completa separação dos poderes, ha muito quem pense que foram prematuramente applicados a Portugal; calcule-se o que seriam aqui. A pouco e pouco, tendo estudado estes povos, e tomado inteiro conhecimento das leis e regulamentos britannicos applicaveis aos nativos da Mashona, Matabeland, Natal, etc., irei propondo regulamentos muito simples, que deixem muita latitude e iniciativa a quem tenha de os executar. E se o governo de Sua Majestade não confia, talvez com jutissima razão, na minha intelligencia e conhecimentos para tão difficil encargo, peço que me mande substituir immediatamente por alguém que tenha esses dotes, mas que nunca a falta de confiança se manifeste applicando aqui leis e regulamentos, que cerceiem os meios de acção e auctoridade do governador, que d'isso precisa mais que de tudo na actual conjunctura.

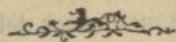
E se os resultados não corresponderem ás minhas esperanças, a responsabilidade será do governador, e só d'elle. Ha mil maneiras, inspecções, inqueritos, syndicancias, de lh'a tornar efectiva, a fim de o castigar, se houver delinquido. Não posso deixar de me referir aqui ainda ao imposto que proponho. S. ex.<sup>a</sup> o commissario regio achava-o exagerado de certo, porque, não tendo visitado este paiz, não teve occasião de ver a quantidade de ouro (libras e meias libras inglezas e australianas) que andam espalhadas por cá. Tinha ainda s. ex.<sup>a</sup> a preocupação de que,

era injustissimo exigir impostos a povos a quem nada fazia o governo (creio que s. ex.<sup>a</sup> se referia a melhoramentos materiaes). Ora verem-se livres das delapidações, roubos e morticínios constantes do Gungunhana e seus sequazes, a troco de meia libra annual por palhota, é, como se usa dizer entre o povo *um ovo por um real*. Aqui todos os indigenas o pensam e m'o têm dito.

Por ultimo não posso terminar este relatorio sem dizer que, se eu me metti na empreza de prender o Gungunhana com recursos tão escassos, foi sómente por me ver na absoluta necessidade de o fazer; mas os tres officiaes, que me acompanharam, deram uma prova evidente de muita subordinação e brio militar, partindo para ella sem a minima observação, nem signal de descontentamento, quando todos estavamos bem convencidos de que o exito era muito duvidoso, e que o menor contratempo teria como resultado o sacrificio das vidas de quantos europeus marchavam. Não menos provaram o seu zêlo e boa vontade na maneira como trabalharam para que tudo corresse bem, e na inalteravel alegria e constancia, com que supportaram a fadiga e incommodos, a que, mau grado meu, não os pude eximir. Por esse motivo não hesito em pedir para estes officiaes uma recompensa condigna das qualidades que revelaram.

Quanto ás praças, comportaram-se de uma fôrma que merece todos os elogios, mostrando ser dignos camaradas dos soldados, que tive occasião de apreciar na marcha sobre Manjacase e combate de Coollela.

Lourenço Marques, 16 de janeiro de 1896. — O governador, *J. Mousinho de Albuquerque*, capitão.



## A prelazia de Moçambique no passado

(Continuação de pag. 178)

No meiado do seculo XVII Tete era o lugar de onde irradiavam os grandes caminhos commerciaes para o interior, e por isso o emporio onde vinha reunir-se todo o oiro e marfim das feiras distantes, e ao mesmo tempo o lugar onde se abasteciam todos os negociantes portuguezes, que alli traficavam, dos objectos indispensaveis á sua larga permuta, de que hoje resta uma tenue sombra, prestes a desfazer-se com a aragem do mais leve revez.

Partindo de Tete para o sudoeste, a trinta e cinco leguas, se encontrava proximo do curso do Mazoé a feira de Luanza, por onde passavam todas as caravanas commerciaes, que se dirigiam aos centros productores.

Era aqui a primeira estação onde os dominicanos possuíam uma igreja magnifica, como se póde vêr na *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz de Cacegas, ampliada por Fr. Luiz de Sousa, que falando dos estabelecimentos portuguezes na Mucaranga, diz : « alem das tres igrejas ditas administram os nossos religiosos outras tres que são : Luanze, Massapa e Manica ».

A 13 leguas de distancia de Luanze, em linha recta e a pouco menos de 240 kilometros de Tete em direcção oeste-noroeste, ficava Bocuto, onde se fazia uma feira de alguma importancia, e onde tinham igreja os religiosos de S. Domingos.

Approximadamente a 10 leguas d'este ponto, proximo

de Mazoé, existia a celebre feitoria e ao mesmo tempo posto militar de Massapa, onde todos os portuguezes tinham privilegios especiaes, concedidos pelo Monomotapa.

Este mercado tinha como chefe um capitão portuguez; alli se levantou um templo de Nossa Senhora do Rosario, onde residia, pelo menos, um padre da ordem de S. Domingos. Segundo os srs. Capello e Ivens, Massapa devia demorar por 17° de latitude sul e 32° de longitude.

A oeste de Massapa existia o mercado do Fura, nas vertentes da montanha d'este nome, onde alguns collocaram a Ophir de Salomão; aqui nova missão dos dominicanos ministrava os soccorros espirituaes aos portuguezes e catechisava os indigenas, o que os missionarios nunca perderam de vista.

Um dos mais importantes mercados e residencia dos portuguezes no Monomotapa foi o Dambarare, abandonado em 1710, restaurado em 1769, para ser abandonado de novo; era um ponto bem fortificado com artilheria nas terras do Chingamira a seis dias do Zimbaoé do Monomotapa. Os padres de S. Domingos ahi tinham uma igreja da qual ainda ha pouco existiam as ruinas, bem como as de casas importantes. Esta terra teve fama de grande riqueza aurifera e a estação foi uma das mais importantes do interior.

A leste, e a pequena distancia, os mesmos padres levantaram outra igreja dedicada a S. Domingos na feira do Ougué, onde a população era importante e o commercio, ainda que uma e outro inferior a Dambarare. D'esta feira diz no seu *Tratado dos rios de Cuama*, Fr. Antonio da Conceição: «O Ougué dista do Dambarare para a parte do nascente tres dietas... só o capitão e o vigario viviam juntos».

«Esta feira de Ougué foi sempre de menos rendimentos e de menos moradores do que a de Dambarare; no mesmo anno de 1691 appareceu n'ella uma mina de ouro de muita importancia.»

A tres dias de Dambarare para oeste, segundo Fr. Antonio, tinhamos o rico mercado de Quitamburvisé, e n'esta região tinha havido outras feiras nos primeiros tempos da conquista; lá estava tambem uma igreja com o seu vigario.

« Entre Quitamburvisse, Dambarare e Ougué e nos seus territorios tinhamos outras feitorias ». — Fr. Antonio da Conceição, livro citado.

Nas terras vizinhas de Abútua, chamada a mãe do ouro, tiveram tambem missões os padres de S. Domingos, que foram naturalmente abandonadas no tempo das guerras do Chingamira.

No Zimbaoé do Monomotapa, talvez aquelle em que Silveira foi martyrisado, mais de um seculo antes, a missão alli fundada foi cedida pelos jesuítas aos dominicanos; é provavelmente este Zimbaoé por excellencia, onde vivia o Monomotapa, e que ainda hoje se vê nas cartas por 20º de latitude sul e 32º de longitude na margem direita do Save, a 300 kilometros a oeste de Sofala. Aqui residia um capitão portuguez e um vigario de S. Domingos, que era o capellão do Monomotapa.

Fr. Antonio da Conceição diz: « O vigario d'este presidio é religioso de S. Domingos ».

Que estes presidios e feiras contavam em geral mais que um padre, prova-o o facto de em 1695 só em Dambarare ter o Monomotapa, de combinação com o Chingamira, passado ao fio de espada, ou melhor, a golpes de zagaia, os portuguezes, e entre elles dois padres dominicanos que alli residiam.

Por occasião das discordias anteriores ás invasões e guerras do Chingamira, com as quaes os nossos estabelecimentos tanto soffreram, entre Mavusa ou D. Philippe e Capransine, em que o primeiro suplantou o segundo com o auxilio dos portuguezes, como se vê pelo tratado das capitulações de 1629, querendo o mesmo mostrar-se grato a tal auxilio, tiveram as missões dos dominicanos grande incremento; pois D. Philippe, mostrando-se generoso, quiz, segundo fr. Luiz de Cacegas, na *Historia de S. Domingos*, que « se levantá-se egreja na sua côrte », (o Zimbaoé, de que falámos acima?) « Vieram novos obreiros... Espalharam-se logo por vigarios n'aquellas feiras. Na de Luanze, já antiga, com uma formosa egreja... na de Massapa ou das Portas... na de Chipirivira, isto quanto ao reino de Mocaranga. »

Em Manica, além da feira e igreja de Massiqueça (Massiquece) que era a mais importante e de que já falámos, outras se crearam ahí por meados do século XVII, segundo a mesma *Historia de S. Domingos*. « No reino de Manica, onde já era antiga a christandade, se levantaram tres igrejas e parochias: na feira de Umba, na feira de Chipangura, na feira de Mатуca. »

Por este tempo era tão intensa nos paizes ao sul do Zambeze a influencia missionaria portugueza, que alguns parentes do Monomotapa pediram o habito de S. Domingos, foram mestres em theologia e morreram em Gôa, tendo desempenhado importantes logares na sua ordem.

Seguindo de Tete o curso do Zambeze, encontramos a igreja e casa conventual do Zumbo, onde em tempos relativamente modernos tão profundamente radicada ficou a memoria veneravel de Fr. Pedro.

Proximo das quedas de Quebrabassa, entre Tete e Zumbo, existiram outros estabelecimentos dos filhos de S. Domingos, e caminhando paralelo ao Zambeze muitos dias topava-se com Buruma e mais além Muzimo ou Mouse, onde esta benemerita ordem tanto se esforçou por implantar o nosso dominio, estabelecendo missões e igrejas.

Além das missões, sobretudo ao sul do Zambeze, largamente espalhadas pelo actual Machona, Chidima, Baniái, Macalaca, Abutua, Manica, Quiteve e Sofala, os dominicanos serviam tambem as missões de Mombaça, Melinde e Zanzibar, de que não falaremos, por estarem fóra do nosso plano.

Em Anniza e Querimb, duas ilhas do Cabo Delgado, tinham duas parochias e um convento, como se vê da *Historia de S. Domingos*, por Fr. Luiz: « O visitador dos rios chegou a Mosse, onde visitou o convento e as igrejas das ilhas de Querimba e Anniza. »

Além d'estas igrejas, que eram parochias, levantaram no continente e ilhas do Cabo Delgado algumas capellas, como em Mocimboa, onde ainda hoje é viva a tradição dos padres dominicanos.

Em frente de Moçambique tinham a igreja de Nossa

Senhora dos Remedios da Cabaceira Grande, que, depois de jazer por largo tempo em ruinas, se está restaurando actualmente, e talvez a de S. João Baptista da Cabaceira Pequena, onde actualmente só vivem mouros, se exceptuarmos o regedor, que, por não ser d'alli, é christão.

Em 1822, no tempo de Fr. Bartholomeu dos Martyres, bispo de S. Thomé e prelado de Moçambique, ainda os religiosos de S. Domingos curavam seis igrejas, reliquias das vastissimas missões d'esta prelazia.

Que decadencia, porém, tinha invadido tudo no espaço de pouco mais de um seculo!

Centenares de dominicanos entre os quaes citaremos os nomes de Jeronymo Lopes, João Fausto, João Madeira, João dos Santos, Jeronymo de Santo Agostinho, Manuel Pinto, Francisco da Trindade, Gaspar de Macedo, João do Couto, Luiz de Santo Thomaz, Francisco das Chagas, Simão de Santo Thomaz, João de Nossa Senhora, Diogo Correia, Estevam d'Assumpção, João dos Santos Thomaz, Luiz do Espirito Santo, João da Trindade, Manuel Sardinha, Aleixo dos Martyres, Manuel da Cruz, Aleixo do Rosario, Victorino de S. José Machado, Amaro José de Santo Thomaz, bispo de Pentacomia, morto em Teté em 1801, José Nicolau de Jesus Maria Pegado, e muitos outros, aqui illustraram a familia dominicana e trabalharam pela gloria da patria, que apesar do tempo e das vicissitudes da nossa má estrella, ainda hoje se percebe a sua influencia entre os indigenas.

\*  
\* \*

Não eram, porém, os dominicanos os unicos missionarios que trilhavam os vastos sertões da Zambezia; ao seu lado outras ordens religiosas e padres seculares levaram a cruz do Redemptor com a influencia do nome portuguez aos invios recantos d'esses sertões.

Como já vimos, foram os jesuitas os primeiros que de um modo eficaz e methodico principiaram a evangelisação d'esta parte da Africa.

Depois da missão de Gonçalo da Silveira, novos jesuitas acompanharam as expedições de Francisco Barreto, entre elles e o celebre Monclaros, e bem depressa estabeleceram as suas egrejas do Zambeze, que vamos em pouco mencionar.

Em 1604 os jesuitas Francisco Gonzales e Paulo Aleixo seguem para o Monomotapa com a expedição que alli foi para tratar da exploração do oiro, e em 1620 o padre Julio Cesar volta ao Zimbaoé de Monomotapa, que n'essa epocha ficava a leste de Tete, a quinze dias de viagem e quasi no mesmo paralelo. D'esta situação se deduz que não era este o Zimbaoé, por antonomasia, ao sul de Manica, mas um dos muitos logares d'estas regiões, onde viveu algum dos imperadores; este missionario redigiu uma importante narração d'essa viagem, que chegou até nossos dias.

Poucos annos depois a missão do Zimbaoé é entregue aos dominicanos, que assim ficam servindo todas as egrejas dos sertões a noroeste de Sofala e ao sul do Zambeze, possuindo Muruma e Muzimo ao norte além das Anvuas, por onde faziam caminho para aquellas afastadas regiões.

Só em 1619 é que os jesuitas construíram a magnifica casa destinada a collegio em Moçambique, com o titulo de S. Francisco Xavier, e junto a ella uma espaçosa capella, que actualmente serve de sé e de parochia, tendo como padroeiro S. Paulo.

Governava pela segunda vez a conquista de Moçambique, Sofala, Rios de Cuama e Monomotapa, D. Nuno Alvaes Pereira, que cedeu para a fundação d'esta casa, que era a mais importante dos jesuitas n'esta costa, o local da primeira fortaleza, que se levantou na ilha de Moçambique em 1507.

Proximo do collegio de S. Francisco Xavier levantaram os jesuitas uma outra casa que servia de hospedaria, e que mais tarde serviu de aposentadoria dos desembargadores que

vinham á correição; actualmente e depois de renovada serve esta casa de inspectoría da fazenda.

Este collegio era muito importante, pois logo em 1624, segundo as *Cartas annuaes*, residiam alli seis padres, numero que se deprehe de augmentou nos annos seguintes.

Em 1763, pouco depois da expulsão dos padres da Companhia, installava-se n'esta casa a residencia dos governadores, que até essa data era na praça de S. Sebastião. Foi o que salvou a capella de S. Paulo; a não ser isto teria desaparecido, como todas as suas irmãs, debaixo dos golpes repetidos do camartello dos civilisadores da ultima metade do XIX seculo.

Nas bôccas do Zambeze tinham os padres da Companhia em 1624 duas egrejas parochiaes: uma no Luabo, sob a invocação de Nossa Senhora da Saude, que n'esse anno tinha como parochio o padre Luiz Alvares; e a outra era Santa Cruz, proximo a Quelimane, de que era parochio n'esse tempo o padre Miguel Rodrigues.

A parochia de Nossa Senhora do Livramento de Quelimane tambem pertencia aos jesuitas, mas não encontro a data da sua fundação, assim como não pude encontrar indicação segura sobre o ponto exacto da parochia e residencia de Santa Cruz.

Parece que esta residencia de Santa Cruz era muito importante, pois o padre Mauricio Thomann, que foi um dos padres que residiam em Marangué, descrevendo em uma biographia allemã todos os trabalhos que soffreu, elle e os companheiros, presos em Tete, na viagem até Quilimane, falando do menos rigor com que os tratou o commandante de Quilimane, que lhe concedeu que no dia de Todos os Santos celebrasse missa e dêsse a communhão aos companheiros, o que não tinha podido fazer desde o dia da prisão, diz que os enviou para a sua residencia (d'elles) «où il y avait déjà sept autres jésuites» onde já estavam sete jesuitas, naturalmente provenientes das estações visinhas; a não se preferir suppôr que eram os de Sena, o que não diz.

Seguindo o curso do Zambeze possuíam em Sena os pa-

dres da Companhia uma residencia importante a que o padre Mauricio Thomann chama casa mãe da missão do Zambeze, talvez por ser mais antiga do que a de Moçambique.

As *Cartas annuaes* da Companhia, referidas a 1624 dizem que alli residiam nove padres, onde tinham a igreja do Salvador com casa muito importante.

Um pouco a juzante no prazo de Caia, com uma população ainda hoje importante, estava a cargo dos mesmos padres a igreja parochial de Nossa Senhora da Saude, uma das igrejas que mais tempo resistiu á derrocada e ao desleixo, que tudo acabou emfim.

Seguindo ainda o rio a sete leguas a montante de Sena possuíam os jesuitas uma missão no Chemba, prazo doado a esta ordem pela corôa, para de alli tirarem os padres os meios de subsistencia.

O padre Manuel Mendoza em 1624 tinha percorrido mais de cem aldeias indígenas para as catechisar e administrar os sacramentos; instruiu mais de quarenta creanças, que cantavam a doutrina christã em lingua cafre. Nada menos que dois cathecismos foram por esta epocha confeccionados em lingua cafre, para uso dos pretos; desappareceram como tudo o mais, creio que hoje se não conhece nenhum exemplar.

Proximo de Sena tinham ainda os jesuitas algumas missões, pois se diz nas *Cartas annuaes*, que um outro padre servia duas igrejas a distancia de 5 leguas uma da outra.

Passada a Lupata, a meio caminho entre Massangano e Tete, na margem direita do Zambeze e Aruanha ainda hoje se podem observar as ruinas de uma casa e igreja. Era a parochia de Nossa Senhora da Assumpção do Marangué. A imagem da padroeira ainda existe na sacristia da igreja de Tete, segundo affirma o padre Courtois no seu livro *Notes chronologiques*, já citado, e durante muito tempo alli foram em piedosa peregrinação os povos de Marangué visitar a sua antiga padroeira.

Parece que este prazo tambem tem sido doado á Companhia para o agricultar e viver do seu rendimento, além do Luabo e Chemba. Segundo Fr. Antonio da Conceição,

esta parochia de Marangué regulava em importancia pela de Caia: « Marangué dista do fim da Lupata 15 leguas, onde está uma freguezia dos religiosos da Companhia de Jesus quasi do lote da de Caia. »

Em Tete os padres da Companhia levantaram o collegio do Espirito Santo, onde residiam sempre em numero importante, e era de alli que destacavam pessoal missionario para Marangué e Chibura, onde tinham mais que uma missão.

Parece que reinou sempre boa harmonia entre estes padres e os dominicanos, que eram os parochos e vigarios da vara em Tete, pois é commum encontrar nos archivos da egreja parochial de S. Thiago Maior baptismos celebrados pelos jesuitas, por delegação do respectivo parochos, que era sempre dominicano. Ainda em 1756 e 1757 encontramos os padres José Antonio, superior da casa do Espirito Santo, e João Baptista, superior de Marangué, baptizando por delegação dos padres dominicanos Fr. Thomaz da Esperança e Fr. Placido Atilão.

Entre os padres jesuitas, que com tanto entusiasmo e dedicação missionaram no valle do Zambeze, é celebre o padre Luiz Marianno pela precisa descripção e noticia que nos dá das terras dos povos Maraves ao nordeste de Tete, na sua carta de 1624, em que fala do lago Hemozura ou Maravi, que evidentemente é o Niassa, e do rio Chiriu, que é o Chire; por onde se vê que mais de duzentos annos antes de Livingstone, os portuguezes tinham percorrido essas regiões, navegando os seus rios e explorando os seus lagos: « Este lago (Niassa) é muito povoado, e nós (os portuguezes) fazemos grande trafico com os habitantes. » São palavras do padre Marianno.

Emfim, em 1759, em virtude da ordem de expulsão de todos os membros da Companhia de Jesus de Portugal e suas colonias, foram presos todos os jesuitas da Zambesia e de Moçambique e tratados com um rigor que não abona muito o espirito de gratidão, a que tinham jus pelos seus excellentes trabalhos no Zambeze.

Aqui, sobre o terreno onde elles trabalharam, e vendo a

miseria que surgiu triumphante quando elles cahiam vencidos, póde bem affirmar-se que a religião, o progresso e o nome portuguez nada lucraram com similhante medida, mas antes perderam muito a todos os respeitos.

Por falta de livros não pude encontrar a que cifra ascendia o numero de jesuitas na epocha da expulsão, mas não será demasiado calcular em mais de trinta presbyteros afóra os irmãos leigos, se considerarmos as parochias e missões que estavam a seu cargo.

São bem dignos de menção entre dezenas os nomes dos padres Gonçalo da Silveira, Antonio Carneiro, Luiz Marianno, Pinheiro de Faria, Pedro da Trindade e muitos outros que omittimos.

Foram os dominicanos que em geral receberam as parochias de mais movimento deixadas vagas pela sahida dos jesuitas começando, porém, o pessoal a faltar a esta ordem, em pouco tempo essas parochias cahiram em ruinas e de algumas nem vestigios nos restam, o que aliás é bem natural em uma terra onde tudo se apaga rapidamente.

#### BISPO DE HIMERIA.

(*Continúa*).



## A queda e o restabelecimento do poder temporal do Papa

(Continuação de pag. 192)

Não nos obrigueis a dizer o nome que deve dar-se á compaixão dos vossos grandes senhores pelos nossos subditos italianos.

Eis o que Pio IX e os seus ministros podiam responder aos conselhos ingenuos ou ás hypocritas condolencias que lhe apresentavam. Os diplomatas da Russia, os da Austria e mais alguns parece que nem sempre foram illudidos, nem cúmplices dos revolucionários cosmopolitas, que trabalhavam na Italia por conta das sociedades secretas; conheceram por vezes o segredo dos seus projectos, e desmascararam-n'os. É que as calumnias tambem eram demasiado visiveis e ruidosas. Os homens imparciaes, os viajantes sinceros, ficavam estupefactos quando comparavam a realidade com as fabulas impudentemente espalhadas em todo o mundo: «Não nos refazemos da surpresa, do espanto e da indignação, escrevia um d'elles em 1858, quando, percorrendo a metropole do mundo catholico, lemos as descaradas mentiras que a seu respeito se publicam.»

Cremos que o leitor não lerá sem interesse, ácerca d'estas questões, uma conversação do imperador Napoleão III com o bispo de Poitiers; é extrahida de uma carta d'esse prelado a um dos seus amigos, em data de 6 de maio de 1856:

«Vi o imperador, escreve Mgr. Pio a Dom Guéranger.